ANALYSE

SCIENTIFICA E PRATICA

SOBRE A

CRANIOTOMIA

COM

RELAÇÃO AO MÃO SUCCESSO DA SERENISSIMA PRINCEZA IMPERIAL

A SRA. D. IZABEL

PELO

DR. CAROLINO FRANCISCO DE LIMA SANTOS

MEDICO E OPERADOR

RIO DE JANEIRO

Typ. da Gazeta Juridica, rua do Carmo n. 42

1875

INTRODUCÇÃO

AO PAIZ

Como cidadão brazileiro e cidadão qualificado por um diploma de doutor em medicina pela primeira faculdade do Imperio, e ainda por longa pratica, depois de ter estudado na Europa varios ramos da sciencia medica, inclusive a *obstetreticia;* confiado nas instituições que nos regem—ao menos emquanto não forem ellas mudadas—e na liberdade da imprensa, que é o meio de fazer-se a luz no tribunal da opinião—deliberei-me, após séria meditação, a publicamente manifestar minhas convicções ácerca do *máo successo* da Serenissima Princeza Imperial, a Sra. D. Izabel, e em que se dera a perforação do craneo ou a *craniotomia* em o seu primeiro fructo!

Pois bem. Se a opinião publica recebeu os meus escriptos com toda attenção, se o *Jornal do Commercio* os estampou, a *Reforma* tambem, e o *Diario da Bahia* os transcreveu, porque elles eram firmados em principios e em documentos offerecidos ao publico pelos proprios *medicos assistentes*, e pelo governo—em suas partes officiaes; e, portanto, se bem firmado ficou—ao ponto de não ser possivel, até hoje, dar-se-me resposta alguma,(*) que a primogenita da Serenissima Princeza fôra sacrificada á incuria e á graves erros dos *medicos assistentes*—é tambem certo que, apezar de tudo, o governo, depois de haver ensinuado aos *accusados* para que desprezassem a accusação, e isso em affronta á opinião que se formára a favor della, assentou, não sei porque especie de moralidade, de proveito, e de justiça, em

(*) Apezar de apparecerem varias incitações, já por um collega (o Dr. C. B.) na *Reforma*, e já por anonymos no *Jornal do Commercio*.

remunerar—como remunerou—aos proprios que haviam sacrificado a néta do Imperador; e o mais é—revelando até paixão e esse despeito só proprio das fracas individualidades!

Visto isto, e já depois de haver analysado o proceder do governo, na *Reforma* de 11 de Outubro do anno proximo passado, resolvi-me a de novo estampar, em opusculo, não só tudo quanto fôra por mim publicado nas gazetas, como mais outras considerações relativas ao facto capital da *craniotomia* com relação á morte do feto e ás causas que a determinaram.

E para que o publico melhor avalie os fundamentos do meu proceder, e, com mais criterio, a relação dos factos que me serviram de base, entendi dever tambem inserir, e de modo a poderem ser vistos de um só lance—as communicações do ministerio do Imperio ás camaras; todos os boletins publicados pelos *medicos assistentes*; as fallas do throno, tanto de abertura, como de encerramento; o auto da morte, do enterro e do baptismo da *primogenita*; e por fim a publicação, no *Jornal do Commercio*, do decreto de remuneração, coincidindo com a do meu 3º artigo, no mesmo *Jornal* e no mesmo dia.

Outro fim, entretanto, tive em vista com este opusculo: ao presente, confirmar os justos motivos da minha scientifica accusação aos medicos assistentes, motivos tanto mais dignos pela grandeza do assumpto e por não envolverem a pequenina idéa de qualquer vindicta individual; ao futuro, um *padrão de gloria* para o ministerio actual e para os medicos da *Imperial Casa*, que ao *despreso* imposto pelo anathema da propria consciencia, souberam ajuntar o *prestigio* da força do poder, que tanto ostenta-se na bancarota moral; á sciencia, um attentado em seu nome commettido, e logo depois *bem remunerado*

pelo poder, com o fim tambem de castigar a democracia—por mim representada—pela *audacia* de haver *profanado* o *sanctuario* da olygarchia imperial!

E' assim—que do alto reçuma o *primeiro compatriota* da Nação os principios da liberdade moderada no regimen democratico em que *impera!*

Mas, louca tentativa foi essa do poder!... em pretender, com um decreto, que muitas vezes é a força de uma caprichosa vontade, acabar com o voto da consciencia geral e com os elementos em que se firmam a sciencia e a verdade!

O futuro, porém, que é superior a tudo está reservado á boa justiça, cuja luz eterna não póde ser apagada ao sopro dos indignados que tudo confiam á magestade da materia. E ella se fará sempre para gloria da sciencia e dos principios; mas com a calma que reclama a perpetuidade nas cousas humanas.

Dr. Carolino Francisco de Lima Santos.

Á craniotomia no primeiro fructo da Serenissima Princeza Imperial a Sra. D. Izabel (*)

I

A' espera da manifestação de pezar da camara dos deputados pelo máo successo de S. A. a Princeza Imperial Sra. D. Izabel, dexei de dar, logo depois da triste nova, toda publicidade possivel a este meu pequeno trabalho ácerca das causas organicas ou não que deram lugar á *lucta* da qual resultou a morte do fructo e as desastradas consequencias da *craniotomia* que a ella succedêra.

Depois, porem, que foi publicada a manifestação, no *Jornal do Commercio* de 9 do corrente, constituindo o remate da historia de tão lamentavel acontecimento para os monarchistas, que ainda prantêão a perda imprevista de um novo penhor de perpetuidade da dynastia do fundador do Imperio, entendi que melhor seria esperar mais alguns dias, até que outro, mais habilitado aos embates nas côrtes, sahisse á campo, afim de esmerilhar, por entre os misterios que cercaram os factos, qual a causa proxima da morte do feto, os motivos que resolveram a pratica da *craniotomia* e os meios de que se serviram os assistentes para terem toda *certeza* dessa morte *antes de qualquer intervenção cirurgica*, como confessaram.

E pois que até ao presente nada se tenha escripto a respeito—como se infallivel sciencia tivesse presidido ao máo successo da Serenissima Princeza, e devesse este, quanto antes, entrar na ordem dos factos julgados e condemnados

(*) Primeiro artigo publicado no *Jornal do Commercio*, em 30 de Agosto de 1874.

ao perpetuo esquecimento—peço ao illustrado publico a sua benevola attenção, para o que passo a ponderar sobre o occurrido, debaixo do ponto de vista scientifico, moral e social; e igualmente permissão para, antes de tudo, fazer as seguintes considerações, por julgal-as indispensaveis:

Se a vinte annos seguramente tenho escripto e publicado artigos de mais ou menos valor scientifico—tanto acerca da medicina e da cirurgia, como de outros assumptos—nunca o fiz tendo comprimidas a liberdade e a consciencia; apezar de habitar um paiz em que, graças ao excessivo *progresso no regimen*, está a segurança individual dos *pequenos vultos* na dependencia do arbitrio do poder e do predominio desses privilegiados mandões que são garantidos, segundo os tempos, por esse mesmo poder.

Comtudo, nunca tive medo. E sem que deixasse de levar em consideração as verdadeiras conveniencias, que exprimem o respeito que cada um deve á si proprio e á publica opinião, procurei sempre seguir o caminho recto da verdade, onde só podem servir de guias a consciencia e o dever.

Assim, firme em reconhecer os principios acima dos homens, porque os principios são tudo e os homens pouco, tambem nunca encarei todos esses *magicos* que por ahi andão impostos pelo poder, essas entidades creadas no tempo e sem o sacrificio que honra—como realidades diante das quaes deva recuar o homem que, á custa de serio estudo da natureza humana e de todas as suas fragilidades, chega a conhecer, como o bom artista, a differença entre os finos metaes e as lentejoulas, o real merecimento scientifico onde quer que elle esteja; este, que não pòde ser imposto, que é o que é—a expressão do trabalho assiduo, methodico, e fructificativo.

Em todo caso, estranho não poderá ser hoje em dia —em uma época de tantos pregoeiros da *liberdade de consciencia*—que subisse eu á imprensa, munido de alguma experiencia e pleno de convicções, para, com o devido respeito, interrogar aos altos medicos assistentes á Serenissima Princeza Imperial, a Sra. D. Izabel, àcerca do que succedera no laborioso parto por que passara, e do qual resultára a morte de seu fructo a termo e a sua extracção, depois de se lhe haver esmagado o craneo ou se o reduzido a menor volume—por meio da *craniotomia;* caso este que, não sendo novo na sciencia (o emprego da *craniotomia* sobre um feto morto ou vivo no seio materno), não deixa comtudo de attrahir sério reparo pelas contradicções dos boletins, a bonança do estado puerperal, a convalescença em seis dias, e a marcha accelerada do *traumatismo* dos orgãos.

E tudo depois de uma *luta* de quasi dois dias, em que se deu até *risco de vida* da parturiente—entre longos e *irremediaveis* soffrimentos ; e por fim a *craniotomia* sobre o feto reconhecido *bem morto*, e morto por *imprevisto e irremediavel accidente !...*

Entretanto, como que já ouço uma *grave* accusação pelo facto de haver eu recorrido a um jornal commercial para tratar de assumptos só *proprios* de uma gazeta medica ; accusação que ha pouco foi-me feita, ainda que por *zig-zagues*, pelo lente de clinica externa da faculdade de medicina da côrte — por occasião de haver-lhe eu interpellado ácerca da sua *celebre invenção* do emprego da electricidade no hydrocele.

Felizmente os accusadores são os proprios que quotidianamente recorrem ao mesmo *Jornal do Commercio* para mercadejarem suas descobertas ; e não desconhecem, apezar de habitarem a primeira côrte do mundo — em sciencias,

progresso material, e bons costumes encarnados na *alta justiça* — que nesta côrte não ha uma gazeta medica cuja circulação e criterio estejam na altura dos jornaes lidos com interesse e aproveitamento ! !

E se porventura tambem me accusassem de importuno aggressor dos collegas, responderia a esta accusação com o apophthegma já em principio enunciado ; « *Os principios acima dos homens : os principios são tudo — os homens pouco.* »

Com effeito : bem mal estaria a sciencia — um só passo não daria para o futuro em bem da humanidade — se ás conveniencias individuaes e ao cégo amor de classe fossem sacrificados o dever, a consciencia e a verdade.

E se é dever nosso respeitar os erros dos collegas tanto quanto venerar as pessoas dos que são dignos pelos talentos e virtudes, nem por isto cabe-nos a rigorosa obrigação de tudo sacrificar a erros quasi que ostentados e impostos como acertos e lições—pela vaidade das posições officiaes.

Como quer que seja e antes que prosiga, devo mais declarar, que de modo algum me dirijo ao Sr. Dr. Francisco Ferreira de Abreu, como *um dos parteiros* assistentes á Serenissima Princeza Imperial ; porque sei perfeitamente que nem é elle parteiro e nem operador — embora tenha feito um ou outro parto e alguma operação das menos delicadas ; e portanto nem uma responsabilidade moral póde caber-lhe, posto se apresentasse nos *boletins* — como assistente á Princeza Imperial.

Será bom medico, medico de fino tacto e de maneiras até mui delicadas — excellente chimico, optimo *medico-legista*? mas parteiro e operador.... não, e nunca o será.

E appello para sua propria consciencia. Conhecemo-nos muito.

Em sciencia, os termos devem exprimir exactamente o que só podem dar o estudo especial, a longa pratica, e a boa observação. Trocados os termos, trocados serão os bons resultados; e por mais que se faça, por mais que se grite, por mais que se imponha.... os máos resultados serão a consequencia dos atropellamentos—quando não ha bom senso na distribuição dos papeis.

Outrosim: é nesse caracter, imprimido unicamente pelo nome de uma capital a certos *vultinhos* nella encanecidos, caracter sempre falso e illusorio, por falta da base que só dão as locubrações, o labor de longos annos e a boa experiencia, que muito confiam certos espiritos para facilmente negarem o merito real, por qualquer lado que se apresente este, uma vez que não seja com o rebuço da adulação.

E se não é com caracteres taes que tenho de haver-me, tanto melhor para que seja lucida a resposta, que o publico tem direito á haver, assás desenvolvida sobre tão importante assumpto.

§

Se nenhuma familia ha na sociedade que se pertença a si exclusivamente, ou que, por mais elevada e independente que seja, deixe de estar ligada á sociedade, tanto pelo principio natural de sociabilidade como pelos vinculos das leis e da religião que nos rege ou nos deve espiritualmente reger—uma familia ha collocada na cupula social pela lei fundamental do Imperio e que é o typo dessas relações; relações tanto mais elevadas pelo poder que nella constitue a força governante e que se estende por hereditariedade, segundo o regimen aceito.

E a tal ponto chega a sua dependencia, que, póde-se

dizer, mais se prende aos interesses do Estado a familia do Imperador do que cada um de seus membros a esta mesma familia.

E' ahi que está, segundo os monarchistas, a excellencia do regimen que nos rege; porque, encarnando a hereditariedade, como necessaria á ordem social, na substituição do primeiro representante do paiz, estabelece a harmonia dos poderes do Estado.

Donde resulta, que não podem de modo algum passar desapercebidos, e sem que a nação tenha sciencia, certos factos, certos successos e occurrencias, que porventura estejam por sua natureza identificados com a pessôa do primeiro representante da nação e de sua familia.

Se se trata da prole, da descendencia, do consorcio, do nascimento, cousas que em outra qualquer familia da sociedade não passariam da esphera da casa, do circulo dos parentes e dos amigos (a não dar-se facto, que por sua essencia affecte a moral publica e reclame o bom exemplo) tem a nação o direito de investigação e de interpellação, afim de saber a verdade ácerca de tudo quanto possa tocar aos publicos interesses, á ordem e estabilidade no presente e no futuro.

Por este principio, e pelo que rege a publicidade nos paizes livres e bem constituidos, a nenhum cidadão deixa tambem de ser licito interpellar do alto da imprensa ácerca de qualquer desses successos que tão de perto tocam aos interesses do Estado, uma vez que se colloque bem dentro da lei e nos limites traçados pela decencia.

§

Que a herdeira presumptiva da corôa se achava em seu *estado interessante*, sabia-o todo o povo brazileiro; e este

povo, ainda aferrado ao regimen representativo e á familia imperial, como o é á religião catholica apostolica romana, ancioso esperava o feliz *sucesso* de Sua Alteza. E tanto, que quando se punha em duvida o seu regresso ao Brazil, afim de aqui ter o seu *bom sucesso*, ou que probabilidades haviam de dar ella á luz na Europa o primeiro fructo de seu consorcio, grande foi o descontentamento dos monarchistas ; e um veneravel senador, do alto da tribuna, com a constituição em punho, chegou a fazer sentir a inconveniencia de semelhante resolução, apontando logo o perigo de suas provaveis consequencias politicas e sociaes, quando menos no futuro.

Mas, approuve á Providencia que a Serenissima Princeza, a Sra. D. Izabel, tão religiosa como amante de seu paiz, identificando se com a vontade do principe seu esposo, não menos que ella religioso e cheio de dedicação á sua patria adoptiva, regressasse ao Brazil nas proximidades de dar á luz ; e o fez no mais perfeito estado de saude e nas melhores condições de ser bem succedida ; visto como, segundo referio-nos pessoa muito qualificada, um dos melhores medicos parteiros isso asseverára em Pariz, firmado em razões scientificas colhidas da boa experiencia.

Assim, no melhor estado, se conservou a Serenissima Princeza—salva alguma ligeira alteração que do publico fosse ignoráda—até o dia 26 de Julho proximo passado, quando soube-se, não pela imprensa, mas á boca pequena, de ouvido a ouvido, que, á meia noite daquelle dia, haviam principiado os incommodos physiologicos do parto de Sua Alteza.

Correu, porém, todo o dia 27 sem que de alguma cousa mais se soubesse ao certo, ácerca da sorte da herdeira pre-

sumptiva da corôa e de seu primogenito, aliás anciosamente esperado—á vista dos preparativos officiaes!

De alguma senhora de qualquer familia ahi abastada talvez se assoalhasse mais o labor e o perigo de um parto e os tormentos porque atravessasse do que succedeu com a Serenissima Princeza a Sra. D. Izabel. Caso novo na historia de um povo civilisado, catholico, e regido pelo systema representativo hereditario!

Mysterio impenetravel foi realmente esse tormento de quasi dous dias, em que se dera perigo de vida de dous vultos da familia imperial!

Sem que uma prece se pudesse fazer, sem que um coração de mãi e de subdito fiel tivesse occasião para sentir e orar sobre o eminente perigo em que estavam a Princeza e seu fructo a termo, e como ella tão cheio de vida! Porque ninguem sabia de cousa alguma—a não serem os medicos assistentes e uma senhora (que dizem tambem ser assistente, e ter vindo de Pariz em companhia da Serenissima Princeza) e um ou outro personagem da côrte.

Provavelmente o atropellamento dos assistentes, envolvidos em medo e entre mil recriminações, os levasse até a occultar aos poucos que estavam vizinhos do theatro das dôres e do perigo, o que suppunham existir ou realmente se passava ácerca da morte ou da vida. E o resultado.... com o pouco que, em boletins, se deu ao depois á publicidade, converge a reduzir aquella probabilidade em certeza; e que se procedeu talvez com atarantamento—levando-se unicamente em conta os sagrados direitos de uma existencia, sem duvida preciosissima, mas que não eram superiores aos da innocencia muda e *encarcerada* no ventre materno.

E' senão quando, depois de quasi dous dias, lê-se nas

gazetas mais publicas o seguinte: « *Ante-hontem* (26 de Julho) á meia noite, começaram os incommodos de Sua Alteza Imperial a Sra. D. Izabel. Foi longo o soffrimento da Augusta Princeza e só terminou hoje (28) ás 2 1/2 horas da madrugada.

« Infelizmente *veio ao mundo sem vida* o primeiro fructo do consorcio de Sua Alteza Imperial.

« Assistiram á Augusta Princeza, desde as primeiras horas, os Srs. Drs. Barão de Santa Izabel, Ferreira de Abreu e Souza Fontes.

« Hontem, á hora avançada, foi chamado o Sr. Dr. Saboya para auxiliar o prolongado trabalho dos assistentes, se *fosse precisa* a *continuação* dos instrumentos cirurgicos, *que reconheceu-se desnecessaria*.

« O estado geral de Sua Alteza Imperial *não inspira* receio, até o momento em que escrevemos. »

Já sobre esta noticia, cuja base não podia deixar de partir do *Palacio Izabel*, cumpre que se note o seguinte: Que o trabalho durou 26 horas e meia, a contar-se da meia-noite do dia 26 até 2 horas e meia da madrugada do dia 28; que a parturiente era primipara, e, posto ainda moça, de idade não muito favoravel para ter um parto natural do primeiro fructo, com a facilidade que permitte outra idade, ainda nas melhores condições; que, no dito trabalho, entrou naturalmente, em primeiro lugar, o das forças da natureza; em parte, naturalmente, o labor artificial, resultante do emprego da mão do parteiro e do *forceps;* em seguida, a manobra relativa á *craniotomia*, manobra que, segundo o notavel parteiro francez *Jacquemier*, admitte dous gráos: a diminuição do volume do craneo, mediante a extracção do cerebro pela tesoura de

Smellie ou de Nœgele, e a applicação do cephalotribo, incontinente ou não, segundo as circumnstancias.

Em summa, podia haver uma e outra cousa ao mesmo tempo ou sómente o emprego do cephalotribo, hoje mais usado por *Nœgele* e outros parteiros modernos—nos casos de vicio de conformação, monstruosidades, etc.

Note-se mais: que entre os assistentes não se fez menção da assistente, que se disse ter vindo de Pariz em companhia da Serenissima Princeza, e como pessoa muito habilitada; que entre os ditos assistentes entrou como abalisado parteiro, tendo em tudo grande iniciativa, um professor de medicina legal e que nunca deu-se sériamente ao estudo, e á pratica da *obstetricia*; que, apezar da grande *luta* e perigo que houve (o termo *luta* foi empregado pelos assistentes no ultimo boletim — o da alta pela preciosa salvação de Sua Alteza Imperial), a ponto de ser necessario diminuir á força o volume do craneo do feto — só á hora avançada da noite, do dia 28, foi que se chamou o lente de clinica externa da faculdade (o famoso *inventor* da idéa da electricidade no hydrocele) afim de auxiliar o *prolongado trabalho* dos *assistentes*, mas, no caso de ser preciso a *continuação do emprego* dos instrumenros cirurgicos, que afinal reconheceu-se *desnecessario*.

Por onde se colligo — que apenas houve a perforação do craneo ou a *craniotomia* propriamente dita e a extracção do cerebro, ficando o resto ou o complemento do *laborioso* parto entregue ás forças da natureza, que o determinou. O que induz a crer, com o mais que se irá vendo no correr de nossa exposição, que o obstaculo á sahida da cabeça do feto não dependia da inercia do utero, de extraordinaria falta de igualdade nos diametros, e de anomalas relações entre os do craneo e os da bacia.

Afinal, cumpre ainda notar — que não obstante tão longo soffrimento, tamanha *luta* e a operação da secção ou perforação do craneo (sem duvida já preso ao estreito superior) annunciou-se logo — que o estado de Sua Alteza Imperial não inspirava receio algum; que a noticia do *Jornal do Commercio* foi publicada no dia 28 de manhã, e portanto o seu laborador (que não a fez sem notas dos assistentes) a escrevêra na madrugada desse mesmo dia — logo depois de terminada a luta, ás 2 1/2 horas da madrugada; e que... o dito *laborador se esqueceu* de incluir a parteira que veio de Paris—entre os assistentes!

Ora, levando-se em conta o tempo gasto no caminho do Palacio Izabel á typographia, e o preciso para a impressão, vê-se que não decorreu mais de hora entre o fim do trabalho e da *luta* e a referida noticia, onde se disse — que Sua Alteza *não inspirava receio* até o momento em que se a escrevêra.

Mas que, não inspirando então Sua Alteza receio aos assistentes, apezar da grande luta motivada por obstaculo *invencivel na passagem*, luta que deu lugar á morte do feto, e á violencia no craneo, veio a inspirar no 3° ao 4° dia, apezar de correrem as cousas mais propiciamente, e quiçá do que em um bom parto natural!

§

Logo no mesmo dia 28 de Julho foram apresentadas, tanto na Camara dos deputados como no Senado, as seguintes communicações da parte do Sr. ministro do Imperio. A' camara dos deputados se disse: « Sua Alteza a Serenissima Princeza deu á luz, a termo, uma princeza, que foi extrahida morta, depois da *craniotomia*. » A esta communicação acudio logo o presidente da camara nos se-

guintes termos : « A camara recebe com muito pezar esta noticia ; e sabendo com grande satisfação que ficou *salva* a preciosa vida de Sua Alteza a Princeza Imperial, pela qual dirige ao Todo Poderoso os mais sinceros e ardentes votos, proponho que se nomêe uma commissão, etc. »

Assim, entre um grande pezar e uma grande satisfação ao mesmo tempo — apezar da grande *luta*, dos fortes soffrimentos e do emprego da *craniotomia*, foi logo dando por — *salva* — a preciosa vida de Sua Alteza !

O que nenhum medico parteiro poderia asseverar — a dar-se tão demorado e laborioso parto com a *craniotomia* — fez o Sr. presidente da camara dos deputados ! E' que alguem, que bem sabia de todo o occorrido, lhe havia asseverado — que nada poderia succeder ; e que salva estava a vida da Serenissima Princeza, apezar de tanto labor, de grande delonga, da morte do fructo, e da perforação do craneo no seio materno !

Ao senado, no mesmo dia 28, tambem foi communicado o seguinte : « Hoje, ás 2 1/2 horas da madrugada, Sua Alteza a Serenissima Princeza D. Izabel DEU Á LUZ, A TERMO, uma princeza — que *foi extrahida* MORTA depois da *craniotomia*. »

Este simples enunciado « *foi extrahida morta depois da craniotomia* » unido *ao prolongado trabalho dos assistentes* de que trata a primeira noticia, publicada no *Jornal do Commercio* de 28, e ao seguinte texto do ultimo boletim de 4 de Agosto : « — *nada* restando da *luta* além da dolorosa reminiscencia da morte do feto — accidente aliás *annunciado em tempo* — antes de qualquer intervenção cirurgica, e que *infelizmente nada teria podido acautelar* ».... dá a suppôr-se, que a morte do feto proveio de delonga causada por algum vicio de conformação ou mon-

struosidade *annunciados em tempo*, e que nada teria podido acautelar.

Do exposto vê-se, pois, a necessidade que ha em se fixar em o que seja a *craniotomia*, em que consiste esta operação; e os casos unicos, bem indicados pela sciencia e la moral, em que deve ser ella empregada.

Quando o feto não póde de modo algum atravessar assagem—por invencivel obstaculo, esgotados que sejam o as forças da natureza como a mão e o *forceps* (o que iccede havendo vicio de conformação e monstruosida- os unicos meios a empregar-se, para salvar a mãe, são trumentos cirurgicos cortantes, compressores ou re- 'es e esmagadores.

a operação é empregada contra qualquer parte do ou do corpo do feto, chama-se *embryotomia*; se, é limitada ao craneo ou á cabeça chama-se *cra-*, *chephalotomia*, segundo a natureza do instru- o fim relativo á reducção. Assim, se se recorrer aos perfurantes, tesoura e trepano (a tesoura de Smelli, de Stein, de Blot, Caseau, etc.), chama-se *craniotomia*, *chephalotomia*; se se recorrer logo aos esmagadores, como o cephalotribo, chama-se *chephalotripsia*.

Como quer que seja, o certo é que a *craniotomia*, produzindo a excerebração, póde ser ainda succedida de *cephalotripsia*—se com os soccorros das contracções uterinas e alguma simples reducção não conseguir-se a extracção.

Por este simples enunciado vê-se que a *craniotomia* é uma operação rara na pratica, e que só deve ser empregada quando a resistencia fôr tal que zombe tanto dos outros recursos da arte (a mão e o *forceps*), como das forças da natureza.

E por qualquer lado que se considere semelhante ope-

ração, é ella arriscada, só reservada para certos e determinados casos excepcionaes, e na impossibilidade de outro meio qualquer ; tendo-se sempre em vista a vida da mãe e do filho—que tem iguaes direitos a salvação e a conservação !

Se ha differença nos direitos, não póde ella manifestar-se pela natureza, que, representada na innocencia muda, em trévas, sem poder dar um gemido de dôr, *grita*, comtudo, tão alto ao ouvido do verdadeiro assistente, como o alarido das relações sociaes e os gritos de consciencia que com a dôr physica são articulados.

Com isto quero apenas fazer sentir quão immoral é o proceder daquelles que *facilmente* sacrificam uma vida para salvar a outra—sem attenção á igualdade dos direitos, e á necessidade de todo o cuidado, afim de que sobre o possivel perdido não venha o irremediavel.

E declaro tambem que, assim pronunciando-me, longe de mim está qualquer gratuita allusão aos assistentes da Serenissima Pinceza Imperial ; e sim fazer patente o gráo de irreligião e até de atheismo que por longo tempo dominou na Inglaterra, com relação á facilidade com que se mutilavam e se laceravam fetos ainda vivos—sem comtudo acharem-se as mães no risco de só serem salvas á custo do barbaro sacrificio dos fructos em suas proprias entranhas.

E' barbara a *craniotomia*, a mutilação de um feto, mórmente havendo duvida ácerca de sua vida, quando é ella empregada antes de serem esgotados todos os outros recursos da arte ; o que succede, se, por um descuido ou falta do parteiro, acode logo ao medo e á irreligião a idéa de esmagar o craneo do féto, conservando-se ainda a mãe em estado de tolerar mais delonga e o emprego de outros meios para salval-o.

Ora, á vista dos dous direitos, da natureza do trabalho e da *luta* que se disse ter havido ; á vista do emprego da *craniotomia* e do resultado final, independente da continuação dos instrumentos cirurgicos, o paiz quer saber o que houve de extraordinario nesse parto que motivou tanto labor, tamanha *luta*, e por fim a morte do feto a termo e a *craniotomia*, depois da *certeza* da morte.

Não se procura saber, por exemplo, o como foram empregados os instrumentos com que se effectuou o esmagamento ou perforação do craneo ; a quantidade de liquido amniatico que escapou com a ruptura das membranas, o modo por que se faria a versão cephalica, etc., etc. ; mas sim — o que motivou a morte violenta do feto, no caso de não haver plethora, nem rachitismo e vicio de conformação da parte da parturiente, nem augmento monstruoso de volume da cabeça, nem algum tumor que obstasse a passagem e a marcha regular do parto, nem convulsões ou eclampsia, nem hemorrhagia sobre resistencia invencivel da passagem.

O caso é sério ! Se se tratasse de uma qualquer parturiente ahi, que fosse assistida por uma só parteira, e esta inexperiente, ou por algum aprendiz da arte de partejar, poder-se-hia desculpar um descuido, um erro de manobra, uma imprudencia ou cousa que puzesse tanto o fructo como a mãe em perigo de vida; mas ser *assistida*, desde as primeiras dores, e uma pessoa de tão alta importancia social, por parteiros tão afamados (menos um) cuja pericia atravessou os mares para repercutir na Europa, talvez com admiração dos primeiros parteiros da França, da Allemanha, da Belgica, Inglaterra, etc.... dar-se uma *luta* de quasi dous dias....e por fim a morte do féto, *annunciada em tempo*, antes de *qualquer intervenção* cirurgica, e sem que pudesse *a morte ser acau-*

telada... e até a craniotomia—não havendo vicio de conformação, como se deprehende do boletim de 3 do corrente, e nem algum obstaculo organico superior ás forças da natureza e aos recursos não desesperados da arte.... é um caso extraordinario ou antes —cousa *mysteriosa* !

§

Entretanto, é certo que, entre esse risco, aliás todo ignorado pelo publico—no correr de dous dias,continuaram a ser Sua Alteza e sua primogenita apenas assistidas por dous parteiros e um *medico-legista !....* sendo que dos dous parteiros—um, já havia muito,se tinha dado por cansado, retirando-se da pratica, abastado, e *officialmente* constituido—*o parem nemi nem habet.* (Cic.)

O medico que por longo tempo chega a abandonar a pratica é como o jogador de esgrima que, por cansado,deixa o exercicio e a luta: se não escorrega tituba, e é logo vencido no primeiro recontro, por medo ou falta de confiança em si proprio.

Um accidente qualquer não é o que sobrevem ou póde sobrevir, por causas conhecidas e dependentes da falta do emprego dos bons recursos da sciencia e da arte ; mas sim o que natural e muitas vezes irremediavelmente póde acontecer fóra do alcance das forças humanas—convertidas em preceitos e regras selladas pela experiencia.

E para melhor e com mais liberdade poder occupar-me desta questão, entrando talvez no desenvolvimento de algumas particularidades relativas ás manobras na *dystocia* ou dos partos laboriosos, presciudirei por emquanto do nome da Serenissima Princeza Imperiel e da *luta* por que passára.

Figure-se uma parturiente, sem defeito de conformação,

gozando a mais perfeita saude, e, por tanto, sem vicio algum geral ou cachexia que indique qualquer dessas graves affecções dos ossos—carcinomas, cancros, tumores brancos, osteosarcoses, etc. ; que, chegada a termo, não indique tambem nem plethora, nem convulsões, nem outra qualquer affecção nervosa que possa no trabalho perturbar sua ordem natural ; tudo, emfim, no mais lisongeiro estado: figure-se ainda esta parturiente já em *trabalho* e cercada de abalisados medicos parteiros, desde as primeiras dôres até o termo da luta com a sahida de todo o producto : como explicar-se a morte do feto, entre uma delonga de quasi dous dias, soffrendo a parturiente dôres atrozes, sem que se tenham empregado com proveito os apropriados e inoffensivos instrumentos cirurgicos ? !....

E por fim a morte do feto — em tempo annunciada —e a expulsão deste,sem mais soccorros de instrumentos cirurgícos, depois do emprego da *craniotomia*, não havendo obstaculo invencivel !

E, em seguimento a tudo isto, um traumatismo de orgãos (apezar da delonga equivalente á pressão do craneo contra as partes molles da bacia, sob a acção das contracções uterinas, etc.), curado em quatro a cinco dias, e a *salvação* completa annunciada no fim do sexto dia !...

Dadas ás melhores condições, tanto da parte da mãe como do feto, por não haver da parte daquella vicio de conformação ou outro qualquer obstaculo organico morbido, e nem d'este—imprevisto e irremediavel accidente—como,por exemplo, adherencia de partes, cabeça monstruosa, sem ser por hydrocephalo (que é assaz remediavel), ou duas cabeças em um só tronco, etc.... ahi um prolongado trabalho, conservando-se os parteiros sem nada empregarem dos meios cirurgicos, inclusive a mão, que é um dos melhores meios

cirurgicos ;e por fim, depois de quasi dous dias,—a *victoria* da terminação do parto.... com a extracção do feto !... mas morto este a *tempo*, depois da perforação do craneo ou da *craniotomia*—só dá a que se supponha, que houve impericia, descuido, atropello por adulação, etc.

Felizmente a sciencia tem chegado a ponto de se poder tirar taes conclusões.... E mal estaria ella se não pudesse distinguir entre as causas dos desgraçados successos, tanto para a mãe como para o fructo, quaes as que entram ou constituem a categoria dos accidentes imprevistos e irremediaveis, e as que se prendem á incuria, á audacia, á hesitação e aos erros culpados dos assistentes.

Então cada um faria o que melhor lhe aprouvesse, livrando-se sempre bem de qualquer responsabilidade moral, uma vez que se agarrasse ao chavão dos *accidentes imprevistos*.

Em todo o caso ha necessidade de que appareçam satisfactorias explicações sobre as incoherencias e facilidades dos boletins, para que se não diga que os *medicos assistentes*, por demais confiados em uma especie de *sciencia infallivel*, garantida pelo *officialismo* (que nesta terra tem poder de tudo converter pelas excentricidades), interpretando bem mal algum excellente preceito da arte, estampado em algum livro, desceram a praticar uma operação, que só não causa horror quando é ella justificada pelo rigor das necessidades apontadas pela sciencia unida á moral.

Não se offendam os collegas (com perdão desta palavra) por ter-me assim pronunciado com tanta franqueza. posto no dominio das hypotheses.

Só uma pessima interpretação ao que se acha estampado no moderno tratado de *partos* de *Nægele e Grenzer*, a pag. 351, poderia dar lugar a esse *mysterioso* parto da Se-

renissima Princeza Imperial,—em que a causa da morte do féto parece ter sido realmente mystificada, sem se saber porque.

Dizem os citados autores:

« La perforation est indiquée dans les circonstances suivantes: 1.° *La mort du fœtus est tout à fait certaine et il existe une desproportion telle entre lui et le bassin, que l'accouchement est impossible par les seules forces de la nature; de plus, l'extraction au moyen de la main ou du forceps ne peut être exécutée sans prejudice pour la mère. Nous supposons que le bassin est au moins assez spacieux pour livrer passage au fœtus diminué de volume, car dans le cas contraire, se présenterait l'indication absolue de l'opération césarienne.* »

Por ahi vê-se que, para praticar-se a *craniotomia*, são precisas as seguintes condições: morte certa do feto, uma tal desproporção entre elle e a bacia que torne impossivel o parto pelas forças unicas da natureza; e que a extracção, por meio da mão e do *forceps*, não possa ser executada sem prejuizo para a mãe.

O que, porém, tudo isto quer dizer? Que não havendo estreiteza da bacia por vicio de conformação; que não havendo augmento extraordinario e monstruoso dos diametros da cabeça do feto; que não havendo emfim obstaculo organico invencivel — se deva praticar a *craniotomia?* não certamente. Ao contrario: Essa *impossibilidade* ahi *pelas forças unicas* da *natureza* é tão significativa como relativa aos vicios de conformação e ás aberrações da natural estructura e desproporção dos diametros; essa *impossibilidade da mão e do forceps a não serem executados sem prejuizo para a mãe* — é ainda relativa ao referido accidente. Por que, havendo vicio de conformação e tal falta organica

de relação entre a passagem e o craneo do feto, o emprego da mão e do *forceps* são realmente perigosos para a parturiente, e nunca devem ser empregados.

E, a não ser assim devidamente interpretrado semelhante preceito, cahir-se-hia em um absurdo ; e aberta ou escancarada estaria sempre facilmente uma porta para o escandalo, e armado um patibulo para os fetos que encontrassem qualquer obstaculo ou demora na passagem, embora tendo esta seus diametros regulares, e a cabeça fosse de boas proporções nos diametros.

E tanto é verdade ser esta a legitima interpretação do citado texto, que diz o autor logo em seguimento : « supponos que a bacia é pelo menos assaz espaçosa para dar passagem ao feto diminuido de volume, porquanto, a não ser assim, dar-se-hia a indicação absoluta da operação cesarianna. »

Logo, o autor se refere aos casos de vicio de conformação da bacia da mãe ou de estreiteza desta em relação a alguma monstruosidade geral do craneo ou de algum de seus diametros : casos unicos em que ha a temer a passagem do feto sem o emprego da *craniotomia*, e ainda depois de ser esta empregada.

§

Agora releve o publico que passe a outra ordem de considerações, firmadas na pratica e nos principios da arte, afim de mostrar que, á vista dos boletins, não podia ter lugar o emprego da *craniotomia*, e nem certeza inabalavel da morte do feto, apezar da delonga, havendo presentação constante, até o fim, do apice do craneo ou outra qualquer da cabeça.

Um feto, a termo, póde apresentar-se ou pela cabeça

ou pelo tronco ; aquella constituida pelo craneo e pela face, este pelo pescoço, torax, abdomen e extremidades.

Se a cabeça do feto vem pelo apice, dado o seu volume natural e boas condiçoes para os diametros da bacia da assistida, rôta em tempo a bolsa das aguas, regulares as contracções uterinas, o parto se effectuará pelas forças da natureza, podendo até succeder que o assistente seja méro espectador.

Mas, ainda nestas melhores condições naturaes, poderá haver séria pertubação no parto se em vez de um experimentado parteiro encontrar-se mão inhabil que, por imprudentes manobras intempestivas, estando ainda a cabeça exposta a facil mobilidade — faça substituir a melhor das presentações pela da face ou lado desta, etc. O que a dar-se transtornará toda a boa marcha do trabalho ; porque então póde ter lugar o rapido escoamento do liquido amniatico — protector do feto contra as contracções uterinas—e a compressão do cordão ; mórmente se este, acompanhando o jorro das aguas e encontrando sahida, que não dá-se facilmente na presentação pelo cume, fôr comprimido.

Ainda póde haver grande transtorno, no caso da melhor predisposição natural pela presentação do apice do craneo, se, resistindo a bolsa das aguas e não dando-se a ruptura por causa de natural resistencia, deixar de ser em tempo rôta a membrana afim de, entre as contracções uterinas, apresentar-se o occiput e logo a descida da cabeça á excavação da bacia.

De maneira que, em uma boa presentação da cabeça do feto, não havendo vicio de conformação e nem anomalias e falta de relação dos diametros — jámais poderá ter lugar o emprego da *craniotomia*. E os accidentes que podem sobrevir são todos remediaveis ; sendo para não esquecer—

que, na presentação do apice do craneo, é bem raro encontrar-se tanta rigidez do utero, que impeça a manobra essencial da *versão pelvianna.*

Mas, dir-nos-hão: póde haver imprevista mudança na presentação e tal cerramento do cólo e do corpo do utero, que, impossibilitando a descida do craneo e facilitando o esgotamento do liquido amniatico, dêm lugar á consequencias funestas e aos mais sérios cuidados.

Sendo isto verdade, quem dirá que dahi siga-se logo a morte do feto e a necessidade do emprego da *craniotomia?*

Em taes casos, são ainda muito poderosos os recursos da arte—se forem estes presididos por previdente e amestrado parteiro. As duas vidas podem ser salvas sem bulha e sem matinada—das que dão muitas vezes direito a falsas reputações nas grandes côrtes.

Além dos medicameutos apropriados á combater a rijeza uterina ou contracções spasmodicas — medicamentos em taes casos essenciaes — ha o desbridamento, que é muitas indispensavel nos casos de pléthora, apezar das emissões sanguineas, e se houver degenerescencia destruidora da extensibilidade das fibras do orgão.

Se o cerramento do cólo do utero dá-se sobre o cólo do feto — maior é o perigo para este e grandes as difficuldades; mas nem o emprego do *forceps* póde ter lugar, e muito menos o do cephalotribo e da tesoura de Smelli, — mórmente antes do relaxamento.

Pelo que não podia ser este o accidente fallado nos boletins.

Qual seria o accidente que por fim deu lugar ao emprego da *craniotomia*—no caso da presentação do apice do craneo do feto?

A curteza do cordão? E' realmente um sério accidente: seja o cordão naturalmente curto, como temos visto; seja por haver-se enrolado no pescoço do feto ou em outra qualquer parte.

Tambem neste caso o emprego do cephalotribo ou a evacuação do craneo por meio da tesoura de Smelli seria um absurdo. Sabe-se quaes são os meios de que dispõe a arte em tão difficil conjunctura.

Se a cabeça estiver em estado de ser facilmente deslocada e o cólo permittir, ainda com custo, o emprego da mão — a versão pelvianna será o grande meio salvador da mãi e do filho. Quando não, achando-se a cabeça em posição de poder ser abraçada pelo *forceps*, este deverá ser empregado com toda moderação.

Portanto, nada ainda de *craniotomia*.

Que outro accidente imprevisto? A inercia do utero? Tambem nunca daria lugar ao emprego da *craniotomia* no caso acima figurado; mórmente não havendo vicio algum de conformação e nem anomalia.

Na inercia do utero, sobre uma boa presentação, se o craneo não tem chegado á excavação, o melhor meio, depois do emprego do pó de centeio fresco, é a versão pelos pés; e, se já acha-se presa a cabeça no estreito superior, o emprego do *forceps* francez, que é superior a todos os outros, é o que convem. Melhor do que nós deveriam saber de tudo isto os *medicos assistentes!*

O que mais? Que accidente poderia sobrevir, imprevisto, irremediavel e mysterioso, na presentação do apice do craneo, que por fim reclamasse a *craniotomia?*

Se, porém, depois da ruptura da bolsa das aguas, mãos imprudentes tatêam o craneo—ainda movel no estreito su-

perior, póde ter lugar a mudança da boa presentação para a da face ou do lado da cabeça; do mesmo modo que, dada logo em principio a presentação da face, póde ser esta substituida pela do occiput, se o permittirem as contracções do utero. Então o quadro mudará totalmente de figura; e ter-se-ha de lutar com maiores difficuldades, correndo risco o feto—se o parteiro não fôr previdente.

Neste caso, veremos mais adiante se é possivel o emprego da *craniotomia*, havendo bons parteiros e estes previdentes — désde o começo do trabalho.

Assim, não havendo vicio de conformação, estreiteza regular da bacia, anomalias da parte do feto; sendo boas as contracções uterinas, dilatado o cólo regularmente, e dada a presentação da extremidade do craneo—o parto poderá terminar com a morte do feto e comprometimento da mãe, ou por alguma causa desconhecida e extraordinaria, ou por impericia e atropello que occasionem a perda da melhor occasião para o soccorro do feto, ou por precipitação,medo, etc.; mas nunca terá lugar o emprego da *craniotomia*.

Se o feto apresenta a face, e ao lado della sahida ou procedencia do cordão, e se as contracções uterinas favorecem—não ha tempo a perder: a versão pelvianna é o meio mais seguro para salvar o feto e desembaraçar a mãe, sem necessidade de ser torturada.

Mas, se o parteiro hesita e perde a melhor occasião, por menores que sejam as anomalias ou ainda não as havendo, poderá dar lugar ao embaraço da circulação fetal, ao escoamento completo das aguas, e ao cerramento do utero sobre todo o feto, cuja cabeça, voltada para traz. o pescoço esticado, e o mento representando a extremidade de um dos maiores diametros, em luta com os da bacia sempre sob

a acção uterina (que mais servirá para aggravar as circumstancias) demorará o parto e difficultará os soccorros essenciaes.

Não havendo, porém, procedencia do cordão umbelical, ha ainda para a simples presentação da face—abstrahindo-se o conselho de Lachapelle, que consiste em se entregar o parto ás forças da natureza—o recurso da versão cephalica, posto seja em tal caso mais difficil do que antes da ruptura das membranas; e, em falta delle— a versão pelvianna, que póde salvar o feto do rigor das contracções uterinas, estando o utero vazio do liquido protector do producto.

Embora com apresentação da face possa effectuar-se o parto—naturalmente; é caso este que muito cuidado reclama da parte do assistente, afim de salvar o féto e não comprometter a mãi, por nm trabalho prolongado e esgotamento de forças.

Na presentação da face, não havendo vicio de conformação, e nem qualquer outra causa organica que dê lugar a desproporção entre os diametros da cabeça do féto e o estreito superior da bacia da parturiente, não póde ainda ter lugar o emprego da *craniotomia*.

A acção das mãos do parteiro, e do *forceps*, em tempo applicados, poderão salvar a mãi e o féto; e qualquer anomalia ou accidente que appareça não póde ser de ordem tal que reclame ou a perforação do craneo e extracção dos miolos ou o esmagamento pelo cephalotribo.

Em todo o caso, tanto o emprego da tesoura de Smelli como o do cephalotribo não podem ser innocentes e de pouco risco para a parturiente—uma vez que sejam empregados nos casos reclamados pela arte, e dadas as circumstancias felizmente raras na pratica.

Havendo vicio de conformação ou monstruosidades que impeção a cabeça do féto de passar do estreito superior— comprehenhe-se o risco que ha em escapar a tesoura de Smelli e ir lacerar as partes molles da bacia. O mesmo succede com o cephalotribo—que não é facil, pela sua disposição, a, logo da primeira vez, segurar convenientemente o craneo do féto. Muitas vezes escapam as colhéres, e nova e custosa manobra é necessaria até que seja collocado o instrumento em estado de poder fixar a cabeça e esmagal-a.

Tambem a resistencia do perineo não póde ser causa do emprego da *craniotomia* ; e seria horroroso empregal-a em um feto que estivesse 28 horas em trabalho, tendo apresentado o craneo e fornecido para certeza da ausencia da vida unicamente a falta dos batimentos do coração no utero materno, e nada mais !

O hydrocephalo ? Como se sabe, nunca foi esta molestia causa do emprego da *craniotomia*. A simples puncção e corrimento do liquido dá quasi sempre lugar á descida da cabeça na excavação ; e quando tal não succeda e faltem as contracções uterinas, a applicação do *forceps* dará o melhor resultado—até para o feto.

Porque, evacuado o liquido morbido as paredes do craneo passam logo por certa e favoravel reducção—devida á acção das colhéres de *forceps*, se é este applicado com as regras da arte e de modo a não produzir commoção.

Visto é que longe estou de considerar, que sempre se possa conseguir, ainda com o emprego dos melhores meios, e a tempo, a salvação do feto. Póde sobrevir-lhe, no acto da passagem, tal compressão sobre o craneo e sobre o cerebro, mórmente se houver qualquer empecilio no cordão umbelical, que atropelle a circulação, dê lugar a mortal commoção e derramamentos intra-craneanno, do qual

resulte a morte—entre todas as probabilidades de salvação. Mas estes casos são raros, e entre elles não póde entrar o que está em questão—á vista dos boletins.

E antes que continue, bom é notar: que uma cousa são as causas que podem tornar o parto difficil, e outra as que o tornam impossivel. Então digo que, nos casos de presentação da cabeça pelo apice, as causas que podem tornar o parto difficil não o tornarão impossivel—não havendo desvio de regras; e que as que o tornam impossivel e superior aos recursos salvadores do feto e da mãi, são as que entram na ordem dos vicios de conformação, das monstruosidades, das anomalias insuperaveis,de certas affecções que obstam a passagem,rompendo as relações naturaes dos diametros que são indispensaveis á realisação do bom successo.

Outro sim, contra as difficuldades provenientes da conformação viciosa das partes molles situadas na bacia e contra a bacia; isto é, contra a regidez, a estreiteza e occlusão das partes molles, as obliterações, as obliquidades, os tumores das ditas partes—chamados fibrosos,os polypos, as entumescencias, etc., não tem lugar a *craniotomia*, e sim muitos e variados meios que não são estranhos aos Srs. *medicos assistentes*.

Conseguintemente, fazendo applicação ao facto que nos occupa a attenção, não encontramos até aqui motivos que justifiquem a *craniotomia*—fóra das condições relativas aos vicios de conformação e excesso de volume da cabeça do feto a ponto de tornar o parto impossivel sem a morte do producto e reducção ou esmagamento do craneo.

E ainda quando se reconhecesse—a tempo—a morte do feto, com presentação pelo apice do craneo ou do occiput, não se deveria empregar um meio só proprio para outras raras condições.

Os meios á empregar, no caso de não haver obstaculo invencivel ou de só haver obstaculo para demora e difficuldades do parto, deveriam ser sempre os recommendados, escolhidos e empregados até o fim ; e não os repellidos pela boa pratica e pela boa razão cercada de moralidade.

E se nada disto é verdade, que nos esclareçam os medicos assistentes.

§

Figuremos agora o caso da presentação do tronco ou de alguma de suas partes.

Nesta presentação, ainda não havendo vicio de conformação da bacia ou estreiteza relativa ao augmento extraordinario dos diametros da cabeça do feto, muitas vezes encontra o parteiro difficuldades para conseguir a versão pelvianna, em seus differentes tempos.

A estreiteza dos orgãos maternos. a dilatação incompleta, a resistencia do orificio uterino, a inserção do placenta sobre o cóllo, a retracção violenta do utero, o engajamento profundo na bacia (o que é devido ao corrimento das aguas e ás fortes contracções repetidas), a difficuldade na evolução (devida á retracção continua e forte do utero), a curteza do cordão, podem difficultar as manobras, comprometter a vida do féto, fatigar a parturiente e pô-la até em risco de graves accidentes.

Dada qualquer dessas grandes difficuldades, a luta póde tornar-se realmente terrivel; mas em taes casos a parturiente não póde ter alta no fim de seis dias; deixando de ter agitação e outros accidentes inherentes a um trabalho forçado, laborioso, arriscado, esgotador das forças geraes e contundente dos orgãos.

E a arte conta meios mais ou menos efficazes contra

cada um desses accidentes; e entre esses meios não se póde achar a *cephalotomia* ou *craniotomia*.

Em que caso, porém, se poderá empregar na presentação pelvianna a laceração do craneo ou a *craniotomia?* Será no recontro da cabeça com o estreito da bacia?

Trez são as causas que pódem ahi tornar difficil e impraticavel, com o soccorro da mão, a extracção da cabeça do feto: má posição, falta de proporções entre os diametros, e cerramento do collo do utero sobre o do féto. Havendo resistencia do perineo, estreiteza da bacia e forte volume da cabeça, por melhores que sejam as manobras, será difficilima a extracção, ainda que o occipital esteja para diante.

Haverá, portanto, grande demora na extracção do feto e a morte deste; salvo se em tempo fôr empregado o *forceps*—logo que se veja ou bem se presuma que o emprego da mão pouco ou nada fará.

Por onde vê-se, que qualquer hesitação ou escrupulo póde tornar-se causa certa da morte do feto.

Felizmente, todas as tres mencionadas causas quasi nunca concorrem a um tempo, e o pratico vê-se a braços quasi sempre com alguma dellas; sendo certo, que não havendo cerramento do collo do utero e nem desproporção de diametros, muito raro é quando não se consegue a flexão —por meio da mão introduzida até a boca do feto e apprehensão do maxilar inferior.

E quando seja impossivel favoravel resultado por meio da mão—o que succede quando ha imprudencia nas tracções das espaduas e dos quadris do feto—estando a cabeça estendida, tenta-se, além do emprego do *forceps*, voltar a face para o sacro, afim de collocar a cabeça em melhores condições.

Nos casos, porém, de qualquer estreitamento natural da bacia, ou falta de relação dos diametres da cabeça do feto com os da bacia, por ser a cabeça por demais volumosa—visto é que ha um grande risco de vida para o féto; que as hesitações e as manobras infructiferas só servem para apressar a sua morte; sendo que, ainda estando a cabeça no estreito superior e estendida, não poderá até ser apprehendida pelo *forceps*.

O melhor meio em tal caso é, depois de bem reconhecida a posição da face com relação á bacia, levar dous dedos á bocca do feto, e fazêl-o com efficacia e de combinação com as tracções sobre o maxilar e as espaduas; manobra esta que só terá lugar depois de ser a face voltada ou para o lado ou para traz da bacia. Ainda até aqui nada de *cephalotomia ou craniotomia*; e isto deviam saber os eximios parteiros da Serenissima Princeza.

Engajada a cabeça, por pouco que seja, se lhe applicará o *forceps*, tanto mais apressadamente se houver probabilidades de estar em risco a vida do feto; antes disto, estando a cabeça acima de estreito snperior e movel—o emprego de *forceps* é um erro de serias consequencias. Verdade é que muito mais facilmente é o reconhecimento da morte do féto na presentação do tronco e depois de sua extracção, do que na presentação cephalica, apezar da auscultação e isochronismos do coração.

Mas ninguem ha que empregue logo a *craniotomia* ou a cephalotripsia antes de esgotados os recursos da mão e do *forceps*, depois da certeza da morte do feto—e no quanto fôr possivel. Salvo se, em respeito ao perigo da parturiente, ainda havendo duvida sobre a vida do féto, não fôr possivel qualquer contemporização; o que só sempre succede quando ha mais do que difficuldades e por tanto *vicios* e *informidades*.

Sim : na presentação pelvianna, havendo já extracção de todo o corpo do féto, certeza de sua morte (como então é facil) e impossibilidade da extracção da cabeça, impossibidade sempre occasionada por estreiteza natural da bacia, pessima presentação, e desproporção do craneo ou da cabeça do féto, deve se empregar a perforação da cabeça,—caso se queira seguir o preceito de Ch ailly, mediante a tesoura de Smelli, cravada na volta palatina—o que é pouco usado na pratica.

Quando não, empregar-se-ha a cep halotripsia, preferida pelos praticos mais modernos, e que consi ste no esmagamento pelo cephalotribo sem preceden cia de perforação, que realmente é ahi muito difficil e arrisc ada

Seria este a caso succedido com a Serenissima Princeza? Certo estou que não. Mas como q uer que o simples enunciado do emprego da *craniotomia* (que, como ficou dito,consiste na perforação do craneo)não assignala as condições para a applicação ; e ainda hoje muitos praticos preferem a arriscada perforação ou *craniotomia* á não menos arriscada cephalotripsia,—cumpre-nos não deixar de parte a hypothese da presentação pelvianna.

Dado ,porem,que fosse esta a apresentação,—de que lado estaria a diminuição ou o augmento dos diametros? Do lado do féto ou da Serenissima Princeza Imperial ?

Os boletins, que aliás se occupáram muito do *traumatismo dos orgãos*, tiveram sempre o cuidado de occultar a causa essencial da morte do féto ! E a razão por que o fizeram, não obstante terem dito—que haviam *condições normaes e propicias ás aventualidades futuras*, só leva a crer que a cabeça do féto era de proporções monstruosas. Mas é que tal não houve : na criança era perfeita e até lindissima, segundo nos asseveráram.

E se o féto não era de proporções monstruosas e nem havia vicio de conformação e estreiteza natural da bacia— visto é que empregou-se a *craniotomia* fóra das condições reclamadas pela sciencia,—*ainda estando o féto morto.*

E para mais firmar o que levamos dito. citarei o celebre Velpeau, ácerca da cephalotomia e *craniotomia*. Diz elle : « .... En résumé, la cephalotomie est indiquée : 1° quand le fœtus est mort et que les passages *sont troup resserrés* pour permettre de l'extraire avec le forceps ou par la version; 2° lorsqu'il est très probable que l'enfant a cessé de vivre, ou qu'il est sur le point de mourir, et que, pour l'avoir entier il faudrait pratiquer l'hystérotomie , 3° lorsque la tête est restée seule dans le bassin et que la main, le forceps ou les crochets ne suffisent pas pour l'extraire. Elle serait inutile, dangereuse, et doit être proscrite même quand le fœtus est mort, si le petit diamètre du bassin a moins de dix huit a vingt lignes d'etendue.» Quasi exactamente o que diz Nœgele, etc.

Portanto, é só quando ha forte estreiteza do canal, a ponto de não permittir a extracção da cabeça do féto por meio da mão e do *forceps*, que se deve recorrer á diminuição do volume do craneo; sendo que essa estreiteza longe está da ordem das difficuldades propriamente ditas.

E, continuando, o celebre parteiro francez, diz mais :

« *La craniotomie elle même doit être rarement nécessaire ou indispensable, puisque sur un total de vingt quelques mille accouchements, Madame Lachapelle n'en indique que trois exemples. M. Schweigheuser ne l'a pratiqué qu'une fois sur* 900 *acchouchemens à l'hopital de Strasbourg;* tandis que son successeur y a eu recours quatre ou cinq fois dans l'espace de sept mois sur deux cent vingt mille, Mr. Rieche en indique quatre vingt quatre;

tandis que sur 18,000 Mr. Merrimanen compte treize, et que Mr. Richler en cite trois sur deux mille cinq cents. »

Pela minha parte, durante todo tempo que estive em Pariz, apenas vi o professor Paulo Dubois praticar uma vez a *craniotomia* em uma parturiente, que havia dous dias se achava de parto—com presentação do féto pela cabeça. E bem me recórdo dos seus lamentos, e conselhos que déra aos discipulos, primeiro que penetrasse a tesoura de Smelli e varasse o croneo do féto ; porque, disse elle, apezar de todos os meios empregados, afim de se verificar sobre a vida ou a morte do féto, tem succedido mata-lo—estando elle bem vivo.

III

Passarei agora a fazer algumas considerações ácerca dos boletins, unicos havidos e publicados desde o dia 28 de Julho até o dia 3 de Agosto.

O deste dia, que é o ultimo, declara S. A. Imperial em *plena convalescença (ipis verbis)*, e pelo que declarou-se tambem suspensos os boletins ! !....

O boletim do dia 28, publicado no diario — *Nação*— diz apenas o seguinte :

« A Princeza Imperial a Sra. D. Izabel conservou-se calma e tranquilla durante todo o dia, tendo por vezes conciliado somno reparador ; até este momento (10 horas da noite) felizmente nenhum accidente puerperal tem ameaçado a pessoa de Sua Alteza».

Uma parturiente que passa quasi dous dias em tão grave e laborioso trabalho, soffrendo as consequencias de uma luta(como declarou o ultimo boletim), luta sem duvida devida á esforços que se oppunham,á resistencia nos estreitos e á falta de meios para esta vencêr moderadamente;em que, por fim,sem duvida depois de esgotados os máos recursos de

que lançáram mão os assistentes, recorreu-se á tesoura de Smelli ou a outro qualquer perfurante, e afim de ser diminuido o volume do craneo do feto, á custa da extracção do cerebro, á dest'arte ter lugar a terminação do parto... não póde apresentar um estado tão lisongeiro, não. Assim se tivessem dado as condições reclamadas pela arte para ter lugar semelhante operação ; assim houvessem *os assistentes* esgotado todos os recursos da sciencia e não tomassem só por alvo, *scientificamente*, a cabeça do féto para tanta gloria na *luta*, mas sem batalha alguma regular.

Mas dir-nos-hão : o certo é que esse foi o estado que apresentou a Serenissima Princeza — depois da *luta*. A consequencia é que a *luta* só foi contra a vida do féto ou contra a cabeça deste, e sem que houvesse necessidade de recorrer-se á *craniotomia* ; porque,só não tendo a passagem os diametros physiologicos e nem estando a cabeça fóra das proporções naturaes, póde-se sem grandes difficuldades, risco e forte traumatismo (mórmente não havendo demora da cabeça já preza ao estreito superior) reduzir-se o craneo a menor volume, e se o extrahir facilmente, embora entre mil hesitações e talvez pungente espectativa.

Se respeito muito aos collegas, mórmente estando todos lá no *Olympo*, nem por isto deixarei de lhes dizer, cá da *obscuridade*, as verdades que julguei mais convenientes para coagi-los á darem ao publico uma boa explicação ácerca do occorrido, que os boletins cercáram de tantas conjecturas.

Ninguem melhor sabe do que qualquer dos *magnos assistentes* (mas não infalliveis para dizerem *que nada teria podido acautelar a morte)*,—que parteiros ha por aturdidos com os gritos e soffrimentos das parturientes—que occupam-se bem pouco com o *sacrificio* e os martyrios da *in-*

nocencia muda: salvar a mãi a todo custo e o mais cêdo possivel; desembaraça-la e pô-la a salvo de quaesquer eventualidades, ainda não havendo mais do que lamentos e dôres,—só com o fim de receberem as alviçaras....é pelo que empenham-se sempre cautelosos para se não arriscarem na luta, que por fim se resume na offrenda de um cadaver, e este estrangulado

E é por sabermos disto, que muito devemo-nos precaver não só contra os accidentes physicos como contra os moraes que nos possam sobrevir. E é por isto que, quando escrevo, tomo sempre cautelas para não offender, como agora o faço, ás pessoas a quem me dirijo.

O certo é que não havendo nem vicio e nem estreiteza da bacia, com relação á monstruosidade do féto, nem alteração arriscada da parturiente, nem promiscuidade de condições insuperaveis, como se deprehende do referido boletim, empregou-se, talvez, a *craniotomia* sobre o *féto morto*, por causa mysteriosa, como por ahi se diz.

Entretanto, sou o primeiro a respeitar as boas intenções dos *mestres assistentes*, entre as muitas conjecturas que se offerecem e das quaes me tenho servido neste libello scientifico.

O boletim do dia 28, diz o seguinte:

« A princeza imperial, a Sra. D. Izabel, passou tranquillamente a noite, dormindo algumas horas. Tanto o estado geral como o local continuam satisfactorios até este momento (2 horas da tarde). Não ha reacção febril nem qualquer indicio de accidente puerperal. O estado moral é optimo. Palacio Izabel, 28 de Julho de 1874.—*Barão de Santa Izabel.*—Dr. *Francisco Ferreira de Abreu.* »

Nada melhor! Uma parturiente que tivesse seu *bom successo* em doze horas, sem o menor accidente, e só com

soccorros das forças naturaes, não conseguiria um tão lisongeiro boletim.

Para uma parida passar assim tão *tranquillamente* algumas horas de noite, depois de um parto, com o estado geral tão *satisfactorio*, e o local tambem em tão bom caminho, só no caso de não ter estado sugeita a vans tentativas por anomalia de diametros, e continuamente exposta a uma luta propria das grandes difficuldades; sendo certo, como já fiz ver, que a fallada *luta* durou dous dias; e que nenhum instrumento foi bem empregado e a tempo—como se estivessem á espera da morte do féto—á dar-se então a manobra da *craniotomia*, que se julgou indispensavel—apezar de não haver obstaculo insuperavel.

E pois que o boletim é verdadeiro, na parte relativa ao bom estado geral e local, é concludente que houve lá o que quer que fosse...menos os accidentes que rigorosamente reclamam o esmagamento do craneo e as consequencias da diminuição de seu volume pela extracção do cerebro ou pelo cephalotribo.

Cumpre addicionar o quanto nos admirou a palavra *satisfactorio* em relação ao *traumatismo dos orgãos*.

Sabem bem os *medicos assistentes*, que as feridas não feitas por instrumentos cortantes ou que são contusas, as contusões, as escoriações, as lacerações, etc., só manifestam reacção dos tecidos sãos circumvisinhos e do estado geral—quasi sempre no fim de dous, tres, quatro e cinco dias; sendo que as feridas por ballas, que são contusas, offerecem muitos exemplos a respeito da demora das reacções.

Conseguintemente, a não ter havido indevida expectação por força de apprehensões....e ao depois logo a *craniotomia*, outro deveria ter sido o traumatismo dos orgãos; e não seria logo no dia 28 que poderia o traumatismo de um

parto tão laborioso fornecer aos assistentes base para dizerem—que o estadò local *era satisfactorio.*

E, pelo que parece, semelhante assercão foi mais firmada no modo do proceder operatorio do que nas consequencias de uma longa manobra, em que por fim, depois da *morte* do féto, foi-se *forçado* a empregar a *craniotomia.*

E se podia existir ou realmente existio semelhante *traumatismo,* impensada foi a affirmativa, logo no dia 28 á tarde, de que tudo era *satisfactorio* ; porque seus effeitos não podiam ainda ter evolução, que désse a conhecer esse estado *já tão satisfatorio*

§

Ainda maior admiração causou-nos esta affirmativa do referido boletim—já depois de ter dito—que o estado geral era satisfactorio : *O estado moral é optimo, é excellente* !

Depois de tamanha *luta,* depois de haver tanto soffrido a Serenissima Princeza, de haver perdido seu fructo—o seu primeiro penhor—se diz em boletim :

« O estado moral é optimo, é excellente ! »

O que se teria á dizer, se o parto fosse natural e a parturiente tivesse, em vez de máo—um bom suscesso, do qual viesse ao mundo, vivo, seu primeiro fructo ?

Com o resultado de semelhante parto não podia deixar de estar assás impressionada a Serenissima Priuceza Imperial; não podia deixar de se achar sentidissima pela perda de sua filha ; e não podia—por mais confiança que tivesse nos assistentes—deixar de estar receiosa de algum accidente proprio dos partos demorados e effectuados no fim de tal *luta.*

Não podia deixar de estar sentidissima pela perda de sua filha—por ser a Serenissima Princeza plena dessa fé que constitue a grandeza das almas cheias de esperança e

estabelece as vivas relações entre Deus e as creaturas. Na duvida de um baptismo perfeito—que de idéas lhe não accudiriam ao pensamento ácerca da vida futura de seu querido anjo!

Em todo o caso, não podia Sua Alteza estar com o seu estado moral *optimo e excellente.* E isto só se deveria dizer quando se tratasse de alguma louca, cuja razão fosse restituida por algum *assanhado medico legista.*

Ou os assistentes, empregando a palavra—*optimo*—ácerca do moral da Serenissima Princeza, quererião com isto dizer—que ella estava assás resignada? Se foi neste sentido, ainda assim elles não se lembraram, na occasião, da differença que vai entre a calma do espirito pela paz que o cérca e a resistencia do espirito—por força da religião e das virtudes, contra quaesquer sentimentos e eventualidades.

A resignação é uma especie de virtude que encerra a resistencia moral; mas não é a tranquillidade do espirito fóra da luta moral: é sempre um sacrificio, que muitas vezes definha as forças do corpo á medida que se desenvolvem as intellectuaes e moraes contra qualquer dôr ou contrariedade ás vezes mortifera.

O boletim, publicado no dia 30, diz—que Sua Alteza passou como na noite antecedente. A mesma cousa e com as mesmas palavras: sempre *tranquilla*, conciliando somno reparador, com estado geral bastante lisongeiro, etc. Mas, que apresentára-se febre—nas ultimas quatro horas—ou moderada reacção febril; o que elles assistentes attribuiam ao *traumatismo dos orgãos.*

Um *traumatismo* em uma parturiente, que chega a produzir logo no fim do 2º dia reacção geral e febril, não podia ser considerado na vespera, como diz o boletim, em *estado satisfactorio.*

Em havendo ahi traumatismo que désse uma reacção febril, como dizer-se no mesmo boletim (assignado ás 10 horas da noite do dia 29) *que nenhum cuidado sério inspirava* !

E se até áquella hora *nenhum cuidado sério inspirava*, apezar da reacção febril devida ao *traumatismo dos orgãos*, isto é, devida ás offensas que os instrumentos e o craneo do féto produziram nos orgãos, a que veio logo dizer-se em seguida : «todavia não podemos estar tranquillos, antes da evolução do 4º ou 5º dia. »

Visto é que não combina este *receio* com o—*nenhum cuidado sério inspira* ; e nem tão pouco com o que disse o boletim do dia 28,— que tudo era *satisfactorio*.

A receiar-se a evolução do 4º ou 5º dia, em um parto tão *laborioso e de consequencias tão graves e até fatal*, era quanto bastava para se não ter dito—*que nenhum cuidado sério inspirava !*

Em todo o caso, bem fundadas devem ser as affirmativas dos praticos em boletins que têm de ser publicados para sciencia do publio. Pelo menos as facilidades nascidas da *infallivel sapiencia*, unida á falta de certa independencia nas condições, só servem para comprometter; e não podem salvar as verdadeiras conveniencias que dão firmeza ás boas acções.

Passemos ao boletim do dia 30, publicado nas gazetas de 31 de Julho proximo passado. Diz : « S. A. a Princeza Imperial passou perfeitamente a noite, dormindo sem a menor agitação por cinco horas pouco mais ou menos.

« Durante todo o dia conservou-se igualmente em condições favoraveis. Estado geral bom, reacção moderada pela volta das tres horas da tarde, ao despertar de um somno placido, a qual, porém, dissipou-se uma hora depois. Nada de febre de leite.

« A esta hora (10 da noite), progridem as cousas favoravelmente e *estariamos já em perfeita tranquillidade e segurança* sobre o estado de Sua Alteza *se não fôra o traumatismo dos orgãos, que ainda reclama cuidados assiduos por* alguns dias.

« Estado moral *optimo.*

« Palacio Izabel, 30 de Julho de 1874.—*Barão de Santa Izabel.*—Dr. *Francisco Ferreira de Abreu.* »

O boletim do dia 28 diz : *Estado local satisfactorio ;* o do dia 29 diz : « *Nenhum cuidado inspira ; mas não podemos estar tranquillos antes da evolução do 4º ou 5º dia !*

Alli, se não fôra o *traumatismo dos orgãos,* perfeita seria a tranquillidade dos assistentes ; aqui só faz com que elles não estejam tranquillos—a evolução do 4º ou 5º dia !

Um dia antes nada havia a receiar, apezar da reacção febril devida ao traumatismo dos orgãos, e que não se considerou principio de *evolução* ; logo depois *haveria plena tranquillidade e segurança sobre o estado de Sua Alteza,* se não fôra o *traumatismo dos orgãos,* que ainda reclamava *cuidados assiduos* por alguns dias !...

Entretanto, chama-se evolução o desenvolvimento certo, possivel ou provavel de qualquer enfermidade ou estado morbido occulto ou que já está ao alcance dos sentidos, e que é diverso da evolução ou expulsão do producto na apresentação da espadua. Por onde vê-se que a evolução póde ser relativa ao *traumatismo dos orgãos* depois de um parto laborioso, ou ao *estado puerperal* propriamente dito —seja considerado nos phenomenos naturaes, seja nos accidentaes, dependentes da constituição medica ou de outra qualquer causa externa.

Sendo assim, é claro que os sabios assistentes da Serenissima Princeza quando fallaram em evolução foi da

relativa ao traumatismo dos orgãos e não a do estado puerperal; e por isto disseram no boletim do dia 30 « que estariam já em perfeita tranquillidade e segurança sobre o estado de Sua Alteza—se não fôra o *traumatismo dos orgãos* que ainda reclamava cuidados assiduos !

No dia 29 tudo indo admiravelmente e nenhum cuidado sério inspirando, só temia-se a evolução do traumatismo do 4° ou 5° dia : no boletim de 30,a mesma tranquillidade e segurança se daria, se não fôra o traumatismo dos orgãos que reclamava cuidados assiduos por alguns dias !...

De maneira que, em um parto tão *laborioso*, nada havia a temer quanto á evolução puerperal, isto é, quanto á peritonite-puerperal,á metrite-puerperal,á ovarite, aos abcessos phlegmonosos intra-pelviannos puerperaes, etc., e só havia a temer quanto ao traumatismo dos orgãos na evolução do 4° ou 5° dia !

E não se comprehende ainda que, tanto se temendo o *traumatismo dos orgãos*, se houvesse dito nos boletins dos dias 28 e 29—*que nenhum cuidado sério inspirava ! !*

Assim como tambem espanta que tão altos medicos parteiros cahissem em assignar o boletim do dia 30 de Junho (menos de tres dias depois da *luta*), concebido nos seguintes termos: « e estariamos já em *perfeita tranquilidade e segurança*, sobre o estado de sua Alteza, se não fôra o traumatismo dos orgãos, que ainda reclama assiduos cuidados » !

Sempre o *traumatismo dos orgãos !*

. . . .

E o mais ? O estado mental da Serenissima Princeza, que em todos os boletins é fallado e repetido, como se a

mania-puerperal fosse o unico accidente a temer ou o mais provavel—por predisposições que houvessem.

Pois bem : se a *mania-puerperal* é um dos estados que se apresenta depois dos partos,como observou Esquirol, e grande numero de parteiros tem o bservado ; se a *mania-puerperal* pode apparecer no quarto dia, do quinto ao decimo quinto, no fim de trinta, quarenta e mais tempo ainda, segundo tem mostrado a estatistica.;e assim tambem outras molestias puerperaes—como a propria febre puerperal,a metrite,a ovarite,etc,podem sobrevir ainda depois do decimo quinto dia—por onde se explica semelhante asserção dos medicos assistentes, no fim do terceiro dia ?... « *estariamos já em perfeita tranquilidade e segurança sobre o estado de Sua Alteza se não fôra* o TRAUMATISMO DOS ORGÃOS » !

Nunca se vio tanto açodamento, para se dar por salva e livre de quaesquer accidentes a uma doente,como o que manifestaram os assistentes da Serenissima Princeza Imperial ! Pelo menos leva a conjecturar-se que elles, temendo qualquer consequencia das suas boas obras, procuravão logo tirar de si a responsabilidade apontada pela propria consciencia, no caso de sobrevir algum grave mal na *evolução ;* ou conscios de que, sem a necessidade indicada pela sciencia, empregaram a *craniotomia*, e, portanto, só com o fim de salvarem a quem não deveria passar pelo mais pequeno risco—trataram de apressar o batimento das palmas ao publico, que os contemplava de longe.

Continúo : O boletim do dia 31 pouco mais se presta a outra analyse, que não a que tem sido feita. Diz : « que suaAlteza passára a noite tranquilla e dormira horas sem agitação, apresentando-se pela manhã em estado muito satisfactorio ; que á reacção moderada do dia ante-

cedente (reacção do *traumatismo dos orgãos*, segundo os assistentes), succedêra uma ligeira transpiração geral e complecta apiréxia, que deu lugar ao emprego do sulfato de quinina no vinho de Laroche ; que os phenomenos phisiologicos consecutivos ao parto progrediam com regularidade ; que o estado moral era optimo ; facies magnifica e apetite ; que o *traumatismo dos orgãos* modificava-se favoravelmente. Eis ahi tudo.

Por este boletim vê-se que, do 2º ao 3º dia, sobreveio uma febre em Sua Alteza, e que esta febre terminou com ligeira transpiração geral e completa apiréxia. Mas, disseram os assistentes : Esta febre foi devida ao *traumatismo dos orgãos*, e não houve febre de leite. »

Já fiz ver que, a dar o traumatismo dos orgãos lugar a uma reacção geral, outros seriam os effeitos locaes, e não esses tão beneficos de que fallam os boletins. E por que não seria a febre de leite? Dir-nos-hão : porque na febre de leite, de 24 a 36 horas, os seios augmentam de volume, e não houve isto ; porque, no fim de 48 horas, pouco mais ou menos, os seios se engorgitam, tornam-se manifestamente duros e doridos, e nada disto houve ; porque no principio a mulher experimenta *um ligeiro frio; que é seguido de calor da pelle e de transpiração,*—a face torna-se rubra e animada, ha até cephalalgia, perda de apetite, lingua branca, diminuição de corrimento de lochios, o pulso se acceléra, torna-se pleno e forte, largo e flexivel ou brando—e nada disto observou-se, a não ser a *reacção do traumatismo*, seguida de suor, etc.

Mas, terá sempre a febre de leite uma só marcha—typo—; apezar da variedade das circumstancias, dos accidentes supervenientes ao parto, das idiosyncrasias, etc.? Ninguem o dirá.

Temos visto o que todos os parteiros affirmam: que a febre de leite muitas vezes deixa de manifestar-se com todos os seus symptomas caracteristicos. Como diz o grande pratico Jacquemier (e outros), os phenomeños são muito menos sensiveis, e apenas nota—se ligeira inchação dos sêios, pouco calor e suor. E póde-se ainda dizer—que as vezes não apparece reacção alguma febril, apezar do augmento de volume dos sêios, e do corrimento do leite,

A duração da febre de leite póde variar de doze a vinte quarto horas e mais. E Désormeaux diz ter visto manifestar-se algumas vezes, na épocha ordinaria, mas moderada, calmar-se para depois voltar intensa no fim de um ou dous dias; resultando disto que, no tempo da febre, se não possa muitas vezes reconhecer logo algum estado morbido differente.

Outro sim: Quando em uma parida sobrevem febre—no periodo da febre de leite—e que é devida a outro qualquer estado morbido inherente ao parto, dá muito a receiar o desenvolvimento de algum estado puerperal mais ou menos grave.

Mas, não obstante esta verdade tão confirmada pela pratica, e haver apparecido na Serenissima Princeza essa febre, que os proprios assistentes reconheceram e confessaram não ser de leite, comtudo ao publico affiançaram que *nenhum cuidado inspirava!* Quando elles só poderiam assim proceder se tivessem certeza de ser a tal *reacção moderada*—a febre de leite e já houvesse decorrido o tempo das evoluções.

E' mais natural, pois, ter sido antes devida essa ligeira reacção febril e esse suor á febre de leite, fóra do rhythmo natural, do que ao *traumatismo dos orgãos*; traumatismo que, como se deduz de tudo, não existio—tal qual deveria

ser—se fosse o trabalho convenientemente guiado pela boa pratica, se esgotados tivessem, sido em tempo—todos os recursos a favor da vida do feto, se o caso realmente reclamasse á *craniotomia* ; se emfim não se carregasse, talvez, sobre o feto, se o esmagasse facilmente (por não haver falta de capacidade e de diametro), só afim de desembaraçar a Serenissima Princeza, livral-a dos lamentos naturaes, que as mais das vezes não são a expressão de extenuação, do risco e da necessidad e de se atropellar o parto.

Quando não, não ha quem ignore quo o organismo, quasi sempre alterado com a gestação, tem por fim, depois do parto, recobrar o seu estado physiologico natural : o pulso desenvolve-se mais e a secrecção da pelle, depois de desembaraçado o utero, começa a manifestar-se por alguma *humidade* e depois *por suor*, ás vezes copioso em certas horas do dia e da noite.

Por onde vé-se, que este fallado suor, nos boletins, e que tantos cuidados produzio nos assistentes a ponto de empregarem logo o *sulfato no vinho Laroche* póde ser explicado pelas leis physiologicas e não pathologicas.

Passemos ao boletim do dia 1 de Agosto (5 dias depois da luta, de tanto traumatismo, de tanto perigo e da morte do feto e sua extracção á força de *craniotomia*).

« Melhoras progressivas, tranquilla, somno reparador, ligeira transpiração geral pela madrugada. Durante todo o dia—Sua Alteza em estado satisfactorio ; ás 10 horas da noite, calma *sem o menor soffrimento* e prestes a conciliar o somno. Estado geral optimo (além do supradito estado satisfactorio). Bom apetite.

« Traumatismo dos orgãos muito favoravelmente modificado. Começão a dissipar-se quaesquer apprehensões

sobre o estado de Sua Alteza (*Diario do Rio* de 2 de Agosto). »

Já mostrei que as apprehensões não podiam estar dissipadas do quarto para o quinto dia, tanto porque os phenomenos graves do estado puerperal podem sobrevir ainda 15 dias depois, como por haver confessado o boletim de 30—que os assistentes só receiavam a evolução do dia 4 a 5, tempo este que ainda não se havia passado quando foi assignado o boletim do dia 1, ás 10 horas da noite.

Tendo o parto terminado ás 2 1/2 horas da madrugada do dia 28, deste tempo até ás 10 horas da noite do dia 1, não decorrêram mais de que tres dias e algumas horas, e, portanto, o temido tempo de *evolução* não se tinha passado.

Verdade é que este boletim—do dia 1º—foi apenas assignado pelo Dr. Ferreira de Abreu, cuja responsabilidade não posso aceitar, como disse em principio. Mas como quer que fosse elle escripto sob as vistas do Sr. Dr. Feijó (pai) ou Barão de Santa Izabel, continùo, asseverando, que este boletim não condiz, de modo algum, nem com os principios da sciencia, nem com o progresso da arte, nem com os factos offerecidos pela boa observação.

Tudo ahi é verdadeiro quanto ao estado de Sua Alteza; mas tudo ahi parece ter sido mystificado quanto ao labor do trabalho, ás causas que determináram a morte do feto, á necessidade da craniotomia, o estado da bacia, e ás consequencias da operação.

Nenhuma relação scientifica existe entre os boletins dos dias 1 e 2 e os successos do parto, como temos mostrado, occupando—nos dos outros.

O que diz porém o ultimo boletim, que é o de 3 do corrente? « S. A. a Princeza Imperial acha-se emfim,

graças á Providencia, em condições inteiramente satisfactorias, não só emquanto ao estado geral, mas *tambem em relação ao estado local, ficando o seu* organismo, que apenas reclama ainda alguns *pequenos cuidados, em condições normaes* e propricias ás eventualidades futuras.

« Desde este momento declaramos S. A. Imperial em plena convalescença, pelo que nos congratulamos com o paiz, nada restando da *luta* além da dolorosa reminiscencia da morte do feto, accidente aliás annunciado em tempo, antes de qualquer intervenção cirurgica, e que infelizmente nada teria podido acautelar.

« Suspendemos em consequencia a publicação de nossos boletins.

« Palacio Izabel, 3 de Agosto de 1874.—*Barão de Santa Izabel.—Dr. Francisco Ferreira de Abreu.* »

Quando se suspende boletins ácerca de um enfermo é porque este está inteiramente salvo de todos os accidentes ordinarios que podem sobrevir a um parto ou a uma operação qualquer. E sendo assim, como indubitavelmente é, poderiam os medicos assistentes, firmados na pratica e nos principios, asseverar no fim de seis dias, posto as cousas corressem tão lisongeiramente—que nada mais havia a receiar, que Sua Alteza estava em plena convalescença, e pelo que congratulavam-se com o paiz ? Não por certo.

Se ainda até o dia 30 de Julho se disse : « Se não fôra o traumatismo dos orgãos, que ainda reclama *cuidados assiduos por alguns dias,* estariamos já em *perfeita tranquillidade.* » Como já dous dias depois declarar-se tudo acabado. e apenas exigindo o organismo—pequenos cuidados ?

Realmente, nada disso se poderia avançar, no fim do 6°

dia, depois de *tamanha luta* e da *craniotomia*, se os medicos assistentes tivessem meditado no que a respeito dizem os autores e é pela pratica quotidianamente confirmado.

Deixando de parte os graves accidentes puerperaes que muitas vezes sobrevém ás parturidates ainda no fim de oito, quinze e até quarenta dias, accidentes, que, por serem tão observados na pratica obrigam a que os sensatos sejam por demais cautelosos em suas prognosticos e juizos definitivos; cumpre lembrar, que entre os proprios accidentes locaes alguns ha de consequencias graves, nos partos laboriosos, que não devem escapar á attenção do pratico. E a ter existido caso para seria e justificavel *luta* e para a *craniotomia*, não se deveria no fim de 6 dias dar como livre de tudo a Serenissima Princeza Imperial.

Ahi estão as contusões dos plexus e dos troncos dos nervos da bacia, as inflammações traumaticas e os abcessos profundos, as paralysias, etc., que, entrando na ordem das affecções mais communs e das mais importantes a conhecer-se, podem sobrevir até muito depois do 4º ou 5º dia, que os assistentes chamaram—dias de evolução.

E se ainda bem não se tinham passado esses dias de evolução, como retirar os assistentes os boletins, dando por salva a Serenissima Princeza? E' que os assistentes sabiam que tudo só foi velozmente exercido contra o craneo do féto, que deveria vir fóra—por força.

Entretanto, continúa o boletim. . . . .
. . . . . « ficando o seu organismo, que apenas reclama ainda alguns pequenos cuidados, em condições normaes e propricias ás eventualidades futuras. »

Logo, da parte da parturiente, não houve obstaculo algum organico que obstasse a marcha regular do parto; logo, o obstaculo organico deveria existir da parte do féto. E, se existia da parte do féto, por que tanto mysterio?

Mas é que não existio realmente da parte do féto anomalia ou monstruosidade alguma que reclamasse o esmagamento da cabeça e a extracção, sem duvida, sem serem esgotados todos os outros meios cirurgicos.

Logo, o accidente de que trata o ultimo *Bolelim*, excluido, como ficou demonstrado, o accidente da presentação pelvianna, por imprudentes manobras, e o engasgamento da cabeça no estreito superior, foi arbitrario ou dependente de circumustancias alheias á comprehensão.

Porque, repito, não sendo a bacia mal conformada, e nem o féto de proporções extraordinarias; não havendo forçada presentação da cabeça contra diametros ainda que pouco diminuidos, ha remedio para qualquer accidente; e o emprego ahi da *craniotomia*, ainda não se conseguindo resultado, é irracional e injustificavel—mórmente se fôr a parturiente assistida, desde as primeiras dôres, por praticos reconhecidos e que não estejam no caso de pôr em risco duas ou mais vidas, por não prevenirem que a um pequeno accidente não sobrevenha outro terrivel.

Continúa o boletim: « Nada restando da luta além da dolorosa reminiscencia da morte do féto, accidente aliás annunciado em tempo, antes de qualquer intervenção cirurgica e que infelizmente nada teria podido acautelar » . . . .

Porque nada teria podido acautelar? E' preciso que o paiz o saiba. Não basta estampar uma semelhante proposição. Quem sois vós?

Uma tal proposição—*nada teria podido acutelar*—só se deveria avançar no caso de que a causa que motivou a morte fosse de ordem tal que desde as primeiras dores estivesse fóra dos recursos da arte; e que vós, medicos assistentes, fosseis infallíveis.

E quem nos diz que, a não ter estado (como parece concludente) a causa da morte fóra dos recursos da arte, outros parteiros teriam salvo a infeliz criança !

E se a causa da morte foi tal, *que nada a poderia acautelar*, não ha razão para mysterios : faça-se a luz no limbo.

Accidente aliás annunciado em tempo, antes de qualquer intervenção cirurgica !.... Então, antes que tivesse certeza da morte do feto, não se empregou meio algum cirurgico? Nem a mão foi empregada em tempo algum, afim de salvar o feto? Esteve-se só á espera da *certeza* da morte do feto para então logo empregar-se a *craniotomia ?*

E' o que se collige logicamente dos boletins.

Visto é que, do quanto levo dito, se não póde concluir que não haja accidente imprevisto nas diversas phases de um parto, ainda estando as cousas apparentemente bem encaminhadas; mas sim, que os accidentes são de duas ordens : uns irremediaveis para o feto, outros para a mãi, e outros remediaveis para os grandes praticos e irremediaveis para os parteiros timidos, condescendentes, temerarios, precipitados, etc.

Para que os Srs. medicos assistentes livrem-se das mais justas conjecturas e recriminações—até por terem sido omissos nos boletins, além das palpaveis contradições—, convém que, despidos das lentenjoulas officiaes, que a ninguem póde dar o verdadeiro merito scientifico, summa pericia e respeitavel condição, vistam a casaca do verdadeiro apostolo da sciencia e venham á imprensa explicar ao paiz—qual o motivo por que empregáram a *craniotomia* no primeiro fructo da Serenissima Princeza Imperial, ainda quando se o reconhecesse bem morto. E isto não havendo nem vicio de conformação da bacia e nem augmento desproporcional do craneo, que constituisse—

não o difficil—mas o impossivel, de que tratam os autores a respeito da *craniotomia.*

Enfim, a morte de um féto a termo, dadas as bôas condições dos diametros, de parte a parte, não póde dar-se por accidente que, em geral, seja superior ás forças da arte; sempre é elle precedido, em suas diversas phases, de circumstancias mais ou menos dependentes de seus bons recursos. E tendo dito o ultimo bolletim que a morte do féto foi um accidente *annunciado a tempo*, antes de qualquer intervenção cirurgica, e que infelizmente *nada teria podido acautelar*, compromette seriamente aos seus autores, que, emquanto não provarem que na passagem houve obstaculo superior ás forças da arte, e que o féto, antes da *craniotomia*, estava realmente morto, não se salvam de mil conjecturas. E se a apresentação do féto foi a cephalica e nunca mudada em todo o trabalho, difficil seria para taes assistentes a certeza de sua morte nas 26 horas; essa certeza que se adquire quando vem elle pelo pelvis e póde ser seguramente auscultado e estudado pelo cordão umbilical.

Se a arte de partejar ou a obstetricia não póde ceder de seus principios em favor ou não das gerarchias sociaes; se é ella sempre a mesma, invariavel e severa, em quaesquer condições, creio que não será muito facil uma prova justificativa do emprego da *craniotomia*, no caso de que me tenho occupado, com todas as circumstancias conhecidas.

Dr. Carolino F. de Lima Santos.

Rio, 30 de Agosto de 1874.

Os medicos assistentes á Serenissima Princeza Imperial aturdidos perante a opinião. (*)

Prova de que os medicos assistentes à Serenissima Princeza, a Sra. D. Izabel, não tinhão a precisa previdencia e independencia, e nem a necessaria coragem e uma bem firmada reputação, como parteiros, para dirigirem essa *luta* de que fizeram alardo nos boletins, já por mim analysados, é esse forçado ou calculado *despreso* que ainda ousam ostentar, mas que é certamente o resumo da falta de cumprimento do dever, de submissão aos principios, e sobretudo do devido respeito ao illustrado publico, este que tanto honrou com a sua attenção o meu humilde artigo, inserido no *Jornal do Commercio* de 30 do passado.

Basta dizer que, além das muitas provas de consideração que tenho recebido de grande numero de collegas e de pessoas gradas e illustradas da sociedade, tal foi a procura do n. 240 do referido jornal, que um só, dias depois da publicação, não havia mais a ser posto á venda na typographia.

Com isto estou satisfeitissimo: e tanto mais porque sou dos que pensam que as grandes honras para o homem da sciencia não são as que estão na dependencia do sello do poder, não; que do cofre das graças, aliás pleno do extracto do precioso sangue do povo, que lhe vai dia a dia, obolo a obolo, gotejando, é quasi sempre lamentavel a destribuição; e que os agentes do poder, muitas vezes

(*) 2º Artigo publicado no *Jornal do Commercio* de 16 de Setembro de 1874.

convertendo as graças em meios de corrupção, fazem com que dellas se esvaia, como o ether dos corpos volateis, o que poderiam conter de nobre para os espiritos cultos, que sabem separar o joio do trigo.

O trigo contém a substancia nutritiva, sã e pura, que lhe deu a natureza; o joio, o principio de corrupção que envenena o organismo, excita as paixões, perturba a razão e reduz o homem a um *manequim official.*

Entretanto, admira que haja homens que, devendo ter consciencia de sua inferioridade na ordem dos homens verdadeiramente sabios, dos praticos consumados, dos grandes observadores, dos escriptores notaveis das altas illustrações, emfim; que nunca tendo escripto—de lavra propria e sob a boa experiencia— um opusculo, um livrinho, um artigo sequer, ainda sobre a materia de que são lentes (em alguma bem pobre faculdade); que nunca apresentando na pratica alguns desses factos que honram uma vida inteira, quando não a recommendam á posteridade—tenham comtudo a coragem de insultar a um publico inteiro, appellando para o *desprezo*, só porque contam com o apoio do poder e da força convertida em sciencia para distribuir diplomas e pergaminhos de sabios!!

Em todo o caso, a historia dará o devido valor, como já o tem feito o illustrado publico, ao fallado desprezo dos medicos assistentes á Serenissima Princeza; assim como não deixará de avaliar os motivos que os levaram á mais extravagante das antinomias pela luz que procurei fazer nas trevas que envolviam esse infeliz parto.

Verdade é que os *nyctalopos* não podem tolerar a luz viva de uma lanterna, assim como a meridiana: della fogem, de punhos cerrados sobre os olhos, e procuram os es-

condrijos e as trevas para, enfurecidos, machinarem contra o *audaz da lanterna*. E é por isto que jámais deveriam querer os *medicos assistentes* passar á historia como *servos humilissimos* affectados de *nyctalopia,* quando erão considerados os luzeiros de uma côrte dentro de *outra.*

Tambem é certo, e isto me apraz, que o fim que tive em vista tóca sobretudo a humanidade, posto se tenha procurado inspirar que outro não foi senão fazer, á custo de alheias reputações, alguma que eu não tinha.

E', porém, intituitivo que bem errado andaria eu se, no proposito de fazer uma reputação—que jámais seria superior á com que me honrára a illustrada e heroica provincia de Pernambuco—sem um honroso e justificavel motivo, cégamente atirasse-me ás escabrosidades, ao risco de uma lnta com o mais vultoso dos medicos assistentes, ás inconveniencias que atravessão os que ousão dizer as verdades, ao ranger de dentes da oligarchia e quiçá á alguma *divindade celeste.*

E' intituitivo, sim, que não é por certo o camiuho, o que dizem que sigo, o mais cnrto, o mais saudavel e recto para chegar ao *grande fim* da profissão nos tempos modernos e nesta grande côrte! Outro ha bem conhecido e seguido que não póde ser estranho aos que, na ordem dos factos acostumados, que é a ordem do dia de hoje, estão acostumados a passar pelas forcas caudinas da adulação, da mercancia e das condescendencias da fanfarrice, que são as que mais apreciam os homens.

Grande delicto em verdade commetti eu!

Segurar com todo o rigor da arte, pelos gorjaes das librés, aos *medicos assistentes* ao máo successo da Serenissima Princeza, e os conduzir á barra do tribunal da opinião publica; e ahi os collocar sob o pezo de uma fundada accu-

sação, ácerca do seu proceder para com o primeiro fruto da mesma Serenissima Princeza, em que empregàram a *craniotomia*, depois uma delonga de quasi dous dias, sem que houvesse a necessaria intervenção cirurgica, e fóra das condições essenciaes rigorosamente indicadas pela sciencia.....é realmente um *grande delicto !!*

Vasados no unico molde de algum poder, que tem a virtude de encarnar força variada e infallivel sciencia nos *bem avetnurados*, *os medicos assistentes* julgavam-se impenetraveis e com o direito de, tudo olhando de cima para baixo, serem continuamente venerados—ainda que, porventura, caminhando de desatino em desatino e por entre mil incongruencias,ao publico offerecessem um espectaculo desolador.

Entretanto é certo que esse molde do governo, unico e invariavel, póde ser comparado ao do *celebre fundidor de Florença*, esse que, tendo um unico molde de vasar cavallos, na supposição que do molde não dependia a variedade do baixo relevo e a perfeição das obras, e sim tudo da *bôa combinação dos finos metaes*, tinha sempre a desdita de ver sahirem-lhe bellos cavallos, por mais misturas que fizesse de ingredientes para obter certos vultos da antiguidade que lhe erão encommendados.

E os *medicos assistentes*, sendo artificialmente tão elevados e naturalmente tão instruidos, devem delles fugir a bom galope, levando comsigo cada um seus valores genuinos.

§

Mas, emfim, o que fizeram os *medicos assistentes*, assim conduzidos á barra do tribunal da opinião do paiz? Fugiram pelos esterquilinos a apanharem, aqui e alli, o mais desprezivel, para atirarem tanto sobre o incommen-

suravel juiz,por mim escolhido, como no defensor dos principios da sciencia.

E assim, em vez de subirem ás columnas de Gutemberg para, não em attenção á minha individualidade, que nunca contou com resposta plausivel, mas em respeito ao publico e á sciencia, pôrem a limpo tudo quanto de essencial occorrêra na *luta* em que se dera o dito *máo successo*, afim de esclarecerem ácerca dos pontos cardeaes, isto é, do vicio ou não de conformação, da desproporção ou não do craneo do feto, dos accidentes que deram lugar á morte deste e á *craniotomia*... nada disto fizeram. Ao contrario : amúaram-se com a sciencia, encadernáram-se ainda mais com as librés, e em vez de pedirem conselho á propria consciencia e ao dever, recorrêram sem duvida aos *agentes* do poder, que, os fundindo no *fatal molde*, impuzeram-lhe o eterno silencio da *inercia*,que é o grande meio, o meio prodigioso da *alta sciencia* e da *alta politica*, em progresso !...

Um tal proceder, no meio de todo esse apregoado *progresso* do paiz, só revela uma cousa : — que nesta terra ninguem póde ter sciencia, posição, dignidade,. valor, virtude e nobreza...sem licença do governo,e que,portanto, em bem máo caminho vão os publicos negocios,

E é por saberem os eximios parteiros que toda sciencia vem *de cima*, como todo o poder vem de Deus, em vez de olharem para a opinião, voltaram-se cegamente para o poder, á receberem a *senha* que os deveria guiar do melhor modo possivel.

O melhor modo possivel ahi consiste em *desprezar-se esse medico* audaz, envolvêl-o no esquecimento ; é deixar passar no olvido o seu arrazoado—apezar da opinião. Porque ha uma opinião superior á opinião das mnltidões ! ! E elles obedecêrão—por serem sabios demais ! !...

Obráram mal certamente os taes parteiros! O homem illustrado não foge subrepticiamente; e muito menos sob pretextos que deslustrão mais áquelle que os allega do que aos que delles sabem desviar-se soberanamente.

No campo da sciencia só a mediocridade e os desazados allegam desigualdades de *posições officiaes*. Pelo que, removendo de si os medicos assistentes esses prejuizos do materialismo, que só servem para abafar a realidade intellectual e moral—jámais deveriam escusar-se de explicar os factos relativos ao máo successo da Serenissima Princeza Imperial; factos que,tocando aos interesses do Estado —como fizeram sentir congratulando-se com o paiz— ficam gravados na historia, quer queiram, quer não.

Entretanto, para que bem se veja a differença entre o apostolo da sciencia e da verdade e os soldados rasos da oligarchia, estamparei aqui o que occorrêra na Bahia com relação ao sempre chorado arcebispo D. Romualdo, Marquez de Santa Cruz.

Este sabio prelado sustentou na imprensa uma questão scientifica com o lente substituto da faculdade de direito do Recife, unicamente pelo facto de haver esse lente (que era o Dr. Jeronymo Villela) contestado em uma sabbatina a opinião delle arcebispo—que *os parochos não eram empregados publicos*. Opinião que havia sido, na dita sabbatina, apresentada contra a do lente pelo Rev. Rocha Vianna hoje, creio, doutor e conego da Sé metropolitana.

O eximio prelado não olhou então para a distancia das condições officiaes: só lembrou-se de que era um sabio, e que a cima de tudo estava a sua reputação como homem da sciencia. Porque elle sabia que, na ordem das cousas fallivcis, ainda as mais bem firmadas reputações

necessitam, como o mais forte organismo, de quotidiana seiva que lhe entretenha a vida e o vigor.

Mas dir-se-ha : se fostes tão *severo* na vossa exposição, que direito tendes a uma resposta ? Se houve severidade, ella só proveio do modo porque se apresentáram os fallados *medicos assistentes* nos seus boletins.

Além de contradictorios, como que procuráram lançar pó nos olhos de um publico iuteiro, onde aliás ha medicos superiores aos *medicos assistentes* — em saber, em illustração, em boa pratica e bom senso.

Isto não é uma offensa que lhes atiro ; é uma verdade que a minha consciencia reconhece e que não posso deixar de consigna-la.

Pela parte que me tóca, peço licença para dizer : que mercê de Deus, não cedo o meu labor, o meu estudo, o meu pouco saber, a minha pratica (quer como medico, quer como operador) e emfim a minha reputação — timbrada pelo povo de uma tão grande provincia — ás glorias dos *medicos assistentes*. O publico nos julgará, e não quem é *caprichoso demais*.

Dentre alguns medicos que conheço, e até parteiros, nenhum deixaria de cumprir rigorosamente com os preceitos da arte, embora no leito de tão alta personagem ; nenhum se sujeitaria ás iniciativas de uma parteira (que não é Bolvin e Lachapelle) para ao depois, por *certas condescendencias*, tomar a responsabilidade de *tudo* nos boletins; nenhum a tanto se sujeitaria, unicamente com o fim de ter o *improvisado nome de parteiro imperial* — á dest'arte fazer boa clinica de *obstetricia*; nenhum emfim *consentiria* que se praticasse a *craniotomia* — fóra das condições assignaladas pela sciencia e pela pratica.

Um *sobr'olho* qualquer tambem os humilharia ao

ponto de saltarem por sobre as dignidades do verdadeiro medico, e dos principios que constituem a gloria da sciencia ; não.

E os *medicos assistentes*, que sem duvida se julgam iguaes aos melhores, deveriam por isto mesmo arredar de si quaesquer conjecturas que lhes podossem prejudicar na alta reputação em que se achavam.

Outrosim, pensarão realmente os *medicos assistentes* que o seu *soberano desprezo* passará como desprezo? Engano manifesto, o publico não tolera samelhantes *desprezos*, por mais involvidos que sejam nas capsulas da *soberania*.

E antes que me houvesse elle tocado, se fosse isto possivel, teria passado por sobre *Velpeau, Paulo Dubois*, *Nægele* e outros, que citei no meu communicado de 30 do proximo passado. Porque se formulei uma accusação aos infelizes coilegas parteiros pelo máo successo da Serenissima Princeza foi toda ella firmada na authoridade desses mestres da sciencia.

Sendo assim, como foi, que d*esprezo* poderá dar-se que não cause riso e compaixão?

Não, não creio no *desprezo*; porque ha mais do que desprezo, ha desespero, posto que irremediavel.

Quando a culpa condemna, não dá direito para justas reacções ; ha sempre atropello de idéas, que convertem-se em paixões mais ou menos dissimuladas.

Se errei, se a minha accusação foi infundada, é occasião de esmagarem-me. Provem a inexectidão della, a negação dos principios que encerra, os absurdos que contém a temeridade que a enfeitou. Quando não, confessem a verdade, e defendam-se, se porventura sanccionáram em

boletins, offerecidos ao publico do paiz inteiro, graves faltas por *outros commettidas*.

A *craniotomia* praticada sem haver vicio de conformação da bacia ; sem haver cabeça organicamente fóra dos diametros ordinarios ; sem monstruosidades, adherencias de partes, tumores resistentes que obstem a passagem..,sem haver emfim mais do que essa difficuldade que consiste no impossivel, digo que é um attentado que póde ser seguido de sérias e extensivas consequencias ; mórmente se foi ella praticada, com a maior facilidade, sobre a primogenita da Princeza Imperial — ainda plena de vida.

Sabeis porque ? Os grandes máos exemplos lavram como a peste, e matam e destróem na razão das predisposições.

Se passar *officialmente vasado no maldicto molde*—que se fez bem, com todo o acerto e rigor da sciencia, o parto da Serenissima Princeza ; que a *craniotomia* foi ahi bem applicada, posto não houvessem as condições já indicadas : — grande numero de crianças terão de ser, d'ora avante, sacrificadas á *craniotomia*—desde que se apresentem nos partos ainda as menores difficuldades !

Então nos centros — onde são privilegiados os mandões, os charlatães do mais alto calibre — raros não serão os infanticidios . . .

E a propria Serenissima Princeza Imperial — *ainda não tendo vicio de conformação*, como talvez involuntariamente não se fez crer — terá de ver seus fructos todos sacrificados, se em cada *trabalho* apparecerem difficuldades que, para serem removidas, predisponham o seu organismo á qualquer evolução ou accidente natural aos partos laboriosos.

Eis ahi o perigo do *silencio e do desprezo licito, civil, bem aconselhado e meditado*, apezar de escandaloso!

E demais: para que hão insistir em illudir ao publico os *medicos assistentes*?

Ha duas especies de resposta: uma difficilma, grave, elevada e digna; outra sempre facil, triste, miseravel e repulsiva.

Em falta de uma resposta difficil e capaz de encinerar-me, oscillam os afamados parteiros da primeira côrte do mundo; e, oscillando, resolvêram-se a seguir o caminho mais facil.

Em todo caso alguma resposta sempre se tem dado — nas lojas, boticas, cafés, alpendres, palacios e baiúcas.

Pela minha parte não aceito duellos reprehensiveis: o meu campo é o da sciencia, onde continúo a firmar-me para dizer a esses collegas que componham-se sériamente e venham responder, quando não mais, aos seguintes pontos: 1°, se o féto estava realmente morto quando se praticou a *craniotomia*; 2°, quando teve lugar a morte — se muito antes das primeiras dôres ou depois dellas; e se depois — se no principio, no meio ou no fim da *luta*; 3°. se ainda estando morto um feto é de regra empregar-se a *craniotomia*, embora não haja estreiteza essencial ou relativa da bacia; 4°, se havendo duvida sobre a morte do feto ou certeza de sua vida, que qualificação póde ter o emprego da *craniotomia* fóra das unicas condições reclamadas pela sciencia.

E' a isto que seriam coagidos, se habitassem um paiz em que, manifestando-se a opinião pelo modo que se sabe, nenhum poder houvesse capaz de tentar abafa-la, servindo-se de meios só proprios das aldêas, onde as *gazetinhas* vivem na dependencia dos bachás que as dominam.

§

Que o feto não fôra considerado morto, com toda a certeza possivel, antes da *craniotomia*, deduz-se das publicações que foram feitas officialmente com relação aos boletins e do mais que ponderei no meu communicado de 30 do passado, mas tambem das circumstancia de ter-se dado o *baptismo*, do qual resultou a *encommendação*— na igreja da Ajuda.

Tendo-se dado o baptismo, é mais provavel que se o ministrasse, quando se resolveu a pratica da *craniotomia* do que em outra qualquer phase da *luta* — durante as 26 horas e meia, que correram do dia 26 á meia noite á madrugada de 28.

E o baptismo só é levado ao seio materno, sobre o craneo de um feto, quando ha, pelos menos, duvida ácerca de sua vida ou morte.

E se foi logo ministrado o baptismo, quando se deu pelo accidente da morte, de que trata o boletim do dia 3 de Agosto « accidente aliás annunciado em tempo, antes de qualquer intervenção cirrugica, e que infelizmente nada teria podido acautelar » porque occultou-se o accidente, o verdadeiro accidente, que deu lugar ao da morte ? E E porque, reconhecido o accidente que era a propria morte, por ser desta causador, só cuidou-se no baptismo e não da verdadeira intervenção cirurgica salvadora em vez da *craniotomia* que é a extrema e fatal arriscada para a mãi?

Dar-se-hia que, reconhecido o accidente causador da morte, cruzassem os eximios parteiros os braços, só á espera da certeza da morte real (porque póde ser apparente e nesta occasião ter sido auscultado o coração do feto) para praticarem a *craniotomia*, depois do baptismo SUB CONDITIONE ?

Ao que cumpre addicionar: Se o feto já estava morto antes das primeiras dôres, a ponto de haver principio de decomposição, porque não havia de ser isso annunciado em tempo? Porque se não havia de empregar os meios cirurgicos ordinarios, como se elle estivesse vivo, afim de livrar a parturiente de soffrimentos inuteis e effectuar-se a extracção sem a *craniotomia*?

E se o feto fôra extrahido já em decomposição, e morto por accidente imprevisto, porque principio se daria a ministração do baptismo? Quem indicaria o momento do perigo ou dos ultimos paroxismos da vida, para, sem que entretanto nada se fizesse, seguir-se o baptismo?

O baptismo em um feto já em adiantada putrefacção!... E depois de assim extrahido, a encommendação seria um escandalo!

O certo é que, á vista dos boletins, como base das deducções, se não póde comprehender em que tempo do trabalho ou da *luta* ou autes mesmo desta, se reconheceu o *accidente imprevisto* ou a morte do feto.

Tudo leva a crer, que os medicos assistentes— não só nenhum meio adequado empregáram em tempo para salvar o feto, como ignoráram a sua morte até que os signaes da *putrefacção* os avivassem. E então calculadamente, attribuindo á *putrefacção* o augmento do volume do feto, procuráram justificar o emprego da *craniotomia*!..

Logo, Sua Alteza não foi convenientemente assistida; logo, houve falta grave dos que a cercáram nos ultimos dias da geração e no correr de todo o trabalho; logo, ainda a *craniotomia* foi indevidamente empregada — antes de outro qualquer meio, que não foi empregado, como se confessou.

Se a morte do feto não influe nas contracções uterinas e sim as causas que a occasionam, muito menos ainda em certos recursos d'arte. Pelo que, dada a morte imprevista, se não póde explicar o proceder — de se *deixar adiantar tanto a putrefacção*, sem que um só meio cirurgico fosse empregado antes da *craniotomia*.

Tenho cumprido com deveres., e, o fazendo, termino citando as palavras de um distincto pensador:

« La justice et la vérité sont fort belles, mais aussi sont « elles fort haïes par l'iniquité du siècle auquel Dieu nous « a réservé.... »

DR. CAROLINO F. DE LIMA SANTOS.

Ainda a craniotomia na primogenita da Serenissima Princeza Imperial a Sra. D. Izabel. (*)

Mercê de Deus não sou um desconhecido no paiz. E esses medicos assistentes á Serenissima Princeza Imperial faltam á verdade, em tudo quanto por ahi a meu respeito têm propalado pela *imprensa guttural*—a menos digna sem duvida de quantas ha, em falta de recursos para contestarem-me, segundo requer o decoro, a dignidade e o dever do verdadeiro apostolo da sciencia.

Entre outras cousas, que provocam riso, não cessam de assoalhar—que grande material para os meus artigos me foi offerecido por collegas e amigos meus, aliás de real importancia social! O que, posto não seja verdade, muito me honraria, se porventura elles o tivessem feito. Outra seria a obra na base e na fórma.

Assim, dispostos como estão a abafarem tudo quanto toca á questão da *craniotomia*, que muito é que procurem obscurecer-me na opinião de um ou outro que porventura me não conheça fóra, como sempre andei, do mercado das conveniencias individuaes?

O que é natural constitue muitas vezes um direito, e elles estão no seu direito.

E eu os desculpo—nesses torcicollos, nessas angustias em que se terão visto, á espera, entretanto, do dia em que sejam publicados os *decretos* que envolvam *as altas recompensas relativas*—a gloria de haverem talvez sacrificado aquella que deveria ser um dia a Imperatriz do Brazil!

(*) Terceiro artigo publicado no *Jornal do Commercio* de 29 de Setembro de 1874.

Perforar o craneo de uma criança—a termo, no seio materno, e ainda plena de vida ou na duvida de estar viva; achatar este craneo por meio do *cephalotribo*, afim de ter lugar a sahida ou a extracção........................
O que ha ahi que possa deslustrar a *tres famosos parteiros*, uma vez que sejam estes *officialmente* constituidos, ainda se provando á toda luz que o féto poderia nascer vivo, apenas com o soccorro da mão, se fosse esta applicada em tempo?!

O que tem porém que ver com isso quem nunca soube haver-se com o governo, quem do governo nunca procurou para si obter a menor de suas graças, e sómente tudo tem feito por estar bem com a consciencia dos homens qualificados e com a sua propria?

Caso, porém, fosse eu tão desconhecido nesta côrte—apezar de grande numero de pessoas do Norte, que por aqui hão passado, aqui habitam e, pelo espirito de justiça que as ennobrece, não cessam de assoalhar o meu labor scientifico de quasi vinte annos, com todas as suas consequencias, na capital de Pernambuco—só revelaria uma cousa: que nesta capital pouco ou nada se sabe do que se passa nas provincias ácerca de tudo que não toca á politica, a não ser algum crime de ordem elevadá.

Pelo menos é certo, que nos paizes bem constituidos, em que a sciencia não chega a ser mercado monopolisado pelo poder; em que as provincias entram com seus homens, com seu labor, com sua sciencia, com o seu sangue, na grande communhão social cujos centros são as côrtes—não se póde dar obscuridade de nomes, que quasi quotidianamente andam estampados nas gazetas, envolvidos em assumptos de mais ou menos alta importancia social.

Supporem, portanto, os *medicos assistentes* que as

pessoas illustradas desta côrte me desconhecem, tanto quanto desejariam elles—é um engano, se não um calculo infantil sobre todos esses erros, abusos, e quiçá delictos de lesa sciencia tão *humildemente* commettidos nesse máo successo!

E ainda quando fosse eu um medico novo no paiz, um desconhecido nesta côrte—onde, aliás, antes desta questão alguma cousa cheguei a escrever e a publicar—a que vinha isto para pôr ou tirar sobre o merito e as bases da minha accusação?

E' singular o meio de que se têm servido os *taes medicos assisteutes* para se desembaraçarem do anathema da opinião publica!

Agarrados e humilhados ao poder, elles supplicam a publicação do *decreto de graças*—como parteiros que foram da Serenissima Princeza—, afim de matarem a impressão que, na opinião publica,causaram os meus pobres artigos!

Elles crêm que um *decreto de graças*, já e já promulgado, constituirá uma garantia á suas abaladas reputações, não só como parteiros, mas como medicos, na cabeceira do doente.

Engano manifesto. Será mais facil arrancarem um rochedo do fundo do mar e o collocarem sobre as margens do Rio Branco, do que do espirito publico a convicção de que a primogenita da Serenissima Princeza Imperial foi morta pela *craniotomia*, quando podia ser salva por outros meios da arte.

Entretanto, dous exemplos terriveis offereceram ao paiz os *medicos assistentes*, exemplos que tambem offerecerá o governo se não cumprir com o dever de um governo amigo das instituições, sabio e justiceiro. O primeiro já mencionei em meu penultimo artigo:—o abuso da *craniotomia*,

d'ora avante, a darem-se ainda as menores difficuldades ; o segundo consiste nesse despreso, ostentado pelos *medicos assistentes* contra toda essa manifestação publica, que jámais póde ser abafada pela má lingua dos homens.

... Então o descredito da imprensa—esta representante da opinião — será inseparavel do escandalo de ver-se o erro ostentar desprezo á verdade, a injustiça á justiça recta, o facinoroso á victima de suas crueldades, o crime, emfim, acastelado no *desprezo*, a exemplo de um alto e *approvado desprezo*... zombar de tudo, por mais que se grite, se promulgue, se aponte e se proteste.

§

Houve accusação aos *medicos assistentes*, porque houve materia para ella ; e houve materia, porque o illustrado publico desta capital a tem considerado séria, grave e inebalavel. Se fosse gratuita, infundada e injusta a minha accusação, não podendo ser tão considerada, já estaria por terra ; e os eximios parteiros, em vez das mediocridades e dos velhacos que cégamente os applaudem e defendem, teriam por si essa opinião publica que os lamenta—escondidos no calculado *desprezo*.

Houve accusação aos medicos assistentes, porque elles proprios a offereceram ao paiz, não só por meio de seus contradictorios, indecentes e pouco sensatos boletins, como por haverem resumido em uma palavra — a palavra *craniotomia* — todos os seus graves erros nesse fatal parto, que todos esses parteiros assistiram, *desde as primeiras dôres* !

Se tudo de mais essencial, no máo successo do Serenissima Princeza Imperial, haviam occultado, digo, tudo quanto poderia e deveria ser publicado, sem ferir a cir-

cumspeção e o respeito devido ao leito de trances de tão alta personagem ; ou se tão lamentavel foi a luta que converia della occultar circumstancias e episodios, aliás essenciaes.... o que obrigaria a declaração nas camaras de que Sua Alteza Imperial dera á luz um feto morto, que fôra extrahido mediante a *craniotomia* ? Não bastaria dizer :— Sua Alteza Imperial dera á luz um feto morto, que fôra extrahido com o soccorro de instrumentos cirurgicos ?...

Do que se segue, que os *medicos assistentes* não comprehenderam então o alcance de semelhante proceder. Depois de, talvez,, terem illudido a familia imperial no transe doloroso porque passára ella, transe em que o pai, a mãi, o esposo, deliram muitas vezes de dôr, e só procuram um meio de salvação para o ser querido de suas affeições, os medicos assistentes não contavam que algum doutor em medicina fosse capaz de os tocar nas *alturas* em que se suppunham invulneraveis ! E' muito !!...

Se *craniotomia* quer dizer — ou vicio de conformação da bacia da parturiente, ou monstruosidades da parte do feto, adherencias de partes, obstaculo, emfim, que vede absolutamente a passagem do féto, não só apezar das forças da natureza, como da mão do parteiro e do forceps— é intuitiva a inconveniencia de tal publicidade,a querer-se, em respeito á familia imperial, occultar ao paiz alguma cousa que devesse ficar occulta.

Mas, felizmente, nada houve que conviesse occultar. A assistente que, com S. A. Imperial, veio de Pariz (segundo nos informáram bem) asseverára á alguem, aqui na côrte, que nenhum vicio de conformação havia, que o feto era perfeito e nenhuma informidade existia que obstasse a passagem.

E isto que asseverou a dita assistente, que era muito habilitada (porque Sua Alteza Imperial e seu esposo, não traziam da Europa pessoa que não fosse muita habilitada) condiz com o que já em meus precedentes artigos asseverei, e vem a ser : que Sua Alteza estava nas melhores condições para ter o seu bom sucesso ; condições que tambem se fundam no ultimo boletim concebido nestes termos : *ficando o seu organismo, que apenas reclama ainda alguns pequenos cuidados, em condições normaes e propicias ás eventualidades futuras.*

Tambem o feto nada tinha de monstruoso ou desproporcional : ao contrario, era uma linda menina, como vista por muita gente,

Nunca se tratou de alguma affecção que pudesse embaraçar a *passagem* a ponto de ser necessario a reducção.

O que levaria, pois, os medicos assistentes a empregarem a *craniotomia* ? Eis ahi o busilis.

Outrosim, não havia certeza de que o féto estivesse morto, nem antes das primeiras dôres, nem depois dellas.

Entre todas as hypotheses por mim figuradas nos meus precedentes artigos, só uma ha que se approxima da certeza de que—o féto ainda vivia quando se praticou a *craniotomia.*

A sahida do meconio nunca foi signal certo da morte, porque sendo devido á compressão do cordão umbical póde essa cessar e a circulação se restabelecer ; assim tambem os batimentos do coração do feto, na presentação craniana, mórmente não havendo procedencia do cordão, se é muitas vezes difficil a praticos consumados e de ouvidos experimentados, como não seria a praticos medrosos, cansados, atarantados e de occasião ?...

A assistente que veio de Pariz... essa, quasi que foi

posta á margem !... Porque, provavelmente, temendo os *medicos assistentes* a possibilidade de sobre ella recahir a gloria do bom sucesso e de, portanto, ser *baroneza ou viscondessa,* procuráram constrangê-la, aterra-la e inutilisa-la na *luta.* Assim conta-se !...

O certo é que ella retirou-se da côrte amargamente queixosa dos *sabios medicos assistentes,* e, asseverando que, a não se ter dado o desazo que houve, outro teria sido o resultado do parto em favor da Serenissima Princeza e do seu fructo ; disse mais que a resolução á craniotomia fôra contra todas as regras de arte.

Que o feto não estava morto antes das primeiras dôres, collige-se de nenhum incommodo ter apresentado a Serinissima Princeza até o momento em que ellas appareceram.

As causas que determinam a morte do feto influem tambem na constituição da mãi e sobre a energia do orgão da gestação.

Tudo, portanto, leva a crer que a *craniotomia* foi empregada sòbre o feto ainda vivo, e não já em estado de putrefacção, como se poderia suppor, dada a hypothese estampada no meu precedente artigo.

Em todo caso, bem figuradas todas as circumstancias essenciaes, relativas ao parto em questão, uma só não ha justificativa do proceder dos medicos assistentes.

O que de real houve, pois, no correr dessa luta ? E' isto o que procuro fixar.

Dada a presentação do apice do craneo e rôta a bolsa das aguas, os parteiros julgarão-se *felizes* e só pensavam nas *consequencias* do bom succçsso.

Então esperaram tudo das forças da natureza, sem se lembrarem que a demora demais da descida da cabeça em

tal presentação e depois da ruptura das membranas, não havendo vicios e anomalias, estando o collo dilatado, havendo contracções e nada de plethora, só é devido á curteza do cordão — ou natural ou accidental.

Ahi tudo depende da actividade e boa pratica do parteiro. Emquanto a cabeça se acha movel no estreito superior, fazer a versão pelvianna é o grande meio salvador da mãi e do fructo.

E se a cabeça já se acha um tanto engajada na excavação,o emprego do forceps é o meio aconselhado pela pratica, ainda com algum risco de lacerar o cordão, de hemorragias, etc.

Cumpre notar que, se houvesse procedencia do cordão, os eximinios parteiros atinariam logo com a *versão pelvianna* ; mas como não houve, não se lembraram de que o obstaculo á descida do craneo era a curteza do cordão ; e, então, nada fizeram de util... esperaram... e esperaram e resmungaram,e recrimináram-se até que a demaziada demora puzesse em torturas a Serenissima Princeza, e em alarma a familia imperial !

As consequencias da dor, misturada de soffreguidão, só bem as comprehendem o bom pai de famiiia, o esposo que adora, e a mãi que estremece.

Tocado o alarma, continuam as recriminações ; e a assistente de Pariz vai logo sendo, por força, a responsavel pelo máo exito e por tudo.

As dôres augmentam, os soffrimentos continuam e tudo é uma só luta sem exito possivel!...

O que fazer-se ? Ou a mãi ou o fructo...decida quem puder, disse a *sciencia*.

Posição terrivel para um pai, laceradora para uma terna mãi, pungente para um excellente esposo !...

A resposta provavelmente foi : salve-se a mãi!...

Mãos á obra, resmugam ainda os parteiros, e lá um... sacca a thessura perfurante, ou outro qualquer instrumento, e lacera e esmaga o craneo e o reduz a nada !.,,

Que ! Isto seria mais que uma falta, mais que um erro; seria um delicto perante a sciencia e um escandalo á face de uma sociedade, que tem o direito de interrogar aos *medicos assistentes e quiçá ao governo* : o que fizeram da Princeza do Grão Pará ? Porque lhe perforaram o craneo ? Com que principios e com que direito ? Estaria ella viva ou morta ? Poderia ter sido ou não salva ?...

E se estava viva e podia ser salva, porque a *craniotomia* ?!...

Dr. Carolino Francisco de Lima Santos.

Os medicos assistentes ao máo successo da Serenissima Princeza Imperial galardoados pelo poder. (*)

A sciencia, a razão, a consciencia e a fé distribuidas no povo constituem a verdadeira opinião de um paiz; e nunca esta opinião céde de seus direitos á imposição da palavra insensata do poder por mais concentrada que seja, na força regida pelas paixões do dominio e do predominio. Se muitas vezes figura-se vencida, não está morta: ella lá surge um dia mais esplendida e seguida de uma força que espanta e esmaga.

Quando a sciencia e a razão lutam por amor da verdade e esta verdade é o verbo real dos principios—não ha poder humano que a destrua, por mais que recorra ao cofre dos abusos e ahi apanhe despresos para atirar sobre a verdade.

Então o poder torna-se infantil em suas acções: a semelhança de uns dedos humanos enormes e presos a uma cabeça ostensiva, no empenho de apagarem os raios de uma luz visivel a todos os olhos e a todas as consciencia, presta-se elle ao ridiculo e nada consegue...nada absolutamente!

Outro tanto succede a respeito da verdadeira opinião

(*) 4.º Artigo publicado na *Reforma* de 13 de Outubro de 1874.
Tendo sempre publicado no *Jornal do Commercio* os meus artigos acerca do parto da Serenissima Princeza Imperial, fui obrigado a não continuar, e á recorrer a imprensa liberal por ter aquelle jornal se recusado á publicação do presente artigo, sob o pretexto de *conter materia offensiva ao poder* e por não querer eu sujeitar-me a certas e determinadas *mutilações*.
Se tem ou não razão o grande orgão da imprensa, o publico que o julgue; sendo para notar-se que o *Jornal do Commercio*, por uma questão toda material e que nada tinha de importancia scientifica e social—como foi a da *regateira* do Porto—abrio suas columnas a toda sorte de insultos contra o Imperador do Brazil, pondo-o de velhaco etc, !

publica. Embora pareça viver abafada pelos abusos, concentração e força bruta do poder—é sempre a mesma magestade moral que, como uma especie de olho providencial, comtempla todos os espectaculos tristes offerecidos pelo poder... e os condemna assim como um typo de juiz incorruptivel revestido de certo prestigio sobrenatural.

A força, o «sobr'olho», os cofres, o ranger de dentes, á desmoralisação ainda que vestida de galas—não podem vencel-a e estrangulal-a.

E porque assim succede? Porque acima do governo de nm paiz está o mesmo paiz, que, como um ser espiritual, percebe, attende, conserva, julga e quer. Porque acima do poder está a opinião publica, que não é mais do que um juizo collectivo, cercado desses privilegios moraes que todos os tempos mereceram o cuidado e o respeito dos soberanos da terra, que não viveram e nem vivem pela força e pelas transacções... mas sim pela justiça e pelo direito que se prende aos principios eternos.

Entretanto, havendo duas opiniões publicas em um mesmo paiz; uma que é representada pelas gazetas e seus redactores, e outra que, como disse, é o rezumo da razão e da consciencia da totalidade da nação, comprehende-se a facilidade com que um poder, que só se firma na força, póde asphyxiar a primeira, e reduzil-a a um instrumento de suas machinações. Mas nem por isso deixa a verdadeira opinião de ser a consciencia universal, e, portanto, a temivel, a que honra, a que dá e a que tira o que não póde o poder honrar, dar, e tirar.

E a experiencia tem mostrado, que a primeira só produz e póde ser seguida, ou quando é caprichosa em defender os direitos da justiça de todos, porque então firma-se

na moralidade; ou empenha-se em ser o écho e a legitima expresssão da segunda.

Em geral, nos paizes sem typo, sem unidade, e desmantelados pelos caprichos do poder—as gazetas só exprimem a vontade do mesmo poder e nada mais; e a que se desvia da regra e mantem-se em uma tal ou qual independencia, torna-se uma garantia para o povo, e um verdadeiro duende para o poder.

Continúo, portanto, na plena satisfação de ver os *medicos assistentes* ao máo successo da Serenissima Princeza Imperial, desmoralisados diante da verdadeira opinião do paiz, bem julgados por ella—apezar de *galardoados* (com grandeza!...) pelo governo!!...

E n'esta verdadeira opinião não haverá certamente um medico de saber, um clinico distincto, um pratico consummado, não haverá um homem illustrado, de bom senso, justo, e desapaixonado, que não propugne pelos meus artigos acerca do máo successo da Serenissima Princeza Imperial e lastime o triste papel que hão feito os— *galardoados*.

Homens da sciencia que se agarram ás plantas do poder—de joelhos e mãos postas—para que este salve-lhes a reputação em perigo! . . . .

...... Homens que, esmagados em uma discussão scientifica—por um facto quasi criminoso, ao ver de toda gente que pensa e sabe aquilatar—abaixam-se e apanham do chão em que lhes atirara o governo, *graças* que o capricho e só o capricho excogitara para conceder-lhes em honra a esse mesmo facto...é uma fraqueza que ha de lançar um ponto negro na historia do paiz!,..

A tal ponto chegaram as cousas, que o parteiro que, no fallado parto, dera-se por *manêta*, e ainda muitos dias

depois andava, até nos *bonds*, a mostrar a toda gente a *rheumatica mão*—trazendo na face estampada essa depressão que só encarnam o remorso e a conscieneia da propria mediocridade em apuros—logo que soube que o poder lhe dera a—*grandeza*, desenrolou a mão, agitou-a, e apresentou-se brandido e *triumphante* na *luta scientifica* ! !..

A cura foi, portanto, miraculosa, por que o governo d'este paiz *tem poder* até para resuscitar a *Lazaros*...

Pelo menos os *medicos assistentes* foram—ainda vivos —levados a esse *Pantheon* do governo edificado sobre columnas de papelão !

E' realmente para causar riso !...

Ao que nunca foi parteiro e nem o ha de ser em toda a sua vida—um *baronato*.

Ao que era tido como parteiro, mas que já se havia dado por cançado, tinha *as mãos paralyticas* de modo a escusar-se de qualquer responsabilidade no fatal parto, e que apenas assentio na *craniotomia* contra todos os preceitos da arte—um *viscondado*... e... e... com *grandeza* ! !

Ao 3°, que executou a perforação no craneo da primogenita—*uma carta de conselho*.

Em rezumo : uma perforação do craneo de uma princeza no seio materno, na duvida pelo menos de estar ou não viva ; e—sem que houvesse *vicio* de conformação da bacia e informidades, que tornassem impossivel o parto, e por tanto contra todas as regras da arte—deu em resultado um *baronato*, um *viscondado com grandeza* e uma *carta de conselho* !....

Isto é, deram em resultado rolhas incommensuraveis que deveriam obstruir alguns milhões de boccas convictas de uma verdade, por mim demonstrada—que a primogenita da Princeza Imperial foi sacrificada ao maior dos erros,

com a maior incuria e humilhação, que se poderia commetter na cabeceira de uma doente; sendo que esse erro, com incuria e humilhação, talvez tambem tivesse por causa proxima—algum charlatanismo irresponsavel.

Em nome da humanidade, da sociedade, da sciencia e da *victima innocente* protesto, como medico e como brazileiro, contra similhante conjuncto de escandalos!........

.... Escandalos que ainda mais sobresahem desde que se considere no que faria o governo—si em vez d'esse involuntario infanticidio, fosse extrahida viva e salva—como bem poderia ser si outros fossem os parteiros—*a princeza do Grã-Pará.*

Por outro lado—se porventura procurasse elle dar um testemunho de qualquer satisfação, por se haver sacrificado essa infeliz creaturinha—não poderia proceder melhor e mais elevar ás *grandezas* do cofre de graças os taes *medicos assistentes*!

§

Não se diga que, pelo facto de não ter eu presenciado a *luta*, tenha andado de conjectura em conjectora, de hypotheze em hypotheze para chegar á prova do que não existiu,—não. Não se vê as cousas sómente com os olhos do rôsto; mais perspicazes, mais extensivos são os da razão, da logica e da consciencia.

Nos meus precedentes artigos figurei todas as hypotheses em que poderia ter logar o processo da *craniotomia* e, pela regra de exclusão, fui mostrando em cada uma a inexequibilidade da *craniotomia* até que, chegando ao caso em questão, mostrasse com os commemorativos conhecidos de todos, com a natureza da operação, e com os *boletins*—que a Serenissima Princeza Imperial, passando por grande risco, perdeu sua primogenita e de um modo desastrado—

por incuria, erro e talvez adulação incompativel com a dignidade do medico.

E se quizesse eu fundar mais algum juizo desfavoravel aos *condecorados*, bastára recorrer ao que andam elles proprios por ahi a assoalhar a fim de justificarem o emprego da *craniotomia*.

Tanto mais se defendem nos palacios e na rua do Ouvidor, mais se compromettem, até para com o proprio bom senso. Por exemplo : que no maior auge da *luta* (expressão d'elles) sobreviera á Sua Alteza um ataque nervoso—preludio de *eclampsia* ; o que os obrigara a intervirem logo com a *craniotomia* para salvarem a mesma senhora !... (E a filha ? !)

Onde se viu similhante preceito ou regra na arte de *obstetricia* ?

Ou a cabeça do feto já estava engajada na escavação da bacia ou não estava : si estava, o unico meio a empregar era o forceps ; si não estava, si ainda existia movel no estreito superior e o féto era provavelmente ainda protegido por algum liquido amniatico e nem fortes contracções existiam, que impedissem a manobra (como quasi sempre succede na presentação pelos pés ou lateral), o meio racional, o meio pratico e seguido era a *craniotomia*.

A *craniotomia* ahi, só por se ter apresentado na parturiente um ataque nervoso ou syncope ou principio de eclampsia ou outro qualquer accidente, não havendo vicio de conformação e informidade de qualquer natureza, que tornassem impossivel a passagem—é indefensavel.... ainda quando fosse possivel o necessario gráo de certeza—de que o feto já estivesse morto ; gráu de certeza que nunca existio em todo o correr d'essa *luta*.

Entretanto, é certo que são apresentados como uns he-

róes os *medicos assistentes*—só por ter escapado a Serenissima Princeza Imperial !...

Quando é certo que, si não falleceu ella, foi por milagre da Divina Providencia, como disse a falla do throno !

Pois póde caber gloria a um medico que, em vez de salvar a duas vidas — podendo fazel-o se fosse capaz, e até com facilidade da arte — ao contrario, dá cabo de uma, por impericia e fraqueza, e põe a outra em grande perigo ? !...

Quanto porém á supposta estranha intervenção durante o proceder desses medicos no mencionado parto, não póde a elles de modo algum aproveitar. A proposito citarei o seguinte facto — sem intuito de qualquer forçada applicação.

Sabe-se que Napoleão III teria perdido o filho e a imperatriz, —si, no correr do parto laborioso porque passára esta, entremettendo-se a dar regra e occupando o papel de improvisado parteiro, fosse obedecido.

Elle não desceu a vir arredar os parteiros da cabeceira da parturiente para segurar os ferros e manobrar — não. Ao contrario : tendo á cabeceira de sua mulher o grande Paulo Dubois, á este se dirigiu — em um momento de hesitação ou antes de meditação do celebre pratico— e disse :

« Sr. Paulo Dubois, supponha que tem diante de si uma de suas doentes da Materuidade : ahi não está a imperatriz e sim uma doente que necessita de seus soccorros ». Ao que respondeu o assistente : « Estou cumprindo com o meu dever, senhor. » E a criança, que é esse principe que lá está na Europa, foi salva mediante instrumentos cirurgicos.

E' que Napoleão, não sendo encyclopedico e nem tendo

presumpções até de ser bom parteiro, curvou-se cegamente á pratica de uma sciencia cujos rudimentos eram por elle ignorados.

Toda a historia da *craniotomia* na que deveria ser um dia princeza do Grão-Pará, resume-se nos seguintes termos: Tudo deparava-se nas melhores condições: dilatação do colo, ruptura da bolsa do liquido de amnios, e boas contracções uterinas; e o parto não se encaminhava, continuando a permanecer por longo tempo o craneo no estreito superior.

Da demasiada demora, que se attribuia sempre a desformidade da cabeça do feto, porque se não atinava com a curteza do cordão, resultou algum ataque nervoso, alguma syncope; e a esta segui-se o alarma em vez do acerto e da coragem. Da coragem para arredar-se para longe do leito da parturiente os poltrões, e os que por ella eram com razão extremecidos, á dest'arte modificar a athsmosphera e melhor proceder-se; do acerto para que immediatamente si soccorresse a mãe e o fructo—pela intervenção do unico meio, que era a versão pelvianna.

E não se diga tambem—que havia certeza de que o feto já estava morto, quando se praticou a *craniotomia,* porque tal certeza nunca existiu antes da operação.

Depois de se ter extrahido o feto talvez com o pescoço estrangulado, provavelmente pelo cordão umbical que lhe estava enrolado — foi que se procurou convencer aos credulos, que o feto já estava morto!.. Quando elle podia por longo tempo ter o cordão enrolado em torno do pescoço sem que estivesse morto — quando se praticou a *craniotomia.*

O que poderia depender da continuação da inserção da placenta, das não fortes contracções uterinas, da fraca

cerração do cordão, e, conseguintemente, da circulação fetal.

E agora pergunto : Porque, logo depois da *craniotomia* (dada a hypothese da certeza do cordão,e que é a mais provavel)effectuou-se o parto, sem mais intervenção cirurgica, por ser *esta desnecessaria*, como confessou um dos boletins ?

De duas uma : ou a cabeça não descia por causa da desproporção nos diametros entre ella e a bacia— desproporção insuperavel pelas forças da natureza, pela mão e pelo forceps ; ou não descia por causa da curteza do cordão visto como tudo o mais se achava nas melhores condições.

A propria *craniotomia* não se emprega sem plena dilatação do colo e muitas outras condições que requer a intervenção do forceps.

Pois bem : não foi vicio de conformação da bacia a causa do obstaculo, porque os boletins o disseram—quando asseveravam que sua alteza estava em condições propricias ás eventualidades futuras ; não foi informidade do craneo ainda, porque, depois de extrahido, nada se encontrou de extraordinario ; não foi emfim alguma outra das causas acima indicadas...

Logo, foi a curteza do cordão : curteza de cordão que cederia á versão pelviana—se fosse empregada em tempo ; e ao forceps si a cabeça já tivesse descido a ponto de poder ser por elle convenientemente segura.

Logo, se chegou a haver emprego do *cephalotribo* no estreito superior, desgraçadamente representando elle o papel do forceps na excavação e no utero, foi o que motivou a descida *natural* da cabeça,como muitas vezes succede com o forceps bem applicado—se não havia contracções uterinas; porque muitas vezes, dada a perforação, o parto póde ser

terminado sem o cephalotribo, e unicamente pelas forças da natureza, depois da perforação—que só por si sempre diminue muito de volume o craneo do feto.

Logo os *eximios parteiros* foram condecorados e com *grandeza* por terem empregado instrumentos mortiferos, quando podiam com outros salvar o feto, e livrar de convulsões a Serenissima Princeza.

Que o medico erre, se atarante, é cousa muito vista e que não deve merecer o reparo de uma critica publica, feita por outro collega; mas que, conscio de sua fraqueza exponha-se — á pista do lucro ou das honras do dia — a sacrificar a humanidada!... e peior ainda — actue contra todas as regras e preceitos da arte, arrastado por motivos reprovados.... é o que se não póde tolerar!

E si sobre tudo isto chovem as maiores *graças* do catalogo do poder.......... approxima-se do miseravel aquelle que as aceita!... Sendo que o paiz onde taes scenas se ostentam, só dá a vêr o principio de sua decadencia moral.

Pois bem, é natural que quem quer que servio de padrinho ao erro e ao escandalo, fosse o primeiro a facilitar essas *remunerações* que tanto espantaram a opinião apezar dos *muitos serviços* prestados e dos 150 ou 200 volumes offerecidos á faculdade de medicina da côrte.

Mas nem de leve couza alguma si deve attribuir ahi a pessoa Augusta de Sua Magestade o Imperador. Ao contrario, a meu ver, sendo Sua Magestade tão amigo da sciencia, tão propugnador da verdade a ponto de nunca sacrifical-a a quaesquer conveniencias... seria o primeiro a desejar que si puzesse a limpo a causa essencial do *sacrificio* de sua infeliz neta.

Ainda porque, não se tratando de um féto não viavel, de uma excrecencia qualquer, de uma secundina, de um

monstro, de um aborto, e sim de uma criança a termo, plena de vida, perfeita, que recebeu o baptismo antes da *craniotomia*, e foi sepultada entre os que viveram e isto depois de uma *encommendação* pelo governador do bispado... Sua Magestade não quereria ver sua néta assim figurar na lista das cousas inertes; e que nem uma só vóz houvesse n'este mundo que por ella pugnasse, isto é, por seus direitos e por sua vida sacrificada a tantos desazos.

Assim, se os medicos assistentes tem tido a audacia de afrontarem a opinião do paiz — depois de tantos dislates n'esse parto; se foram por isto tão *gălardoados*, deve-se sem duvida ao ministerio, que por força assentou, lá de si para si, que á minha custa deveria fazer um conselheiro, um barão e mais um visconde com *grandeza*!...

Com o que provou, porém, que ainda de alguma cousa n'este mundo vale a sciencia, posto sustentada ahi por um de seus mais humildes apostolos.

A paixão desvia os homens do caminho da recta razão, e, portanto, da moralidade e da justiça.

Ainda uma vez o *grão-mestre* deixou-se arrastar por uma paixão — galardoando a homens que, a existirem em um paiz melhor constituido, talvez estivessem á barra dos tribunaes, visto não terem acudido a uma accusação firmada em principios e toda relativa á perda de um ser tão esperado pela nação, e que, em algum dia, poderia melhor reger os seus destinos.

E o mais é que, segundo ouvi, o governo desconfiado do *effeito das graças*, procura converter em *principios* os fallados escandalos relativos á luta que dera logar á *craniotomia*!

Porque modo—é o que resta provar a observação. Mas eu já prevejo a probalidade de algum *juizo collectivo* bem elaborado no famoso e feiticeiro cadinho do poder.

§

Confrontando-se os pontos ou partes das fallas do trono —a da abertura com a do encerramento—relativos ao *estado de esperanças* da Serissima Princeza Imperial e ao seu máo successo, collige-se duas cousas : que Sua Alteza não tinha ou não tem *vicio* algum de conformação, e que houve calculo da parte do governo em occultar ou contestar ao paiz a fraqueza, incuria, e queda do dever dos taes *medicos assistentes*.

E porque procurou assim o governo *pôr a salvo* as reputações scientificas dos ditos assistentes—apesar da consciencia de não terem cumprido elles os preceitos da arte? Porque faltar ao paiz com a verdade, pondo nos labios de seu primeiro e alto representante futilidades de facil demonstração?

Diz a falla de *abertura* : « *As ultimas noticias*, que tive de minha presada filha Princeza Imperial, condessa d'Eu, trouxeram-me a *grata certeza* de que achava-se de esperanças. Em taes circumstancias devia regressar ao Brazil, para satisfazer uma das condições do contrato matrimonial, mas talvez se veja *obrigada a evitar tão longa viagem*, seguindo o parecer de auctoridades medicas ».

A abertura das camaras teve logar nos primeiros dias de maio, e as *ultimas noticias* de que ahi se trata—com a frequencia dos vapores e provavel constante correspondencia epistolar, foram sem duvida recebidas, ao mais, um mez antes. Ora, tendo Sua Alteza *dado á luz* a um féto a termo, e sendo certo que o estado de *esperanças* não podia deixar de ser conhecido por Sua Magestade no correr dos 5 mezes seguros de gestação anteriores ao mez de abril inteiro, não devia ter dito a *falla do throno* : « As ultimas noticias que tive da minha prezada filha a Princeza Imperial, condessa

d'Eu, trouxeram-me a *grata certeza* de que achava-se de esperanças »....

Si entre as familias particulares tem-se logo certesa de um estado de *esperanças*—logo desde o primeiro mez até o segundo, como só ter certesa o Imperador—*a grata certeza*—de que achava-se sua presada filha *de esperanças*... depois do quinto mez! isto é, de abril a principio de maio ou quasi nas vesperas da abertura das camaras?

Ou ahi as palavras—estar de esperanças—em vez de exprimirem o estado *interessante*, estado de *gestação* da Serenissima Princeza, foram empregadas no sentido ou intenção de manifestar ao paiz,—que pelas ultimas noticias tivera sciencia Sua Magestade de que nenhum vicio de conformação havia, e que tudo offerecia as melhores condições para um parto feliz? Si assim foi, ainda a falla do throno revela uma *subtilesa* pouco commum.

Bem vê o governo que não póde gracejar com o paiz e nem ser menos exacto na apreciação de factos e circumstancias que tão de perto tocam aos interesses do Estado.

Outrosim: O parecer das autoridades medicas da Europa ácerca do estado de *esperanças* de Sua Alteza Imperial não podia dar-se sem previo e rigoroso exame. Não ha medico notavel de Pariz que adiante um juizo sobre o estado interessante de tão alta e respeitavel personagem sem seria meditação. E, o fazendo, disseram—que Sua Alteza estava nas melhores condições para ter o seu bom successo, e que nenhum *vicio* de conformação havia; o que animou ao collega Dr. Feijó, pai (*hoje visconde com grandeza*!), *a facilitar e a insistir pela volta* de Sua Alteza ao Brazil, afim de que ella aqui tivesse o bom successo prognosticado pelos medicos de Pariz e não lá onde outro com certesa lhe roubaria tantas *glorias*!...

E quem sabe se não foi por ter o *eximio parteiro* brazileiro *prestado esse serviço* ao Estado—de insistir pela vinda de Sua Alteza, apezar das justas considerações dos mestres da Europa—que se considerou a *craniotomia* como a baze *da remuneração* !

Tudo pois converge a provar, que *nessa luta* houve mais do que erro ; e que o féto a termo fora sacrificado—por não haver um parteiro conscio de si e capaz de resistir....

E para que se ha de procurar illudir a opinião, quando ella se não deixa illudir !

Está na consciencia de todos que o parteiro—hoje *visconde com grandeza*—nunca foi d'essas aves que rompem as nuvens e adejam nas alturas. Entre aguias e xofrangos ha summa differença.

Suas lições na faculdade, no correr de tantos annos, não passaram do cumprimento d'esse dever que dá direito ás jubilações. Nunca enristou lanças—posto fosse sempre geitoso, de *espirito positivo* e humilissimo ao poder.

E quem não vê que, si elle fosse capaz de escrever e de discutir, ha muito, por amor de sua reputação scientifica, teria subido á imprensa ?

Então teria dito ao poder: Supplico a Vossa Magestade a graça de suspender o decreto de remuneração: sou accusado por um homem da sciencia e vou defender-me. Si a defeza fôr plena e de rôjo levar o meu adversario, então de bom grado, reverente, beijarei as mãos a Vossa Magestade e aceitarei a *graça*. Antes d'isso — não, senhor — não. Acima de tudo está a minha reputação scientifica.

Mas, qual!... foi o contrario: «Senhor, senhor... quanto antes: — si não quereis ver-nos anniquilados, salvai-nos com o soccorro de vossa *sciencia* e de vossas *graças* ! ... »

Emfim, chamo agora a attenção do illustrado publico para o texto da falla do encerramento das camaras.

Diz : «... Agradeço-vos mais uma vez os sentimentos que me expressastes por occasião do *máo successo* de minha muito prezada filha, a princeza imperial, que, mercê de Deos, já se acha restabelecida. » . . . .

Eis tudo quanto puzeram na bocca do Imperador ! Nem uma palavra sobre a primogenita da Princeza Imperial, que aliás foi pelo governo considerada cousa indigna de ser mencionada na falla do throno!

Pois uma creança, a termo, nas melhores condições de vir ao mundo, plena de vida, posto fosse extrahida com os soccorros da arte; uma creança victima da morte, ou porque a deixaram morrer ou porque a mataram, por ser extrahida (sem necessidade) mediante uma mortifera e cruel operação;uma creança, princeza e primogenita da Princeza Imperial, cujo craneo recebeu o baptismo no seio materno, que foi encommendada e sepultada no logar, como já disse, dos que já viveram... poderia ser assim tratada, no meio de um povo catholico, apostolico, romano, como uma excrescencia, como aborto, um ser *não viavel,* uma secundina... um pouco de pús que fosse extrahido, pelo *trocate,* de algum tumor amadurecido?

E por que assim procedeu o governo? Porque deu a morte moral a uma princeza... para ter logar honras aos que a sacrificaram!!!...

Aqui fico por hoje, citando algumas palavras de um celebre pensador:

« *La plus grande misère de l'homme n'est pas l'incertitude de ses jugements, mais l'inconstance de sa volonté.* »

Dr. Carolino F. de Lima Santos.

Novas considerações sobre o máo successo da Serenissima Princeza Imperial, e que não chegaram a ser publicadas em gazetas.

V

Nas grandes aldêas, costuma-se mais ou menos facilmente substituir, ainda que pela sorrelfa e por calculados ardis, as verdadeiras impressões produzidas no publico por força da verdade demonstrada até nas gazetas, e muitas vezes repetida. O que succede mormente quando o *dono da terra*, ou o sultão que a domina, entende, lá de si para si, que deve fazer com que a verdade caia no esquecimento ou seja contrabalançada pela mentira e pelo calculó.

D'ahi a necessidade que ha em que sejam bem reimpressos os factos, mas servidos de mais ou menos novas considerações, tanto mais justas e adequadas quando se tem em vista perpetuar verdades, que são do mais publico interesse.

E' o que procuramos fazer com relação ao máo successo da Serenissima Princeza Imperial, cujas inducções logicas e elucidações por mim apresentadas, tem-se tentado abafar, bem que pouco e pouco, meticulosamente, de ouvido a ouvido e debaixo d'essas *palavras de honra* que são o cunho certo da desmoralisação e da mentira.

Entretanto, a *craniotomia* na primogenita da Princeza Imperial é um facto que não pode, de modo algum, entrar na categoria dos que, em todos os tempos, tem suscitado, da parte dos expertos, calculadas accusações, e

estas envolvidas em frangalhos de sciencia forçada e reforçada.

Quando uma these é demonstrada, tendo-se na mão esquerda documentos offerecidos pelos proprios adversarios, e na direita o livro da sciencia aberto de modo que todos vejam lucidamente a verdade — não ha razão para que se a incorpore ou se a pretenda incorporar no catalogo das accusações vulgares, que por ventura tenham sido feitas a medicos que não tem podido salvar vidas de monarchas e de pessoas de suas familias.

Formados os membros das familias imperiaes do mesmo limo de que são formados todos os homens, cabe naturalmente que sobre elles tambem se commettam erros e até crimes — quando levados ao leito das enfermidades; do mesmo modo que, como raro não é, se os tem observado e demonstrado na clinica offerecida pelo povo ainda aos melhores praticos.

Pelo que não pode servir de amparo aos medicos assistentes á Serenissima Princeza Imperial a historia das constantes accusações injustas, que por ventura tenham a politica e o calculo feito recahir sobre medicos imperiaes.

O caso que se nos offereceu muda essencialmente de figura.

Só á rabugem de uma impia senilidade — desvairada pela imprudencia da falsa razão, pela má fé e desvio dos verdadeiros principios — cabe o dizer, posto que seja sempre a *meia vóz e baixa*, que são gratuitas, infundadas e atrabiliarias as accusações que por mim foram publicadas ácerca d'esse fatal parto.

E ao Sr. conselheiro Jobim — o *judicioso tribuno* propugnador das quarentenas contra a febre amarella — chamo a sua já talvez bem *tardia attenção*, assim como a

de outros, para o que ainda passo a ponderar ácerca da *craniotomia*, na primogenita da Serenissima Princeza Imperial.

Cegos são --- tanto os que nascem cegos, como os que cerram os olhos para não ver, ou que velhas paixões entranhadas os fazem cerrar calculadamente, conforme a *constituição medica* da politica do progresso material em luta com a politica de Deos!

S. Ex., que foi sempre mestre positivo, sabe muito bem quanto é ridiculo substituir o campo honroso da imprensa --- onde o *escripta manent* leva sempre de vencida as palavras do momento e das paixões ordinarias --- pelas intriguinhas do erro, da ignorancia e do calculo, seja por traz dos reposteiros, seja no meio dos mais variados alpendres.

Se S. Ex. entende do *risco*, que saia á frente e venha mostrar que estou em pleno erro. E quando não queira despir o *fardão da casa*, para não descer tanto, dite á algum dos seus, ainda de simples casaca, afim de encinerar-me com razões plausiveis.

Quando não — se está tão habilitado a tratar de *obstetricia*, como dos direitos da Igreja, da revelação dos dogmas e da questão religiosa, então cale-se, e não appareça de modo algum!... suma-se por uma vez lá para as catacumbas do senado.

Qualquer que seja uma posição imposta, só se mantem n'ella aquelle que é servido de saber, talentos e de virtudes relativas.

§

Foi da novidade da *craniotomia*, communicada ás camaras, dos boletins relativos ao tratamento subsequente ao máo successo de Sua Alteza, que se assoalhou variada-

mente por toda parte; foi ainda das fallas do throno, tanto da abertura como do encerramento, e de um ou outro facto veridico, contados por pessoas fidedignas, que tirei toda essa base em que firmei-me para formular a justa accusação que, nas gazetas, estampei contra os *celebres medicos assistentes* á Serenissima Princeza Imperial; accusação em que levei á evidencia — que a primogenita da Princeza Imperial foi, como se tem dito, sacrificada á ignorancia, á servilidade, e aos desazos dos mencionados medicos assistentes.

Então, procurei simplificar a questão nos seguintes termos: *a craniotomia* ou perforação do craneo do feto só póde ter lugar (pratica e scientificamente fallando) ou quando ha vicio de conformação da bacia da parturiente, tumores e excrecencias que impossibilitam a sahida do feto pelas forças da natureza e soccorros da mão e do forceps; ou quando da parte do producto ha enfermidades, adherencias de tecidos, tumores ou excrecencias que tornem impossivel a passagem natural do craneo, e sua extração com o soccorro da mão e do forceps. Ora, não existindo da parte da Serissima Princeza Imperial vicio algum de conformação, como bem o confessou o ultimo boletim, e tão pouco alguma affecção que diminuisse os diametros naturaes da bacia; não existindo tambem da parte do féto cousa alguma que alterasse, para mais, os diametros naturaes do craneo, como ficou demonstrado com a sahida do mesmo féto —é evidente que o emprego da *craniotomia* foi um attentado, cujos autores tornaram-se responsaveis perante o paiz e as leis que nos regem!

Repetir as verdades não é certamente superfluo quando algum bem dellas póde sortir.

Mas, em vez de punidos esses parteiros affrontosos....

foram bem galardoados pelo governo do Sr. D. Pedro II !...
O avô da victima innocente —sacrificada a faltas e a erros
tão escandalosos ! !....

O avô, testemunha occular dessa *luta* em que, bem figurado jogo do xadrez, uns representaram de cavallos e outros de reis !.... Não lhe tremeu a mão sob o pezo da consciencia ao assignar decretos que se chamarão sempre— *decretos de máo successo ! !*

Agora, partindo de outros dados que só o tempo poude-me suggerir, sem o risco de alheios comprometti-mentos, isto é, partindo do conhecimento de certos factos que se passáram em torno do leito, juncto ao qual se levantou um patibulosinho, sou induzido a crer e a fazer crer que não só houve ignorancia, servilidade e desazo, como tambem proposito em se desacreditar á *assistente* que veio de Pariz ; de afastal-a para longe do leito : embora d'ahi, desse plano ou estrategia infernal, resultasse risco a duas vidas preciosas, e por fim a morte de uma !...

E não só isto, como que as renumerações talvez tambem tivessem por fim *salvar a honra nacional* convencendo-se ao *estrangeiro* de que os parteiros imperiaes eram os melhores do Imperio ; e tão bons como os superiores da Europa ; que o Imperador, *sabio e religioso* como é, não pódia, representando na *luta* o papel de bom chefe de familia, desviar-se de cumprimento de deveres, deixando de recorrer a todos os meios e aos melhores recursos para salvar a filha e a néta ; e que, como chefe do Estado, não havia deixado de corresponder á publica espectativa, acerca do primeiro fructo de Sua Alteza, cercando o leito da real parturiente de todos os soccorros da arte e da sciencia.

D'ahi a pressa em se publicar as remunerações—antes que na Europa chegasse a nova de alguma seria accuzação, que lá alguem sobre ella fizesse justas considerações, pressa que, aliás,era incitada ao choro senil dos medicos assistentes, que, atirados aos pés do governo, imploravam complacencia por amor de suas reputações; ora aos da Princeza, á convencerem-na de que a assistente de Pariz tinha sido a verdadeira culpada no máo successo que se dera

. . . .

Porque—culpada ? !... Mais adiante ver-se-ha a causa.

E por que aos pés da Princeza os medicos assistentes ? Tambem é cousa não ignorada.

E se me fosse licito dar credito a certas versões, teria de ver-me obrigado a defender o Imperador da intervenção que, *como parteiro*, teve na *luta* ; e da qual resultou *a ordem* de execução para a pratica da *craniotomia*, isto é, a ordem para o sacrificio da neta—estivesse ella viva ou morta !........

Teria ainda de defendel-o de ter sido facil na escolha dos assistentes a ponto de sacrificar a *primogenita* á certas conveniencias familiares, politicas, sociaes, e... religiozas ! ! . . . .

Em todo caso, a sobreviver o *primeiro* fructo séria luta se travaria entre o Pai e a Filha, entre o genro e o sogro, isto é, entre um venerando *livre pensador* e dous rebeldes subditos da fé.

Melhor foi assim, como succedeo. Peló menos, tambem não ha *primogenitos*, e o herdeiro será algum dos muitos queridos.

Visto é que, se assim foi—como diz uma das versões—os *medicos assistentes* praticaram cousas sublimes,que os

recommendaram ao peito imperial, e ás honras do Estado !

Realmente, o procedimento do governo—galardoando a medicos que deveriam ser severamente censurados por terem procedido contra todos as regras da arte sobre o parto da Serenissima Princeza Imperial...é um facto que se presta a muitas e variadas versões, cada qual mais razoavel e provavel ! !

Reatemos.

Como disse nos meus artigos, tudo se achava nas melhores condições para que viessse ao mundo sãa e salva a primogenita de sua Alteza Imperial. E, por isso, tantos festejos haviam sido preparados pelo governo, na espectativa de um feliz exito.

E por isso tambem, entre a propria familia imperial deu-se esse conflicto de que tratou o Exm. Sr. Bispo do Pará em suas cartas dirigidas ao illustrado portuguez Saraiva—com relação ao perdão, no caso de realisar-se o esperado bom successo.

E se o Imperador não estivesse certo das melhores condições em que se achava sua filha para dar á luz—elle seria mais prompto em satisfazer ao pedido que lhe fizera a Serenissima Princeza—de dar o perdão dos Bispos ; e não rezistiria a ponto de produzir desgosto e magoa a quem estava prestes a passar naturalmente por algum risco.

Elle daria logo o —sim, se porventura tivesse certeza de *más condições* para as eventualidades do parto, e—contasse com menos servilidade da parte dos medicos assistentes.

Em todo caso, triste coincidencia !

..... Ao desejo de não *perdoar* o governo aos Bispos —por occasião do nascimento do primeiro fructo da Se-

renissima Princeza Imperial, seguio-se logo a *craniotomia* e a morte do producto, a termo, e nas melhores condições de vir ao mundo ! ! . . . .

Seguindo-se d'ahi o desapparecimento e a continuação do fallado—provavel conflicto !

§

Tudo achando-se assim nas melhores condições para um parto feliz, apparecem as primeiras dôres, a meia noite do dia 26 de Julho, e apresenta-se o feto pelo melhor modo possivel, como foi pela presentação dc apice do craneo e na primeira das quatro posições do occiput, bem conhecidas na pratica.

A assistente, como a escolhida em Paris para tão alto mister, toma o lugar que lhe não competia—visto haver tres parteiros da casa, e — dobra de cuidados.

Mas os *medieos assistentes*..... os *medicos assistentes*... os *medicos imperiaes* preferem a atitude peior possivel !... a do astuto ambicioso que trama, ainda tendo diante dos olhos uma grande parte da humanidade em sofirimento, comtanto que comsiga seus fins !........

O *medico legista*—esse.... arvorado ás pressas em *parteiro*—a dar avançadas á direita e á esquerda e a sacudir os hombros, levava de ouvido á ouvido o cochicho atrabiliario da intriga calculada contra aquella que *estava prestes* á encher-se de *glorias e de honras* ! . . . .

A parteira afamada devia por tanto cahir, e... cahio ! E a queda deveria ser precedida desse cortejo de desattenções, de chascos, que só bem sabem empregar os garôtos, mas que desapontam os que se prezam na consciencia do que são e no empenho de manterem o equilibrio nas acções.

Mas S. M. o Imperador não via nada disto! Tudo presenciou, procedendo como se vai ver.

O outro parteiro *já cançado*, embuçado em um capote, trazia a mão *encolhida* e inutil; e assim assistio á *luta*—com RESPONSABILIDADE E SEM RESPONSABILIDADE, para o que désse o *futuro*.

Unido ao parteiro *chimico*, que, como ficou dito, ostentava papel pouco serio, o parteiro—mestre trazia comtudo na mão *rheumatica* unhas bem aduncas para craval-as na assistente; mas com geito, e subtileza de um artista consummado! E o fez, porque a parteira cahio *com o forceps nas mãos!*

O outro era uma especie de cousa inerte, que se movia á acção dos dous valentes pretendentes ás honras do Estado: só estava á espera que lhe entregassem o instrumento mortifero. Ria-se, porém, a furto, em respeito a tão alto leito.

Entretanto, as cousas caminhavam á bom caminho até chegar ao ponto em que a simples intervenção da mão de um habil parteiro pudesse salvar a creança e com alguma facilidade!

Longe de carregar este quadro com negras côres, creia o illustrado publico que procuro tornal-o claro e bem claro.

Se a scena esteve triste e lamentavel, foi *sublime* para os parteiros, apezar das torturas do momento. E si foi dolorosa para a real parturiente, terrivel e fatal para a infeliz, cujo craneo foi perforado... não deixou de ser acerba para a assistente que veio de Paris—confiada, sem duvida, em que viria encontrar medicos e não algozes do seu renome, em torno ao leito da Princeza Imperial.

Aqui acode-me uma observação: Se os medicos assis-

tentes tinham seu amor proprio ferido com a vinda e presença da dita parturiente, por que não se retiraram da scena e a ella não deixaram que cahisse devidamente toda responsabilidade?

Por que presenciaram a *luta* — de principio a fim — deixando que essencialmente figurasse a assistente no *trabalho*; collocando-se elles, quasi como fazem os malfeitores, de alcatéa, para commetterem melhor suas escaramuças, mas sempre de modo a escaparem-se da responsabilidade?

Se não houve um crime premeditado — houve a *perforação do craneo* de uma creança, ainda viva ou na duvida de estar viva, como falla bem alto o baptismo — contra todas as regras da arte (todas...) sem excepção de uma só. E havendo, como houve, a perforação do craneo— sem motivo algum justificavel — deu-se grave culpa, e, portanto, acto reprovado, punivel, e nunca recommendavel á munificencia imperial.

Marchando, comtudo, o parto — porque a natureza ia actuando por sobre os caprichos e fraquezas humanas, deu-se a final a ruptura da *bolsa das aguas*.

Com isto estava tudo completo: estado geral da parturiente — optimo, nada de plethóra que reclamasse sangria, boa presentação ou a melhor do occiput; corrimento regular de liquido amniatico — a tempo; nada, emfim, de vicios de formação, de informidades e anomalias; colo dilatado e boas contracções uterinas... Ahi saber esperar era a grande sciencia e a grande pratica!

Mas até quando esperar?... Que cuidados, que responsabilidade, que deveres cercados da mais sã moral, da mais santa das leis divinas e humanas!... para com Deos, com a sociedade, com a familia, com a parturiente, e com

seu filho ainda nas entranhas... e na dependencia de um soccorro humano possivel e efficaz!

E este soccorro faltou! mas.... por culpa dos peritos — só talhados para os casos communs — que, por demais carregados de ambição e d'essa cegueira escrava das paixões ruins, tudo pozeram em risco! . . . .

Se a afamada parteira (a mesma que acabava de ser approvada na Faculdade d'esta côrte, e com louvor) começava a dar provas de fraqueza na occasião, deveriam ter tido os parteiros — mestres da *Imperial Casa* a precisa coragem para arredarem-na, e ahi intervirem a tempo, como cumpria-lhes.

Mas assim não succedeu: se a parteira tinha mêdo dos *parteiros da casa*, e mórmente do — maior de todos, estes com mais *mêdo* ainda estavam da parteira dilecta! . . . ., ... , ...

O certo é que, desenganados todos de que a cabeça do feto não descia e o parto não marchava, ninguem quiz tomar a si a responsabilidade; e, portanto, ainda mais demora e inuteis espectativas, já seguidas de politicas recriminações, se deram só em prejuizo da innocencia, cuja vida provavelmente começava a estar em perigo!

Então... logo o emprego do forceps!... O emprego de um meio mecanico e sempre delicado e difficil — sem que se soubesse das verdadeiras condições morbidas, em que se achava o producto e quaes as causas que actuavam no sentido de embaraçar a marcha natural do parto!...

Assim, tudo quanto houve de vital e ainda de espiritual, fugio aos *eximios* parteiros, e foi logo substituido pela força, e esta a mais mal dirigida possivel!!. . . . .

Emfim, mãos á obra!...

Difficil, trabalhosa ou impossivel é a boa manobra do

forceps, se é elle applicado, estando ainda a cabeça do feto — movel, no *estreito superior* e totalmente além do mesmo *estreito*.

Digo — movel no estreito superior — porque, na presentação pelo apice do craneo ou em alguma do occiput, nunca o utero fica de todo esgotado e cerrado sobre o feto; ha sempre mobilidade devida a algum liquido que resta, e a não fortes contracções sobre o producto — só proprias, como já disse em outro artigo, da presentação lateral em que, esgotado todo o liquido, podem sobrevir contracções até terriveis.

Mas, foi só para o que haviam de dar os escolhidos parteiros — escolhidos a dedo de *mestre!*....

Em vez da versão pelvianna, isto é, da introducção da mão e extracção do féto — ainda que ao depois fosse preciso o forceps para terminar o parto — logo o emprego do... forceps—ainda estando a cabeça pouco ou nada accessivel a este instrumento!....

E forceps d'aqui e forceps d'alli, á direita e á esquerda, abaixo e acima — passando de mãos a mãos, umas timidas, outras bruscas e até temerarias!... deu em resultado a mais perigosa delonga e o peior desfêcho. Porque era impossivel que semelhante instrumento, nas condições em que ainda se achava o craneo, lá em cima, no estreito superior e movel — podesse apprehender seguramente a cabeça do féto!

Perguntar-nos-hão, entretanto: Como sabeis que não se deu o emprego da mão? Respondo: Porque só se deu o emprego do forceps; por que o bom tempo da versão pelvianna passou desapercebido, e sob o dominio da parturiente — por descuido que houve da parte dos *sabios!*

Se a mão fosse empregada por mestre, e a tempo, o parto se teria effectuado sem bulha e nem matinada; assim

como, se mão de mestre lá houvesse — o forceps não teria sido empregado — antes de certa descida do craneo.

Um parto que offerece boa presentação (a melhor), boas condições da parturiente, nada de vicios de conformação e nem informidades da parte do féto, como foi visto; um parto, emfim, nas condições já por mim desenhadas tantas vezes, só póde reclamar logo o emprego do forceps — quando já o craneo tem descido a ponto de poder ser seguro pelo instrumento. Fóra disto só o emprego da mão é o meio pratico e salvador.

Quem seria, porém, o auctor de semelhante preceito : — rôtas as membranas, estando a grande circumferencia do craneo muito acima de estreito superior, empregar logo o *forceps* ? Como que ouço dizer ao parteiro chimico : foi a parteira !

Que fosse a parteira. E onde estava o *afamado parteiro* que não obstou o emprego de *forceps* contra os preceitos da arte ?

E se estava doente o *parteiro mestre*—o que lá foi fazer? E indo assistir talvez á *luta e observar a pericia* da parteira... porque ao menos, no perigo, não aconselhou ao Imperador que mandasse chamar, incontinente, a outros parteiros ? Não os havia no paiz ? Sim — havia-os ; e bem capazes de corajosamente procederem em torno desse leito, onde aliás se deram tristes scenas — raras até nas casas dos desvalidos !

Mas, emfim, não só o Sr. Dr. Feijó, pai (que nas cabeceiras dos doentes só ha doutores e não viscondes e barões ; isso só é lá para os dias de cortejo e dos lentejoulas) .. consentio na pratica de um erro grosseiro, como autorisou que continuassem os escandalos contra a vida da creança ;

escandalos que tambem tanto servirão de descredito á corporação medica do paiz—no estrangeiro.

Ah !,.. O motivo particular que então actuou em seu animo—só a Deos pertence aquilatar. Mas eu prevejo que o Sr. *visconde do máo successo* tinha tanto em mira ver a afamada parteira cahir, como salvar-se na *luta*, com sua dextra apadrinhada pela *irresponsabilidade* da *casa*.

Deu-se o seguinte, que o publico avaliará com o devido criterio.

« Certas occurrencias, levadas a certo ponto, em um parto e em pessoa de tão alta gerarchia, não pódem escapar á sciencia e censura publica.

Se a nova da *craniotomia*, do *traumatismo e mais traumatismo dos orgãos*, das *condições propicias ás eventualidades futuras* foram levadas aos prelos pelos *medicos assistentes* e pelo governo, não é muito que saiba o publico que a assistente de Paris *cahio* e cahio bem — em um laço, que lhe fôra armado pelos medicos assistentes á Serenissima Princeza Imperial. »

Com effeito: Um momento houve em que alguem tendo applicado o *forceps*, em pouco o cedera á assistente que, (coitada) por sua vez fraqueara no desejo de a ella caber a gloria de salvar os dous seres !

E recebendo ella o *forceps*, na persuasão de que estivesse bem applicado e, portanto, collocado de modo a abranger a cabeça do féto — foi mal succedida como não podia deixar de ser.

Com effeito, o forceps, visto a cabeça ainda não estar na excavação da bacia e sim muito acima e movel no estreito superior, mal tinha apprehendido as bossas parietaes e não a cabeça até ás faces.

Do que resultou que, empregando a assistente a força

necessaria para a extracção, escapulisse-lhe o forceps; e ella, com elle nas mãos, cahisse, de fio a comprido, no regio pavimento!...

Assim completou-se logo o triumpho dos medicos assistentes que, de semelhante e quasi inculpavel successo, offereceram a prova pratica aos credulos que presenciaram a triste scena — de que a parteira recommendada por um dos primeiros parteiros de Paris (Depeaul) não estava no caso de ter aceitado a alta missão de partejar a Princeza Imperial — frente a frente aos grandes vultos escolhidos e impostos pelo Imperador.

Se é verdade que um forceps mal applicado é logo conhecido por habil e pratico parteiro; por outro lado é certo que a confiança é cega e põe em risco ainda os mais habilitados pela pratica e pela experiencia.

Foi sem duvida o que succedeu á assistente que veio de Paris. Se ella desconfiasse da trama e do ardil, teria provavelmente verificado — se o forceps estava ou não bem applicado.

Culpa houve, portanto, de quem o applicou, e culpa grave, desde que se considere—que o forceps não póde ser levado ao utero e á cabeça do feto sem ser acompanhado pelos dedos do parteiro, excepto o polegar; dedos que devem ter olhos — se são elles bem experimentados.

Outro sim, o forceps póde ser mal applicado de varios modos: ou subindo mais um ramo além do outro, embora em attitude de abranger o craneo; ou collocando-se um ramo mais posteriormente ao outro, de modo que as fendas se não correspondam devidamente; ou quando as colheres, ainda sendo igualmente correspondentes, não sobem bastante para além da grande circunferencia do craneo até ás faces e anteriormente ás orelhas do féto ; o

que tudo, porém, no acto da articulação, é sempre verificado — até pela resistencia que se encontra no torção do eixo.

Tambem póde ser o forceps mal applicado — quando, em vez de segurar bem a cabeça no estreito superior e lateralmente ás faces, figura-se ao contrario seguro áquem da grande circunferencia do craneo, mas a custa do couro cabelludo que, enrugado, mormente no acto das tracções erradas, chega até a romper-se, quando não tem logar o escorregamento das colheres do instrumento, etc.

E' assim que póde o forceps escapulir, apezar de articulado, e cahir o parteiro com elle entre mãos, posto que sem culpa, ficando a cabeça do feto immovel, — se o instrumento fôr mal applicado e assim articulado por outrem.

Passado tão deploravel successo, foi naturalmente posta á margem a *afamada assistente*, que, apezar de conscia de seus deveres e da certeza da causa culpavel do incidente, não podia, na occasião, entrar em justificações, e nem antes dos *ajustes de contas*.

Mas, não parou-se ahi — com tão indevidas applicações de forceps, e estas sempre mal.

Outros insistiram na manobra, revelando cada qual, por sua vez, summa impericia, não só em applicar o forceps, estando a grande circunferencia do craneo acima do estreito superior e a cabeça facilmente sujeita a movimentos — por não estar engajada, como em applical-o tão mal, que a cada passo escorregava e fazia cair um *manobreiro!*

Não menos de tres boas quedas se deram nesse fatal parto — por indevida e pessima que foi a applicação do forceps!!...

Pessima applicação, que, só servindo para fatigar a par-

turiente e enchel-a de terror, não a contundira, comtudo, tanto, como se o forceps fôsse bem applicado em certas condições; porque, na má applicação e quando o forceps apenas toca o apice do craneo ou as bossas parietaes, se podem occorrer serios accidentes, estes não são certos ou podem deixar de dar-se: o que não succede se o forceps é *bem conduzido* — mas havendo forte resistencia por vicios e anomalias.

Neste caso, achando-se as colheres entre a cabeça do féto e as partes molles da bacia, que revestem os ossos, contundem sempre mais ou menos de encontro a estes, mormente se ha muitas tentativas infructiferas; o que muitas vezes succede no encravamento do craneo — ou devido a desproporção natural de diametros, ou ainda accidental occasionado por plethora, etc.

E' como se explica a cura do *traumatismo dos orgãos*, em tão pouco tempo, como disseram os famosos boletins!

Então, desenganados que o forceps nada fazia, lavrou o desanimo, e.... o feto lá não havia de ficar! E foi quando se resolveu — que tivesse logar o sacrificio da innocente, que, naquelle momento, talvez por si só tivesse os anjos para *transportal-a*, caso recebesse ella em tempo as aguas do baptismo.

Conta-se que então houve o silencio que precede sempre ao alarma. E após o que houve não faltaram parteiros... inclusive o *maior de todos*! A' desordem *scientifica* seguio-se a anarchia do desapontamento

Em extrahir, a todo o custo, o féto consistiu toda sciencia *tocologica* n'aquelle *precioso momento* — qual o que seguiu-se a *queda* da parteira de Paris e de outros!

Mãos a obra: dito e feito. E a perforação do craneo foi cousa de momento!! . . . .

O resto é facil de comprehender-se:

« O *feto já estava morto e bem morto* quando *se praticou* a *craniotomia*; o *baptismo foi ministrado na occasião em que o féto* estava *nos ultimos paroxismos* da vida ou *em grande risco! O que tudo foi previsto!* »

.... E para que a morte *fosse provada*, innovou se até a *putrefacção*, mas que foi seguida do devido *embalçamamento*, *baptismo* e *encommendação! ! !...*

E tudo isto foi preparado lá *no Olimpo* para baixar á planura dos *pobres mortaes* !... como um decreto da sciencia *infallivel* ou *irresponsavel ! !...*

Comtudo, nada ha que possa servir de escudo ao grande attentado contra a sciencia e a moral.

E insisto em uma pergunta.

Porque, nessa occasião em que se julgou em perigo a vida do féto, não intervieram os *eximios parteiros* com a *versão pelvianna?*

Entretanto, é certo que a morte ou não do feto, não é que determina *essencialmente* a escolha do meio necessario á reducção do craneo, não. O que *essencialmente* induz o pratico a empregar a *craniotomia*, é a desproporção entre os diametros da bacia e do craneo ou a impossibilidade organica na passagem.

O estar vivo o feto é uma circumstancia que póde e deve sempre retardar a perforação, se não está a parturiente em grande risco; é uma circumstancia que deve dar o que pensar ao pratico e á familia dos pacientes. Tanto mais que, em taes casos — de uma escolha entre duas vidas — nunca o pratico deve por si só resolver; a elle cumpre unicamente propôr as difficuldades, fazer sentir o risco, e as circumstancias relativas ao estado da mãi e do feto. Mas a vida do feto ahi não póde prevalecer

sobre a impossibilidade absoluta da passagem, apezar das forças naturaes, e tambem da mão e do forceps.

Mas, se estava morto o feto — qual a causa de sua morte ?

Si foi ella accidental, como confessaram os boletins, não podia ser a consequencia necessaria de alguma affecção geral; pois é certo que a Serenissima Princeza estava, antes das dôres, nas melhores condições; e que o feto nada apresentava que indicasse a sua morte — antes da meia noite do dia 26 de Julho.

Se houve accidente, foi depois do começo do parto: ora, não tendo havido plethora, existindo plena dilatação do colo, boas contracções, ruptura das bolsas das aguas a tempo, optima presentação... porque não intervieram logo, não removeram essa *causa accidental mortifera*... e não salvaram a creança?

A habeis praticos não escaparia certamente o momento do perigo, e a melhor opportunidade para intervirem e salvarem a vida do feto, e livrarem de grande risco a Serenissima Princeza.

Mas, dir-se-ha: *Contracções espasmodicas*, parciaes ou não, podem, logo depeis da ruptura da bolsa das aguas, impedir a versão pelvianna, isto é, a introducção da mão e a extracção do feto pelos pés; e isto podia ter havido.

Já disse, no meu primeiro artigo, que na presentação pelo apice do craneo nunca ha, como succede na presentação lateral, exgotamento completo das aguas e essa rigeza tetanica ou contracções permanentes que impossibilitam a versão; salvo se o parteiro descuidado deixa que as cousas corram á revelia, e que escape-lhe a boa opportunidade.

Ainda assim, recorrendo-se em tempo aos meios in-

ternos apropriados á boa modificação das contracções, quasi sempre consegue-se a versão, que é o meio proprio e não o emprego do forceps — estando a grande circunferencia da cabeça, como dissemos, além do estreito superior, e o craneo movel ás impressões dos instrumentos apropriados ou não á extracção.

Mas, em todo caso, ahi, como bem mostrei, nunca, nunca se póde resolver pela *craniotomia*. As contracções cedem sempre e a extracção se fará com o soccorro ou da mão ou do forceps — se não ha, como não havia no caso vertente, desproporção entre os diametros da cabeça do feto e da bacia da parturiente.

E digo mais: no caso figurado, se o forceps é empregado sem resultado — por estar a grande circumferencia do craneo acima do estreito superior e ainda movel — insistir é um erro gravissimo; tanto porque quasi sempre é trabalho inutil e arriscado, assim para o feto como para a parturiente, como porque esta póde soffrer em suas partes com o escorregamento do forceps—rupturas, laçerações, etc, e aquelle fortes contusões e rasgaduras do couro cabelludo, etc.

O grande meio é a versão pelvianna — que nem ao menos foi tentada, como de tudo se deprehende!

Mas, tanto era bom o estado do utero e regulares as contracções que, feita a *simples perforação do craneo* e, portanto, diminuido de algum modo o volume, já com a sahida de parte da massa cerebral e do sangue dos seios venosos, que não houve necessidade do cephalotribo como um violento e rapido reductor: o parto foi naturalmente terminado!

Se houvesse contracções espasmodicas parciaes ou não, ainda diminuido algum tanto o volume da cabeça do feto

pela perforação, continuaria provavelmente a acção morbida e a cabeça não desceria tão naturalmente, salvo se as contracções só dependessem do *encravamento*.

Por onde se collige tambem, que o estado do colo do utero era o melhor --- dilatado e flexivel.

Por que, pois, havia tanto escapulir o forceps ?

O que impediria a introducção da mão e a versáo pelvianna? E' extraordinario!!

Do conhecimento da elevação e posição da cabeça do féto é que depende a boa applicação do forceps. Foi talvez da falta de taes conhecimentos, falta sem duvida motivada por alguma tumefacção do couro cabelludo ou derramamento subcutaneo, que resultaram as constantes e indevidas applicações do forceps e outros tantos escorregamentos deste, e quedas dos manobradores!

Cabeça do féto elevada, applicação viciada do instrumento e má direcção das tracções, deram lugar á essa *luta* de que trataram os boletins para mais encarecerem o *trabalho!*

Escorregamentos do forceps só no sentido *vertical* (porque no horizontal só se daria se houvesse angustia pelvianna por falta de espaço para a introducção das colheres do forceps) causariam mais do que *os traumatismos dos boletins* se não fôra a Providencia Divina!...

Nunca se vio tanto desazo no parto de uma princeza!...

Pois bem : eis ahi os parteiros, que nada fazendo de bom e antes tudo turvaram, arriscaram e perderam, foram todavia galardoados por Sua Magestade o Imperador — apezar de ser avò da pobrezinha sacrificada!...

E a parteira? Esta.... tanto dinheiro recebeu que emmudeceu!...

E, segundo outra versão que corre, e na qual não

quero crer, lá foi o *parteiro chimico* á Paris mais emmudecer a assistente que, longe do paiz em que se lhe deu a queda, já andava lá a ralhar contra os causadores do *máo successo*.

Assim, se a todo o paiz espantou o procedimento dos parteiros da Serenissima Princeza Imperial, não podia deixar de admirar a facilidade com que o governo os galardoou.

Mas o governo, que é mais do que o paiz, vai zombando, como é costume, d'essa louca invisivel chamada — opinião publica! E *viscondados com grandeza, baronatos e cartas de conselhos* — são *raios de Jupiter* lançados sobre os *fracos — mortaes*, estes representantes *audazes* da opinião, em paizes governados por umá só vontade soberana.

Verdade é que, em algum dos meus artigos, disse eu: que a cabeça do féto não decêra á excavação da bacia ou nunca franqueara o estreito superior—por ter havido *curteza do cordão*. Mas isto não passou de uma conclusão logica fundada nestes principios: que, a não ter existido vicio de conformação, como não existe e confessaram os boletins; a não ter havido da parte da parturiente tumor algum morbido, existirem normaes contracções, uterinas, boa dilatação, nada de plethóra... só a *curteza do cordão* poderia impedir a decida da cabeça do féto.

Mas, tudo procurei figurar bem, com o fim essencial de provar que, em nem uma hypothese, podia, no caso vertente, ter de modo algum lugar o emprego da *craniotomia*.

Quando, nem da parte da mãi, nem do lado do féto ha desproporção de diametros, só pódem obstar a decida da cabeça e o engajamento, causando grande demora no parto —as congestões, a plethóra, a *curteza do cordãó*, a implantação da placenta no colo, as contracções parciaes e anor-

maes do utero, e a inercia d'este mesmo orgão ; accidentes todos contra os quaes conta felizmente a arte com meios mais ou menos certos e seguros sem entre elles entrar de modo algum a *craniotomía*.

Então é pela regra de exclusão que o bom pratico chega a conhecer a verdadeira causa da—*não decida* da cabeça e procura logo combatel-a.

Mas o que fizeram os *medieos assistentes* ? Em vez de procurarem entrar rapidamente *(occasio præceps)* no conhecimento da verdadeira causa do obstaculo, a decida do craneo, em vez de, em tempo, soccorrerem a creança...... nada fizeram ; e só se occuparam em empregar indevidamente o *forceps*, visto como a cabeça, em sua grande circumferencia, fóra ou ainda acima do estreito superior, só permittia que se dessem manobras perigosas e infructiferas com arriscados escorregamentos do *forceps !*

E, desenganados de que o *forceps* nada fazia (por que não era o meio apropriado contra a causa do mal) reccorreram á *craniotomia* por ordem superior !

Quanta indignidade, quanto atrevimento e desrespeito á sciencia e á moral !

Se a *não descida* do craneo não era devida á *curteza do cordão*, havia de ser a falta de contracções normaes e regulares do utero ; por que, quando as contracções deixam de existir em todo o orgão, que o fundo deste orgão deixa de actuar regularmente sobre o producto — segue-se, que a resultante das forças necessarias á expulsão, torna-se impossivel : a parturiente soffre, é certo, dôres as vezes horriveis, mas o parto não marcha ; e a cabeça, á cada contracção, figura-se descer e não desce—para subir de novo, á dest'arte occupar sempre o mesmo lugar. Por tanto, conhecer a causa do mal era o essencial ; e como fosse ella

sempre ignorada—sacrifica-se a primogenita e põe-se em serio risco a Serenissima Princeza Imperial !

Mas, dê-se que o féto já estivesse bem morto quando se praticou a *craniotomia* : qual a causa da morte ? O que ou quem o matou ? Nem uma só resposta ! até hoje !!...

Se por não ter-se—em tempo—empregado o meio salvador de um feto, póde este perecer e toda a responsabilidade não deixar de recahir sobre aquelle que o não empregou, é certo que, no caso vertente, muito concorreu para a morte — a applicação má e indevida do forceps, em vez da versão pelviana.

E se tambem a má e indevida applicação do forceps no primeiro fructo da Serenissima Princeza, como ficou bem demonstrado, podia matal-o, é evidente ainda por isto, que grande responsabilidade recahe sobre os *medicos assistentes* — como causadores da morte do feto e, portanto, de um verdadeiro infanticidio !

Não é presumivel que essas repetidas e infructiferas applicações de forceps, com tantas escorregaduras, só tivessem por fim extrahir um feto morto, e salvar a parturiente. Logo, á falta do verdadeiro soccorro da arte e ao indevido e desazado emprego do forceps, deve-se a morte— caso esta já existisse quando praticou-se a perforação do craneo. Porque, repito, apezar de tudo, podia não estar o féto morto quando se empregou a *craniotomia*, como já demonstrei, tanto por inducções logicas, como pelo baptismo —que é provavel fosse ministrado depois do desengano do forceps e quando se resolveu que fosse empregada a perforação do craneo.

Ia-nos escapando dizer o que asseverou-nos pessoa muito fidedigna — por ouvir de bocca da propria assistente de Pariz, antes de partir para a Europa :

Que até o Imperador chegou a intervir no parto— fazendo tracções no forceps — á face dos taes *medicos assistentes*, que, em vez de o impedirem, como lhes cumpria por honra da sciencia e propria dignidade— admiraram sua habilidade nas manobra da *obstetricia !*....

Tal foi a confiança que n'aquelle momento a Sua Magestade inspiráram os parteiros da *Imperial Casa* !....

Do que se deduz logicamente que — se foram galordoados, deve-se isso tambem á responsabilidade que tomára o Imperador na *luta*, vendo-se obrigado a soccorrer á sua prezada filha ; e á humildade com que se portaram os ricos *assistentes* diante d'essa indevida mas forçada intervenção.

Digo — indevida intervenção ; porque, desde que se propõe a intervir em uma semelhante operação pessoa não qualificada pela sciencia e pela pratica, mormente existindo em torno do leito escolhidos proficientes — ha neccessariamente desvio de regras, falta desse equilibrio que, em certas operações, salva a decencia e pela decencia o pudor.

E saiba mais o publico que, depois de tantas manobras infructiferas, por serem contra as regras da arte (se são capazes que o contestem ainda com documentos forjados na Europa) ; depois da supposição e nunca certeza da morte do féto, houve, como disse, uma especie de alarma ; quando então o Imperador levou as mãos á cabeça e julgou o caso perdido, isto é, a néta morta e a filha em grande risco !

O que tudo foi devido, não cessarei de dizer — á sua occasional intervenção, como parteiro, em um parto aliás nas melhores condições possiveis, como se deduz dos factos subsequentes á *luta* ; e mais ainda á falta de consciencia do dever e á fraqueza dos *medicos assistentes* — que não ti-

veram animo e nem se acharam com forças de resistirem ao rei para bem servirem ao rei!

Resistir ahi ao rei, consistia em, apenas, respeitosamente dizer a Sua Magestade: « Senhor! sois pai e monarcha, mas nós somos medicos. Assim....tudo se perderá! Se não podemos cumprir livremente com os nossos sagrados deveres junto ao leito de vossa filha Sua Alteza Imperial— permitti que nos retiremos. E se em nós depositaes toda confiança — ide esperar lá fóra pelo resultado, dando-nos assim liberdade de acção ».

Ora, se Sua Magestade foi um dos que, na *luta*, cahiram com o *forceps* e deu a *ordem* para a *craniotomia*, explicadas estão as *remunerações*.

E se houve demora na assignatura dos decretos, foi ella devida ao effeito manifesto dos meus artigos, e á espectativa da atitude que tomaria a imprensa na questão — mormente por ter apparecido no *Jornal do Commercio* e na *Reforma* alguns anonymos, que fustigavam os taes medicos assistentes á darem condigna resposta, em respeito ao publico e á propria dignidade.

Mas, vendo-se que as *gazetas* nada diziam, por si, a respeito do facto, posto estivesse na consciencia de todos— que o parto havia sido mal succedido por culpa reconhecida dos assistentes, antes que novos artigos concorressem á mais para permanencia da agitação publica, resolveu-se a publicação dos decretos, como meio de abafar o juizo da opinião geral que, no correr da calorosa discussão, poderia *descobrir cousas* que converia estivessem sempre no olvido.

O que se tem sempre praticado na politica, cumpria que não ficasse esquecido ou deixasse de ser bem applicado ao máo successo da Serenissima Princeza Imperial, e não como foi elle por mim discutido na alta imprensa do paiz.

A força do poder deveria intervir contra o vóto da opinião — embora servindo-se de um estupendo escandalo!

Os poderes fortes de mais não são para graças: tudo affrontam, certos de que, nos factos consummados, é que se firmam a justiça, a moralidade e o dever.

Quanto se enganam os homens por mais altos que sejam! . . . .

Do mesmo modo que o poder não foi capaz de embaraçar o juizo da opinião ácerca do sacrificio da néta do Imperador; do mesmo que não foi capaz de desfazer a impressão que causaram os meus artigos, e — que ainda hoje permanece inalteravel — apezar das *remunerações*, assim tambem será incapaz de riscar da historia estas palavras: —A primogenita da Princeza Imperial foi sacrificada á imperícia, á incuria, e á humildade quasi criminosa dos *medicos assistentes!* . . . .

.... E as remunerações sendo escandalos sobre escandalos, só serviram para mais comprovar que o paiz caminha para uma regeneração. Tal é o cumulo de miserias, de injustiças, de absurdos que, sob o nome de progresso e progresso espantoso, vão sendo rubricados e sellados por quem deveria representar a figura angelica da moral e da justiça no zimborio do paiz!

Dr. Carolino F. de Lima Santos.

DOCUMENTOS

I

PRIMEIRA NOTICIA APPARECIDA NA IMPRENSA SOBRE O MÁO SUCCESSO DE SUA ALTEZA

(*Jornal do Commercio*, de 28 de Julho de 1874)

« Não approuve á Divina Providencia que o Brazil saudasse o nascimento da Princeza do Grão-Pará.

« Ante-hontem (26 á meia-noite) começaram os incommodos de Sua Alteza Imperial a Sra. D. Isabel. Foi longo o soffrimento da augusta Princeza, e só terminou hoje ás 2 1/2 horas da madrugada. Infelizmente veio ao mundo sem vida o primeiro fructo do consorcio de Sua Alteza Imperial.

« Assistiram á augusta Princeza, desde as primeiras horas, os Srs. Drs. barão de Santa Isabel, Ferreira de Abreu e Souza Fontes. Hontem, a hora avançada da noite, foi chamado o Sr. Dr. Saboya para auxiliar o prolongado trabalho dos assistentes, se fosse precisa a continuação do emprego dos instrumentos cirurgicos, que reconheceu-se desnecessario.

« O estado geral de Sua Alteza Imperial não inspira receio até o momento em que escrevemos.

« Suas Magestades Imperiaes acudiram ao palacio Isabel desde que se manifestaram os primeiros symptomas.

« Lavrou-se o competente auto que foi assignado pelos Srs. ministros, presidentes das duas camaras, alguns conselheiros de estado e os semanarios de Suas Magestades e Altezas. » (*)

(*) Este — AUTO — assignado pelos ministros, e que não deixaria de conter o juizo dos *medicos assistentes* (inclusive o do Imperador) sobre a morte do féto e a necessidade da *craniotomia*, muito havia de concorrer para as *remunerações*!

II

BOLETIM DO DIA 28 DE JULHO DE 1874, O PRIMEIRO PUBLICADO NA GAZETA — NAÇÃO — DO DIA 29 DO MESMO MEZ, E EXTRAHIDO DO — DIARIO OFFICIAL

« A Princeza Imperial a Sra. D. Isabel conservou-se calma e tranquilla durante todo o dia, tendo por vezes conciliado somno reparador; atê este momento (10 horas da noite) felizmente nenhum accidente puerperal tem ameaçado a pessoa de Sua Alteza.

« O *estado moral* da Princeza é *muito satisfactorio*. (*)

« Palacio Isabel, 28 de Julho de 1874. — *Barão de Santa Isabel*. — Dr. *Francisco Ferreira de Abreu*. »

III

BOLETIM DO DIA 29 DE JULHO, PUBLICADO, DO — DIARIO OFFICIAL, NA MESMA GAZETA — NAÇÃO — DE 29 DE JULHO DE 1874

« Sua Alteza a Princeza Imperial passou tranquillamente a noite, dormindo por algumas horas.

« Tanto o estado geral, como o estado local, continuam satisfactorios até este momento (2 horas da tarde); não ha reacção febril, nem qualquer indicio de accidente puerperal.

« O estado geral é optimo.

« Palacio Isabel, 29 de Julho de 1874. — Dr. *Francisco Ferreira de Abreu*. »

N. B. Este boletim, como se vê, foi de 2 *horas da tarde*.

No mesmo dia 29 baixou o Dr. Francisco Ferreira de

(*) Embora houvesse passado por *tantos perigos*, e na certeza de ter perdido seu primeiro fructo — sem saber o como, porque naturalmente lhe haviam occultado a *craniotomia*, diz o boletim acima — que seu estado moral era muito satisfactorio!...

Abreu outro boletim, ás 10 horas da noite, concebido nestes termos: (*)

« Sua Alteza Imperial a Sra. D. Isabel, depois de haver passado tranquillamente a noite, conciliando somno reparador, por algumas horas, continuou em estado igualmente satisfactorio durante o dia.

« Os phenomenos physiologicos consecutivos ao parto progridem com regularidade.

« O estado geral de Sua Alteza é, até este momento (10 horas da noite), *bastânte lisongeiro*, tendo apresentado *apenas* nas ultimas quatro horas *ligeira ou moderada reacção febril, que attribuimos ao traumatismo dos orgãos*.

« O estado geral é excellente (**).Sua Alteza apresenta uma resignação admiravel.

« *Nenhum cuidado seriõ inspirá* (***), pois, até esta hora, o estado de Sua Alteza; não podemos todavia estar inteiramente tranquillos antes da evolução do quarto ou quinto dia.

« Palacio Isabel, 29 de Julho de 1874. — Dr. *Francisco Ferreira de Abreu.* »

IV

BOLETIM DO DIA 30 DE JULHO, EXTRAHIDO DO—DIARIO DO RIO, DE 31 DE JULHO DE 1874

« Sua Alteza a Princeza Imperial passou perfeitamente a noute, dormindo sem a menor agitação por cinco horas pouco mais ou menos.

(*) Veja-se *Diario do Rio* de 30 de Julho de 1874.

(**) Apezar da febre *(que não era de leite)* o estado geral de Sua Alteza era — *excellente!*

(***) Apezar da febre resultante do traumatismo dos orgãos, e de ainda se não ter passado o 5º dia da evolução — *Nenhum cuidado serio inspirava !*

Durante todo o dia conservou-se igualmente em condições favoraveis.

Estado *geral bom* ; reacção moderada pelas voltas das 3 horas da tarde, ao *despertar de um somno placido*, (*) a qual, porém, dissipou-se uma hora depois.

Nada de febre de leite.

Até esta hora (10 da noute) progridem as cousas favoravelmente, e estariamos já em perfeita tranquillidade e segurança sobre o estado de Sua Alteza, se não fôra o traumatismo dos orgãos, que ainda reclamará cuidados assiduos por alguns, dias. *Estado moral, optimo.*

Palacio Izabel, 30 de Julho de 1874. — *Barão de Santa Izabel.* — *Dr. Francisco Ferreira de Abreu.*

V

BOLETIM DE 31 DE JULHO, EXTRAHIDO DO— DIARIO DO RIO— DE 1 DE AGOSTO DE 1874.

« Sua Alteza a Princeza Imperial, depois de uma noite tranquilla, em que dormiu por algumas horas sem agitação alguma, apresentou-se pela manhã em estado geral muito sastifactorio.

A *reacção moderada*, que se manifestara hontem, succedeu uma ligeira transpiração geral, e na visita das 8 horas da manhã, em que se lhe *administrou o sulphato de quinina em vinho Laroche era completa a pirexia.* (**)

(*) Somno — *placido* — isto é, socegado, tranquillo...... em quem está em estado de reacção febril!...... é couza de bem difficil comprahensão !

Ahi— o *placido* só combina bem com o *optimo* do estado moral.

Assim, se Sua Alteza tivesse repousado, depois de haver dansado bastante em algum baile, ao depois, entre mil regozijos, se entregasse ao somno, na melhor saude, não teria certamente um somno mais sereno do que esse somno — *placido* — depois da *luta* e da *craniotomia !*

(**) No dia 29 pelas 3 horas da tarde apparece a Sua Alteza *ligeira reacção* febril— que *dissipou-se logo, uma hora depois.* E só ás oito horas da manhãa do dia 30 foi que se reconheceu que havia completa *a pirexia*—para se lhe dar o *sulphato em vinho Laroche.*

Entretanto, uma ligeira transpiração geral havia succedido á febre no dito dia 29—durára apenas uma hora ; e apezar de Sua Alteza ter passado a tarde e a noute tranquilla— sem a febre — só no dia seguinte, ás 8 horas, foi que se lhe poude dar o *ante-periodico* !!!......

No decurso do dia e até esta hora (10 da noite) nenhuma alteração apresentou o estado da enferma.

Os phenomenos physiologicos consecutivos ao parto progridem com regularidade.

Estado moral optimo; facies, magnifica; apetite.

O traumatisno dos orgãos modifica-se favoravelmente.

Palacio Izabel, 31 de Julho de 1874.— Barão de Santa Izabel. — Dr. *Francisco Ferreira de Abreu.*

VI

BOLETIM DO DIA 1° DE AGOSTO DE 1874, EXTRAHIDO DO JORNAL DO COMMERCIO DE 2 DE AGOSTO DE 1874

« As melhoras de Sua Alteza a Princeza Imperial progridem rapidamente. (*)

« Foi a noite de hontem tranquilla; somno reparador por cinco a seis horas; ligeira transpiração geral pela madrugada.

« Durante todo o dia conservou-se Sua Alteza em estado satisfactorio; e neste momento (10 horas da noite) está calma, sem o menor soffrimento, e prestes a conciliar o somno.

« Estado geral optimo. Bom appetite. Traumatismo dos orgãos muito favoravelmente modificado.

« Começam a dissipar-se *quaesquer apprehensões* sobre o estado de Sua Alteza.

« Palacio Isabel, 1° de Agosto de 1874. — Dr. *Francisco Ferreira de Abreu.* »

(*) Tudo sempre progredio rapidamente!

Tendo sido laborioso o parto sómente á custa de muita impericia... e *atropello* que causaram a morte do féto; caso a *craniotomia* fosse empregada como salvaguarda de bem firmadas reputações — não admiraria a certeza de que tudo correria, depois da *luta*, sempre do melhor modo possivel!!

Assim... os boletins poderiam ter sido até preparados — antes da *famosa luta*.

VII

BOLETIM DO DIA 2 DE AGOSTO DE 1874, EXTRAHIDO DO JORNAL DO COMMERCIO DE 3 DE AGOSTO DE 1874

« As melhoras de Sua Alteza a Princeza Imperial progridem rapidamente.

« Tendo passado tranquillamente a noite em somno reparador, conservou-se durante todo o dia e até esta hora (10 da noite) em condições *mui lisongeiras*.

« Estado geral *optimo*.

« Traumatismo dos orgãos em via de *cura*.

« Temos por isto a satisfação de annunciar que se dissipam quaesquer apprehensões sobre o estado de Sua Alteza: *e não tardaremos provavelmente a declarar a Princeza em plena couvalescença*. (*)

« Palacio Isabel, 2 de Agosto de 1874, ás 10 horas da noite. — *Barão de Santa Izabel*.—Dr. *Francisco Ferreira de Abreu*.

VIII

BOLETIM DE 3 DE AGOSTO DE 1874, EXTRAHIDO DO—DIARIO DO RIO—DE 4 DE AGOSTO DE 1874

« Sua Alteza a Princeza Imperial acha-se, emfim, graças á Providencia, em *condições inteiramente satisfactorias*, não só emquanto ao estado geral, mas tambem em *relação ao estado local*, ficando o *seu organismo*, que

---

(*) No dia 2 de Agosto se disse: « *não tardaremos provavelmente a declarar a Princeza* em plena convalescença. » Logo no dia seguinte -- declarou-se Sua Alteza em *plena convalescença!*

Parece que o boletim do dia 3 já estava elaborado quando se publicou o do dia 2! Porque—*o não tardaremos provavelmente* —do dia 2, envolve duas idéas: a demora de mais dias para a *declaração da plena convalescença*, e a duvida de que ainda se podesse fazer a dita declaração.

Visto é que muito calculo andou sempre—em todo esse *muito bom successo*.

apenas reclama ainda alguns pequenos cuidados, em condições normaes e *propicias ás eventualidades futuras.* (*)

« Desde este momento declaramos Sua Alteza Imperial em plena convalescença, pelo que nos congratulamos com o paiz, *nada restando da luta além da dolorosa reminiscencia da morte do féto, accidente aliás annunciado em tempo, antes de qualquer intervenção cirurgica, e que infelizmente nada teria podido acautelar.*

« Suspendemos, em consequencia, a publicação de nossos boletins.

« Palacio Isabel, 3 de Agosto de 1874. — *Barão de Santa Isabel.* — Dr. *Francisco Ferreira de Abreu.* »

IX

COMMUNICAÇÃO AO SENADO

Lê-se no *Diario do Rio* de 29 de Julho de 1874 :

. . . « O Sr. presidente pedio permissão ao orador para interrompêl-o, afim de serem lidos os seguintes officios que acabavam de ser recebidos:

« 1.° Do ministerio do imperio, participando, em resposta ao do senado de 25 do corrente, que *em razão do desgosto porque acaba de passar* a familia imperial, não haverá cortejo hoje. — Ficou o senado inteirado.

« 2.° Do mesmo ministerio, communicando, que hoje pelas 2 1/2 horas da madrugada Sua Alteza a Serenissima Princeza a Sra. D. Isabel deu á luz, *a termo*, uma princeza que foi extrahida morta *depois da craniotomia.*

« O Sr. presidente disse:

« O senado recebe com muito pezar a noticia deste

(*) Quanto respeito não vai ahi para com a familia imperial!
Quanta moralidade e delicadeza no modo de relatar o estado physico e condições normaes de Sua Alteza Imperial!
Quanto ao mais, apenas chamo a attenção do leitor para as palavras em italico do segundo paragrapho.

máo successo, e dirige ao Todo Poderoso os mais sinceros e ardentes votos pela conservação da saude de Sua Alteza a Princeza Imperial; assim proponho que, em resposta á communicação que acaba de ser lida, o senado envie uma deputação á augusta presença de Sua Magestade o Imperador para exprimir taes sentimentos e taes votos. » (*)

X

COMMUNICAÇÃO Á CAMARA DOS DEPUTADOS PELO MINISTERIO DO IMPERIO

Diz o *Diario do Rio* de 29 de Julho de 1874 — resumindo os trabalhos da camara dos deputados:

« .... Em seguida o 1° secretario leu os seguintes officios do ministerio do imperio, datados de 28 do corrente :

« O 1°, communicando, em resposta, que, em razão do desgosto por que acaba de passar a familia imperial, não haverá cortejo amanhã. — A camara ficou inteirada.

« O 2°, communicando tambem que hoje, pelas 2 1/2 horas da manhã, Sua Alteza a Serenissima Princeza a Sra. D. Isabel dera á luz, a termo, uma princeza, que foi extrahida morta depois da craniotomia.

(*) Ahi ha a notar-se — que o que causava tanto desgôsto á familia imperial fosse motivo para baixar-se decretos de *visçondes com grandeza*, de barões e de conselheiros ! ! . . . .

Sim: a craniotomia com todos os precedentes e consequentes, e a morte da princeza a termo, sem se saber por que — deram em resultado — *altas remunerações!!*. . . . .

Ha mais a notar-se a antithese entre o bom senso na proposta do presidente do senado — manifestando pezar pelo *máo successo* e ao mesmo tempo fazendo votos ao Todo Poderoso pela saude de Sua Alteza, e a *satisfacão* e *pezar* ao mesmo tempo do presidente da camara dos deputados.

O que prova que S. Ex., o Sr. presidente do senado, fallou fóra da *influencia dos medicos assistentes*, e sem a triste pressão das conveniencias individuaes.

Resta uma observação, porém, que é equivalente a um simples reparo, mas nunca offensivo, e vem a ser: — que as propostas somente solicitassem das camaras deputações á augusta presença de Sua Magestade o Imperador — excluindo certamente a Sua Magestade a Imperatriz e a seu augusto genro — pai da victima.

« Finda a leitura o presidente dirigio á camara as seguintes palavras :

« A camara recebe com muito pezar esta noticia; e sabendo com grande satisfação *que ficou salva* a preciosa vida de Sua Alteza a Princeza Imperial, pela qual dirige ao Todo Poderoso os mais sinceros e ardentes votos, proponho que a camara, em resposta á communicação que acaba de ser lida, leve, por meio de uma deputação, á augusta presença de Sua Magestade o Imperador a expressão de taes sentimentos e de taes votos. » (*)

XI

FALLA DO THRONO COM QUE FOI ABERTA A 3ª SECÇÃO DA DECIMA-QUINTA LEGISLATURA

Entre outras cousas, diz:

« Graças á Divina Providencia, a tranquillidade publica conserva-se *inabalavel*, e o Brazil prospera sob a influencia deste grande beneficio.

« As *ultimas noticias* que tive de minha prezada filha a Princeza Imperial, condessa d'Eu, *trouxerão-me a grata certeza de que achava-se de esperanças*. Em taes circumstancias devia regressar ao Brazil, para satisfazer

---

(*) Assim (como disse no meu primeiro artigo) entre *muito pezar* e *grande satisfação ao mesmo tempo*, o Sr. conselheiro Corrêa, *presidente da camara dos deputados*, pôde asseverar á camara, logo no dia 28 — que já estava salva Sua Alteza... apezar da *luta* de 28 horas, do *traumatismo dos orgãos*, tão fallado nos boletins e que estavam na dependencia da *evolução do 4º ou 5º dia*, e emfim da *craniotomia*, que não é negocio para graças !

Assim, andou o Sr. presidente bem adiante até das *apprehensões dos medieos assistentes* confessadas nos boletins, e das *evoluções* inherentes a tantos *traumatismos* seguidos á *craniotomia!*! . . . .

E por que assim pronunciou-se o Sr. conselheiro Corrêa? Por culpa dos *assistentes*. Foram elles que, no *auto* que se lavrara, depois de extrahido ou antes de ter sido o parto terminado pelas forças da natureza, metteram-lhe na cabeça — que Sua Alteza ja estava salva !

Que medicos de pulso !!...

Entretantô, aplainou ou não assim o Sr. presidente da camara dos deputados o caminho ás *remunerações* ? Estava tudo *assentado*. E a *pinguella* por onde deveriam salvar-se os *perdidos*, foi logo lançada pelo generoso e grato Sr. conselheiro Corrêa.

uma das condições do contracto matrimonial, mas *talvez se veja obrigada a evitar tão longa viagem, seguindo o parecer de autoridades medicas.* » (*)

Eis o que contém essa *falla* relativamente á questão.

XII

FALLA DO THRONO — DO ENCERRAMENTO — NA 3ª SESSÃO DA DECIMA-QUINTA LEGISLATURA

« Augustos e dignissimos senhores representantes da nação.

« Agradeço-vos mais uma vez os sentimentos que me expressastes por occasião do máo successo de minha muito prezada filha, a Princeza Imperial, que, mercê de Deos, já se acha restabelecida.

« O socego publico não foi perturbado, etc., etc. » (**)

XIII

QUANTO AO BAPTISMO.

Diz o *Apostolo* de 5 de Agosto de 1874.

« . . . . Temos a satisfação de declarar aos

(*) Se houve parecer de autoridades medicas contra a longa viagem, não foi certamente a falta de cumprimento desse parecer que deu lugar á *morte accidental* do féto e á necessidade do emprego da *craniotomia.*

A longa viagem nunca produziria diminuição dos diametros da bacia ou vicio de conformação, e nem augmento de volume da cabeça do féto, que são as condições que podem reclamar a *craniotomia* — quando o feto é a termo e de tamanho natural.

Fóra das mencionadas condições que reclamam a *craniotomia* e que não ha viagem que as produza (a curta viagem de quinze dias em bons vapores), a historia da viagem como justificativa da *craniotomia* seria até para causar riso.

(**) Eis tudo quanto disse essa *falla* sobre a que deveria ser Princeza do Grão-Pará, que nasceo—a termo—e morta *depois da craniotomia*!..........

A filha de Sua Alteza Imperial (*como disse a Nação de 29 de Julho*) que foi baptisada, antes de ser morta pela *craniotomia;* e que, depois de nascida, foi collocada em caixão de zinco, forrado de cédro e coberto de velludo carmezim, com galão de ouro, conduzida em um coche da casa imperial para o convento da Ajuda!... Que ahi foi encerrada em uma urna —*procedendo-se á encommendação* pelo governador do bispado, e cuja urna foi depositada no monumento em que repousam os restos mortaes da primeira Imperatriz..... essa primogenita foi com tudo tratada, como já disse nos meus artigos—como se fosse um polypo do qual ficasse desembaraçada a Princeza Imperial !!...

Realmente: só tendo sido Sua Alteza desembaraçada de um grande polypo, e mediante uma difficil e grave operação — poderiam seguir-se tantas *remunerações* aos operadores!!

nossos assignantes e ao publico que, segundo este ultimo boletim (mais explicito) dos distinctos facultativos que assistiram á Serenissima Princeza Imperial, a morte do féto foi inteiramente *casual* e a operação cirurgica feita sobre o cadaver.

« Igualmente nos consta hoje de *fonte limpa* que o baptismo, administrado pela distincta parteira que accompanhou a augusta Princeza em sua viagem á Europa, fôra levado ao féto ainda vivo dentro do utero.

« Com summo prazer registramos aqui estes dous factos, que vem tirar um grande pezo de sobre os corações brazileiros (*por ter sido a morte do féto inteiramente casual*) — e alliviar as consciencias catholicas; pois deste modo nem foi violada a moral christã, nem violados os canones da Egreja » (*)

XIV

QUANTO AO ENTERRO.

A *Nação*, de 29 de Julho de 1874 publicou o seguinte:

« O cadaver da filha de S. A. I. a Senhora D. Izabel, collocado em um caixão de zinco, forrado de cédro e coberto de velludo carmezim, com galão de ouro, foi conduzido hontem, as 5 horas da tarde, em um coche da casa Imperial, do palacio das Larangeiras ao convento da Ajuda.

« Chegado a este templo, que se achava litteralmente

(*) Já mostrei que nunca houve tal certeza da morte do féto—antes da *craniotomia*; e que sendo a morte por *accidente imprevisto* e *casual* escapou ás vistas dos assistentes o momento em que se dera o perigo de vida do féto para se lhe ministrar ahi o baptismo. E o *Apostolo* deveria saber que o baptismo não é sómento ministrado — quando ha certeza da vida: muitas vezes é *sub-conditione*.

E se haviam *parteiros assistentes*, como foi ministrado o baptismo pela assistente?— O que até é contra preceito da Egreja e á pratica estabelecida!

Havendo duvida, como sempre houve, sobre avida ou morte do féto, antes da operação, se houve baptismo (como devo crer) foi este ministrado—quando se resolveo a pratica da craniotomia. Conseguintemente não podem as consciencias catholicas estar aliviadas—tanto porque não foi competente a pessoa que baptisou, como por ser praticada a *craniotomia* na duvida pelo menos de estar viva a creança.

cheio de povo, foi o corpo encerrado em uma urna, procedendo-se á ceremonia da encommendação, que foi feita por monsenhor Felix de Albuquerque, governador geral do Bispado.

« A urna foi depositada no monumento em que repousavam os restos mortaes da primeira imperatriz do Brazil, D. Maria Leopoldina.

« Acompanharam o coche, que conduzio o corpo da que devera ser Princeza do Grão-Pará, os Senhores senador barão de Cotigipe, barão de Nogueira da Gama, mordomo da casa Imperial, visconde de Lages, veador, e Martins Pinheiro, guarda-roupa. (*)

XV

DESPACHO DAS CONDECORAÇÕES OU REMUNERAÇÕES DOS MEDICOS ASSISTENTES. (**)

Ministerio do Imperio. — Por despacho de 23 do corrente mez, foram elevados:

O barão de Santa Isabel a visconde do mesmo nome, com as honras de grandeza. (***)

(*) Apezar de tudo isto—baptismo, encommendação, caixão de velludo carmezim, galões de ouro, coches imperiaes, e acompanhamento de tantos barões, mordomos e viscondes; apezar de haver sido a urna depositada no monumento em que repousavam os restos mortaes da primeira Imperatriz..... não mereceo a *desditosa* ser mencionada na falla do throno!!.... N'esta só foi ella um féto morto, *nascido já putrido* — depois da *craniotomia*!!!...

(**) *Jornal do Commercio* de 29 de Setembro de 1874.

(***) *« O barão de Santa Isabel a visconde do mesmo nome, com as honras de grandeza. »*

....Havia-se dado por doente, não tocou a enferma, e por conseguinte pouco ou nada podia scientificar e conscienciosamente asseverar quanto á causa do mal e á natureza de seus effeitos. Conseguintemente nem o forceps puchou ou experimentou, porque se achava com a mão *rheumatica* — como asseverou a muita gente, em defeza propria, depois da publicação do meu primeiro artigo. Emfim, ahi nada absolutamente fez — a não ser preparar *uma queda*.

Tinha viajado á custa do Estado, e na melhor *convivencia* passado vida de regalos !

Emfim, procurou sempre livrar-se de qualquer responsabilidade em tudo quanto foi especialmente relativo ao féto; e carregou com tudo quanto se prendeu á pessoa de Sua Alteza — depois de desembaraçada do producto !

Assim mesmo alguns boletins deixou de assignar *antes da evolução* do 5º dia !

Devendo, porém, se oppôr á *craniotomia* — como desnecessaria, visto ter sciencia (de Pariz) do bom estado de Sua Alteza e não ser o caso para semelhante operação — votou por ella sem sciencia e consciencia !

Eis os serviços que mereceram um *viscondado* e com *grandeza* !

Fez-se mercê dos titulos:

De barão de Theresopolis ao conselheiro Francisco Ferreira de Abreu. (*)

Do Conselho de S. M. o Imperador ao Dr. José Ribeiro de Souza Fontes. (**)

(*) « *De barão de Theresopolis ao conselheiro Francisco Ferreira de Abreu.* »

Não havia muito que tinham-lhe dado o titulo de conselho — sem nada ter feito de notavel!. . . . .

No parto da Serenissima Princeza, porém, fez tudo. De *chimico-legista* arvorou-se em parteiro da *casa*, e...... *brilhou*!. . . . .

Agora sim: foi á Paris estudar bem *obstetricia — para as eventualidades futuras*, deixando tudo em condições normaes e propicias.

(**) Por ter sido o fiel executor da *ordem* para a *craniotomia*.

ERRATAS

Apezar de todo o cuidado dado á revisão, escaparam alguns erros, que rogamos aos leitores se dignem de os emendar antes da leitura, para que assim não soffra o sentido de cada phrase a menor alteração.

Outros erros ha que são de facil supprimento e que não é preciso notar.

PAGS.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
3 (*Introd.*)	15	e o *Diario da Bahia*	e um diario da Bahia
27	19	que é muitas	que é muitas vezes
35	12	maxilar	maxillar
41	4	horas de noite	da noute
42	4	de proceder	do proceder
52	5	propricias	propicias
53	5	parturidades	paridas
53	8	cautelosos em suas	em seus
53	12	para seria, etc.	séria
59	24	acostumados	consummados
61	29	é deixar passar, etc.	em deixar passar
64	6	podossem	pudessem
64	17	coilegas	collegas
66	3	para que hão insistir	hão de insistir
68	28	geração	gestação
75	13	como vista	como foi vista
75	28	procedencia, etc.	procidencia
77	13	procedencia, etc.	procidencia
77	14	os eximinios	eximios
78	2	resmungao	resmungão
80	31	os direitos da justiça	os direitos e a justiça
98	5	em que bem figurado jogo, etc.	bem figurado o jogo de xadrez
103	2	parturiente	parteira.

ANALYSE

SCIENTIFICA E PRATICA

SOBRE A

CRANIOTOMIA

COM

RELAÇÃO AO MAO SUCCESSO DA SERENISSIMA PRINCEZA IMPERIAL

A SRA. D. IZABEL

PELO

DR. CAROLINO FRANCISCO DE LIMA SANTOS

MEDICO E OPERADOR

RIO DE JANEIRO

Typ. da GAZETA JURIDICA, rua do Carmo n. 42

1875